

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ– UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NIVEL: MESTRADO**

**JANAINA RODRIGUES DOS SANTOS**

**TRABALHADORES NA VILA ELETROSUL:  
DISCUTINDO TRAJETÓRIAS E SENTIDOS SOBRE O VIVER A CIDADE  
(GUAÍRA, 1980-2015)**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
2017**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ– UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL: MESTRADO**

**JANAINA RODRIGUES DOS SANTOS**

**TRABALHADORES NA VILA ELETROSUL:  
DISCUTINDO TRAJETÓRIAS E SENTIDOS SOBRE O VIVER A CIDADE  
(GUAÍRA, 1980-2015)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Área de concentração: História, Poder e Práticas sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S237t Santos, Janaina Rodrigues dos  
Trabalhadores na Vila Eletrosul: discutindo trajetórias e sentidos sobre  
viver a cidade (Guaira, 1980-2015). / Janaina Rodrigues dos Santos.—  
Marechal Cândido Rondon, 2017.  
100 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná,  
Campus de Marechal Cândido Rondon, 2017.  
Programa de Pós-Graduação em História

1. Trabalhadores. I. Freitas, Sheille Soares de. II. Universidade Estadual  
do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 331.11  
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio – CRB 9ª/965



**unioeste**  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br  
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
Marechal Cândido Rondon - PR.




**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

### Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE JANAINA RODRIGUES DOS SANTOS, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 31 dia(s) do mês de março de 2017 às 14h00min, no(a) UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Janaina Rodrigues dos Santos, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Sheille Soares de Freitas, Davi Felix Schreiner, Rejane Meireles Amaral Rodrigues, Carlos Meneses de Sousa Santos. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Sheille Soares de Freitas, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: Trabalhadores na Vila Eletrosul: discutindo trajetórias e sentidos sobre o viver a cidade (Guaira, 1980-2015). O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Davi Felix Schreiner, Rejane Meireles Amaral Rodrigues, Carlos Meneses de Sousa Santos. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. O(A) CANDIDATO(A) FARÁ JUS AO TÍTULO DE MESTRE(A) EM HISTÓRIA APÓS CUMPRIR TODOS OS REQUISITOS DO REGULAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

  
Orientador(a) - Sheille Soares de Freitas  
Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon

  
Rejane Meireles Amaral Rodrigues  
UNIMONTES

  
Davi Felix Schreiner  
Unioeste - Campus de Marechal C. Rondon

  
Carlos Meneses de Sousa Santos

  
Janaina Rodrigues dos Santos  
Candidata

  
Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**  
GOVERNO DO ESTADO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
- MESTRADO E DOUTORADO - UNIOESTE

**PARECER DESCRITIVO**

Título da Dissertação: *Trabalhadores na Vila Eletrosul: discutindo trajetórias e sentidos sobre o viver a cidade (Guaira, 1980-2015).*

Nome do concluinte: **Janaina Rodrigues dos Santos**

Integrantes da Banca: Prof.ª, Dr.ª, Sheille Soares de Freitas (orientadora) (UNIOESTE), Prof. Dr. Davi. Felix Schreiner (UNIOESTE), Prof.ª, Dr.ª, Rejane Meireles Amaral Rodrigues (UNIMONTES), Prof. Dr. Carlos Meneses de Sousa Santos

Parecer:

<i>Após arguição a banca considerou o trabalho aprovado</i>

Marechal Cândido Rondon, 31 de março de 2017.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e à intercessão de Nossa Senhora.

À minha família, embora longe em distância, mas perto no coração.

Aos meus pais, pelo sim à vida; aliás, por me darem o direito de viver.

Obrigada pela educação, pelo amor e por todo sacrifício que fizeram pela minha criação e pelos meus estudos. Vocês são o exemplo que levarei pela vida toda.

Aos meus amigos de caminhada: Carla, Dayane, Edson, Leonardo, Ary, Débora, Thiago, Flordelis, Antônio, Schaiane, Helder, Fabiana, Wânder, Daiane, Kellin, Aretusa, Maira e Cleverson, que tanto me ouviram por tantos anos de presença e, principalmente, nesses últimos dias, sempre incentivando.

Ao Henrique, meu amigo: eu não tenho palavras para esclarecer minha gratidão, muito obrigada por há seis anos atrás tirar um pouco de seu tempo para me falar da famosa “história”. Já perdi a conta de quantas vezes te procurei e, de certo, ainda vou procurar. Se hoje a base é sólida, foi porque nesse tempo todo você me ensinou muita coisa. Muito obrigada novamente.

Às minhas amigas das Ciências Aplicadas: Gabriela, Izabele e Patrícia, por todo companheirismo, obrigada pela amizade.

Mayara e Natália, por todos os dias perguntarem da dissertação e por se empolgarem com todo esse cuidado que a psicologia desenvolveu em vocês. Obrigada meninas pelas risadas e por lembrarem que em algum momento tudo iria dar certo, que venham mais longos anos de amizades.

Aos colegas da graduação: Lucas, Gabriela, Fran, Alessandro e Lucas Fano. Os cafés, coca-colas e almoço, fazem falta. Obrigada.

Aos Professores Rejane e Davi, por disporem de tempo para a leitura e indicações nesta pesquisa.

Ao Professor Carlos, agradeço pelas discussões e provocações ao longo da pesquisa, por sempre retomar o essencial, pelas indagações que visivelmente eu não sabia responder, mas que me levaram a chegar em casa e procurar respostas. Muito obrigado.

E, por último, mas não menos importante: Professora Sheille, não sei por quantas vezes ainda iremos nos esbarrar nessa vida, eu não tenho palavras que expressem a minha gratidão. Obrigada por todos esses anos de orientação, principalmente pela paciência, por ser uma excelente professora, com dedicação naquilo que executa, mas, sobretudo, por ser uma pessoa tão íntegra e corajosa. Muito, muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho tem como pretensão discutir quais as práticas e sentidos construídos pelos trabalhadores que residem no bairro Vila Eletrosul, localizado na cidade de Guaíra- PR do início da década de 1980 a 2015. Procuro explorar para além dos “moldes” de como foi construído esse bairro - que advém da formação de uma Vila Operária em uma área escolhida no início de 1980 para alojamento de trabalhadores, vinculados à construção da Usina Ilha Grande, sendo que, posteriormente, com o cancelamento da obra, toda essa região foi, aos poucos, incorporada como bairro do perímetro urbano. Diante disso, interessa ver como os trabalhadores avaliam o bairro nos dias atuais, ou seja, perceber como o Eletrosul se tornou e tem se tornado uma possibilidade de destino dos trabalhadores. O esforço empreendido então é no sentido de dar visibilidade a ação desses sujeitos na produção do seu modo de vida no bairro e, também, como essa produção do bairro se coloca como discussão para o acesso e o direito de pertencimento à cidade. Para essa investigação, as fontes utilizadas foram: fichas de acompanhamento familiar de assistente de saúde do Eletrosul; atas das reuniões da associação do bairro; reportagens do site da câmara dos vereadores; matérias do Jornal Ilha Grande; entrevistas realizadas com trabalhadores, fotografias; dentre outros materiais que permitiram identificar interpretações, conflitos e valores que são “compartilhados e confrontados” com alterações na sua dinâmica na cidade (relacionadas a trabalho, moradia, custo de vida etc.). Ao fazer esse encaminhamento, interessa perceber, a trajetória desses trabalhadores, relacionando-a com a discussão sobre a produção de memórias, direito à cidade, as práticas e significados formulados por eles sobre sua experiência social em Guaíra no decorrer da temporalidade em destaque.

**Palavras-chaves:** Trabalhadores, Cidade, Vila Eletrosul.

## **RESUMEN**

El presente trabajo tiene como pretensión discutir cuáles son las prácticas y sentidos construidos por los trabajadores que residen en el barrio Vila Eletrosul, ubicado en la ciudad de Guaíra- PR desde el inicio de la década de 1980 a 2015. Procuro explorar más allá de los "moldes" de cómo fue construido Este barrio - que viene de la formación de una Vila Obrera en un área elegida a principios de 1980 para alojamiento de trabajadores, vinculados a la construcción de la Usina Ilha Grande, siendo que, posteriormente, con la cancelación de la obra, toda esa región fue, poco a poco, Incorporada como barrio del perímetro urbano. Ante esto, interesa ver cómo los trabajadores evalúan el barrio en los días actuales, es decir, percibir cómo el Eletrosul se ha convertido y se ha convertido en una posibilidad de destino de los trabajadores. El esfuerzo emprendido entonces es en el sentido de dar visibilidad a la acción de esos sujetos en la producción de su modo de vida en el barrio y, también, cómo esa producción del barrio se plantea como discusión para el acceso y el derecho de pertenencia a la ciudad. Para esa investigación, las fuentes utilizadas fueron: fichas de acompañamiento familiar de asistente de salud de Eletrosul; De las reuniones de la asociación del barrio; Reportajes del sitio de la cámara de los concejales; Y en el caso de las mujeres. Entrevistas realizadas con trabajadores, fotografías; Entre otros materiales que permitieron identificar interpretaciones, conflictos y valores que son "compartidos y confrontados" con cambios en su dinámica en la ciudad (relacionados con trabajo, vivienda, costo de vida, etc.). Al hacer este encaminamiento, interesa percibir, la trayectoria de esos trabajadores, relacionándola con la discusión sobre la producción de memorias, derecho a la ciudad, las prácticas y significados formulados por ellos sobre su experiencia social en Guaíra en el transcurso de la temporalidad en destaque.

**PALABRAS CLAVE:** Trabajadores, Ciudad, Eletrosul Village.



## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	10
<b>CAPÍTULO I</b>	
“No mais está tudo bem”? Caminhos dos trabalhadores, percursos em Guaíra	29
<b>CAPÍTULO II</b>	
Modos de viver, modos de lutar: direitos à cidade em discussão no Eletrosul	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	95
<b>FONTES</b>	97
<b>REFERÊNCIAS</b>	99

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A produção desse trabalho partiu de um incômodo que não foi provocado ou identificado da noite para o dia. Penso que ao nos debruçarmos na investigação histórica, muitos desses caminhos são tão expressivos quanto a materialização da escrita, entendo que o processo de levantamento de documentação, as perguntas colocadas para as fontes (juntamente com a busca de respostas) acompanha o historiador nas escolhas de pesquisa.

Retomo aqui parte da minha trajetória acadêmica para falar desse processo. Ao chegar ao final do meu Trabalho de Conclusão de Concurso em 2014, no curso de História/UNIOESTE. Naquele momento, o caminho adotado foi partir da cidade, problematizando as alternativas e modos com que parte dos trabalhadores do Eletrosul acionou e utilizou o serviço público de saúde (SANTOS, 2014).

Em todo o processo de levantamento de fontes procurei materiais que ajudassem a compor essa questão. O bairro Vila Eletrosul “surgiu” como espaço dessas relações, principalmente diante da tentativa de conseguir as fichas de assistentes sociais de saúde, o que resultou, na verdade, em me deparar com anotações da assistente municipal de saúde familiar que percorre o bairro, ampliando, assim, o meu enfoque investigativo. Mas, para aquele momento, elas ajudavam a compor a problemática. Agora, elas ganharam outra dimensão para a pesquisa de mestrado.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em História em 2015, mantive o interesse em discutir a experiência dos trabalhadores que vivem em Guaíra-PR<sup>1</sup>, mais especificamente, tendo o Eletrosul como campo de investigação, interessando, justamente, por se tratar do bairro em que já havia construído esse exercício de reflexão e, além disso, por dizer respeito ao local onde minha família reside.

A ideia inicial era discutir apenas as questões que permeavam a relação dos trabalhadores com o atendimento público de Saúde (SUS) no bairro. Mas, ao iniciar o Mestrado me coloquei as seguintes questões: como problematizar a questão da saúde sem se atentar aos modos como os trabalhadores estão vivendo? Não seria a saúde parte de um

---

<sup>1</sup> Algumas referências apontadas no IBGE sobre a complexidade do viver em Guaíra são possíveis de serem avaliadas junto às discussões desse trabalho. Atualmente possui cerca de 30 mil habitantes, mas as condições de vida de grande parte da população não distanciam dos índices anteriores às previsões de 2016, “Em 2014, o salário médio mensal era de 2.2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 20.4%”. Nessa mesma página, o informe sobre o ano de 2010 apontava que “população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo” compunha cerca de 33% da população. Sobre os dados expressos no site do IBGE conferir: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pr/guaira/panorama> Acesso em: maio 2017.

universo marcado pela desigualdade presente na vida desses sujeitos? Desde então, iniciei a reordenação do projeto apresentado no Programa de Pós-Graduação em História chegando à proposta que apresento nessa dissertação.

Ao pensar nessas questões, retomei a leitura de Thompson, principalmente ao destacar a noção de que “toda experiência histórica é obviamente em certo sentido única” (THOMPSON, 1981, p.179). Ao avaliar tal indicação, considerei que o autor propõe um diálogo com a cultura dos trabalhadores porque é ela que expressa o modo de vida enquanto modo de luta. Assim, isso me interessa porque entendo que ao me debruçar sobre o modo como vivem/viveram, também é um indicativo de como esses sujeitos produzem suas ações, contradições e lidam com tensões da dinâmica social.

Interessa pensar o campo de forças em que se produziram as relações de poder, onde alterações nos modos de viver dos trabalhadores se processaram ou foram avaliadas por eles. Thompson me instigou a entender que, além da condição de vida em que os trabalhadores se encontram, era necessário olhar para o modo como valoram decisões e suas práticas no bairro Eletrosul. Era preciso perceber como Guaíra se colocou como alternativa perante outras relações, que poderiam ser ainda mais degradadas e com maior instabilidade em outras cidades, bairros ou países (tanto para morar, cuidar da família quanto para manter condições de trabalho etc.).

Esses indicativos me apontaram a necessidade de recolocar a minha problemática frente àquilo que, de fato, vinha me incomodando: discutir práticas e sentidos construídos pelos trabalhadores que residem no bairro Vila Eletrosul, na cidade de Guaíra, dando visibilidade à ação desses sujeitos na produção do seu modo de vida na cidade, em especial, analisando a chegada de muitos deles na cidade, ou mesmo, quando começaram a se dirigir para o Eletrosul.

Na Imagem 1 apresentamos Guaíra para que visualizem sua localização no Paraná e como sua condição territorial informa, conjuntamente a outras questões, o modo como se viver e as motivações para vir, ficar ou partir da cidade.



**Imagem 1: Localização de Guairá no estado Paraná**

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gua%C3%ADra\\_\(Paran%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gua%C3%ADra_(Paran%C3%A1)) Acesso em: 15 jan. 2017

Olhando mais próximo para essa cidade, adentrando na problemática dessa dissertação, a Imagem 2 permite visualizar a vista aérea dos acessos ao bairro, ainda na década de 1980. Além de observarmos a ocupação inicial do bairro, é possível perceber sua localização em uma região afastada da área urbana principal da cidade, próxima ao Rio Paraná.



**Imagem 2: Vista Aérea do bairro Vila Eletrosul - 1986**

Fonte: ASSOCIAÇÃO dos Moradores Bairro Vila Eletrosul. Vista aérea. 1986. Organização da autora.

A imagem acima é uma fotografia que compõe o acervo da Associação dos moradores do bairro, tirada no ano de 1986. O bairro em formação, prolongava-se a partir do que compunha a antiga Vila Eletrosul, da então Empresa Eletrosul responsável pelo empreendimento hidrelétrico na região, a qual contratou vários trabalhadores advindos de diferentes regiões do país para a construção da obra.<sup>2</sup>

Uma ação que se somava aos projetos econômicos que marcaram a década de 1970, que procuravam retirar as contradições e desigualdades do foco nacional, apontando a promoção de empreendimentos como os hidrelétricos, compondo a prática do período do ditatorial no país. Hoje são lembrados e associados à realidade brasileira com formulações como as expressas abaixo por Santos (2013), uma publicação nacional que questiona essa prática de investimentos de grande vulto e em grande número e sua necessidade social:

No Brasil, a intensificação da construção de grandes hidrelétricas coincide com o início da ditadura militar. Basicamente, a geração de energia era uma das premissas para alavancar o desenvolvimentismo.

A abundância de grandes rios, com enormes potenciais hidrelétricos, e a existência de vastas “regiões não habitadas” foram alguns dos argumentos utilizados para legitimar os projetos hidrelétricos. Neste período, foram construídas diversas usinas como Itaipu, Tucuruí, Balbina e Samuel, as três últimas no bioma Amazônico.<sup>3</sup>

Em uma síntese subsequente, fornecida em uma página voltada para estudantes que visitam o site do uol na seção “vestibular”, é possível acompanhar o entendimento que se acumulou sobre os desgastes com as desapropriações e problemas ambientais, além dos gastos controversos com os projetos. Por isso, é possível ver com certa frequência a associação entre práticas do presente e do passado, retomadas de projetos e de percepções sobre eles quando envolvem empreendimentos hidrelétricos no país:

---

<sup>2</sup> Conforme o site da Eletrosul, ela se identifica como “Eletrosul Centrais Elétricas S.A. é uma empresa subsidiária das Centrais Elétricas Brasileiras S.A. Eletrobrás e vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Foi constituída em 23/12/1968 e autorizada a funcionar pelo Decreto nº. 64.395, de 23/04/1969. É uma sociedade de economia mista de capital fechado, e atua nas áreas de geração e transmissão de energia elétrica. A empresa tem sede em Florianópolis, estado de Santa Catarina, e atuação no Brasil, nos três estados da Região Sul, no Mato Grosso do Sul e Rondônia, por meio da participação no Consórcio Energia Sustentável do Brasil (ESBR), Norte Brasil Transmissora de Energia (NBTE), Porto Velho Transmissora de Energia (PVTE), e Mato Grosso e Pará, por meio do Consórcio Teles Pires Energia Eficiente. Realiza estudos e projetos, constrói e opera instalações de transmissão e de geração de energia elétrica, investe em pesquisa e desenvolvimento, fomenta o uso de fontes alternativas de energia, presta serviços de telecomunicação e pratica outros atos de comércio decorrentes destas atividades. Para isso, conta com um quadro funcional formado por 1.700 profissionais.” Disponível em: <<http://www.eletrosul.gov.br/home/conteudo.php?cd=857>>. Acesso em: 12 ago 2015. Tentei acesso ao acervo da empresa e também aos materiais da Prefeitura sobre a relação com a Usina, porém não obtive êxito nesse contato.

<sup>3</sup> SANTOS, Cleidiane. Hidrelétricas: energia pra que e pra quem? **Carta Capital**. 12 dez. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/hidreletricas-energia-pra-que-e-pra-quem-4303.html> Acesso: 17 jan. 2017.

A atual construção da Hidrelétrica de Belo Monte é a retomada de um projeto apresentado nos anos 1970, chamado de Hidrelétrica de Kararaô, nome dado em alusão a uma aldeia no rio Iriri, e que previa a construção de seis grandes usinas ao longo do rio Xingu. Sem recursos próprios e devido a pressões dos índios e da comunidade internacional, o projeto foi abandonado.<sup>4</sup>

Esses projetos apresentam justificativas estatais para a sua efetivação e se desgastam (ainda que se efetivem) perante os muitos conflitos e protestos frente à prática de expropriação, problemas ambientais e desigualdades nos processos indenizatórios e de promoção dos empreendimentos privados como parceiros do Estado brasileiro. Um processo que se estendeu ao longo do séc. XX e chega ao séc. XXI como um debate tenso na sociedade brasileira.

No caso de Guaíra, mesmo após a ditadura, o prefeito “eleito” Kurt Walter Hasper mantinha fortes ligações com os militares, é isso que o trabalho de Mara Dhulle dos Santos (2016), intitulado “Guaíra: a cidade em tempos de Ditadura Civil-militar (1964-1985)”, apresenta. Entretanto, mesmo com essa relação, como destaca a autora, não foi possível garantir um crescimento econômico em Guaíra como esperado após o fim das Sete Quedas<sup>5</sup> ou mesmo os dilemas frente ao cancelamento da obra da Usina de Ilha Grande, ainda que essa expectativa tivesse sido amplamente divulgada pelos governantes e seus aliados na imprensa e em suas campanhas eleitorais.

Ao fazer esse percurso, proponho inserir Guaíra nesse contexto, de produção de obras em que os gastos públicos junto a empreendimentos privados podem procurar definir de forma impositiva a reorganização de uma cidade e região (como a Usina Hidrelétrica de Itaipu<sup>6</sup>) ou, simplesmente, celebrar o abandono e cancelamento de uma obra após investimentos (como foi o caso da Usina Hidrelétrica de Ilha Grande).

---

<sup>4</sup>CUNHA, Carolina. Ditadura militar: grandes obras e truculência policial são algumas heranças do regime. 30 de abril 2014. Disponível em:

<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ditadura-militar-grandes-obras-e-truculencia-policial-sao-algumas-herancas-do-regime.htm?cmpid=copiaecola> Acesso: 17 jan. 2017.

<sup>5</sup> As Sete Quedas eram constituídas por dezenove cachoeiras principais, sendo elas divididas em sete grupos de quedas. Ela foi destacada na matéria comemorativa do site jornalístico da cidade, Portal Guaíra, onde foi lembrada como uma perda do município que justifica grande parte das dificuldades sociais e econômicas de Guaíra. Esse marco notoriamente se mantém como explicação historiográfica. Entretanto, nesse trabalho interessa observar, como os trabalhadores vão apontar suas interpretações sobre sua presença na cidade para além desse registro. Sobre a visão histórica recorrente em relação a esse processo ver a matéria produzida no site jornalístico.

Disponível em: <<http://www.portalguaira.com/saudades-quase-31-anos-da-morte-das-sete-quedas-em-guaira/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

<sup>6</sup> Esse projeto compunha a construção da usina hidrelétrica em Foz do Iguaçu-PR. O empreendimento binacional Brasil e Paraguai causou polêmica por ter submergido inteiramente os saltos das Sete Quedas dentre

O empreendimento da Usina Hidrelétrica de Ilha Grande, que levaria certo tempo para ser executado (se não fosse abandonada nesse meio tempo), teve como premissa escolher a região para alojamento e escritório próximo ao lugar onde a usina seria construída, no caso, esse local constituiria a Vila Operária Eletrosul, sendo, posteriormente, o destino de muitos trabalhadores em busca de moradia, trabalho e permanência em Guaíra ao longo da década de 1980 até os dias atuais.

A partir dessa vista aérea (Imagem 2) é perceptível a localização do bairro; sua proximidade com o Rio Paraná, com as estradas rurais e, também, com os acessos viários - interestadual (Paraná-Mato Grosso) e internacional (Paraguai). Esses acessos da cidade, que avizinham o bairro, permitem que o seu uso ocorra, também, por aqueles que querem essa mobilidade para fora da cidade ou mesmo a utilizam de forma clandestina, para transporte de mercadorias e pessoas. Contudo, esse não será o eixo principal da discussão do trabalho.

A estrada que dá acesso aos demais espaços da cidade continua sendo a mesma utilizada na década de 1980, feita inicialmente para os interesses da Empresa Eletrosul, como é possível observar na Imagem 3 (Visão Panorâmica). Atualmente, para chegar ao centro comercial, esse ainda é o trajeto usual, uma distância de aproximadamente sete quilômetros, sentida pelos trabalhadores em seus deslocamentos diários pela cidade. Algo que procurei explorar ao longo dos capítulos.

---

outras áreas de cidades do Oeste do Paraná que foram desapropriadas e alagadas para a promoção do projeto hidrelétrico. Para a sua construção, foi alterado o curso do Rio Paraná, interferindo na vida de milhares de pessoas que habitavam às suas margens, trabalhavam no rio ou mesmo moravam nas áreas alagadas entre Foz e Guaíra. Muitos trabalhos discutem até hoje as ações e tensões para a promoção desse projeto. Dentre eles destacamos: CORRÊA (2013), SOUZA e SILVA (2007); SILVA (2016) e PAULA (2012). Conferir ainda o modo como alguns veículos da imprensa interpretam e anunciam esse processo em seus canais de notícia: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/usina-hidreletrica-de-itaipu-maior-do-mundo-comecou-funcionar-em-1984-9897842#ixzz3RFQg0cnR> Acesso: 17 jan. 2017.



**Imagem 3 - Visão Panorâmica da localização da Vila Eletrosul -2016**

Fonte: Imagem capturada de Google Earth. 2016. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-24.0758349,-54.2156394,4373m/data=!3m1!1e3> Acesso em: 04 julho 2016. Organização da autora.

Ao visualizar essas imagens, que compõem uma temporalidade ampla de mudanças (não só visuais e de ocupação do bairro), propus para essa dissertação o percurso investigativo avaliando a presença dos trabalhadores no bairro Eletrosul. Por isso, começo a investigação na década de 1980 e não no momento em que se regularizou como bairro urbano.

Ao pesquisar como se deu a chegada desses trabalhadores ao bairro muitos estavam vinculados ao projeto de construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Grande ou ao encerramento da presença dela na cidade. Esse era o empreendimento hidrelétrico proposto como projeto



econômico diante da perda das Sete Quedas em Guaíra, um dos pontos turísticos mais conhecidos e visitados até início da década de 1980 na cidade.

Muitos em Guaíra pareciam acreditar na compensação, pois antes se tinha um grande fluxo de turistas e com o fim das Sete Quedas; hotéis, restaurantes e locais de atendimento turístico fecharam, diminuindo também os postos de trabalho. A Usina Hidrelétrica de Ilha Grande parecia aos empreendedores da cidade uma possibilidade de recuperar investimentos e recolocar a cidade na dinâmica econômica do Oeste do Paraná, pois a imprensa de maior circulação promovia o grande empreendimento da Usina Hidrelétrica de Itaipu, dando destaque para a cidade de Foz do Iguaçu-PR. No ano de 1982, com a destruição das Sete Quedas, ganhava mais espaço nos periódicos e nos investimentos (públicos e privados) o projeto de constituição do lago e da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Posteriormente, em meio a esses projetos e expectativas, iniciou-se a construção da usina hidrelétrica de Ilha Grande e, também, a construção da ponte que ligaria Guaíra ao Mato Grosso do Sul e, conseqüentemente, ao Paraguai, favorecendo o comércio com esse país e a circulação de pessoas, veículos e mercadorias (para além da circulação por balsa sobre o Rio Paraná). Uma circulação rodoviária que passaria por uma parte significativa da cidade, o que acontece até os dias atuais e garante parte da atividade econômica de Guaíra.

A construção da usina foi literalmente abandonada nos anos que seguiram e, conseqüentemente, durante a década de 1980 os trabalhadores que foram contratados pela empresa e moravam na vila foram dispensados. Muitos deles (que vieram para trabalhar na obra) começaram a deixar suas casas, procurando outros lugares para morar e trabalhar, pois o bairro era incerto e ainda estava em “formação”, porém nesse ínterim muitas casas foram vendidas (pelos próprios trabalhadores) por um baixo preço, outras até mesmo abandonadas e ocupadas por trabalhadores da cidade, que enfrentavam o problema da moradia há longo tempo, como destacado nos debates de vereadores (acompanhados, a partir da pesquisa, pelas páginas do Jornal Ilha Grande, na segunda metade da década de 1980).<sup>7</sup>

Atualmente, ao andar pelas ruas do bairro Vila Eletrosul a indagação que tenho é: como ao longo desse tempo se produziu e se mantém esse modo de viver? A maioria das

---

<sup>7</sup> O periódico, comprometido com as ações políticas na cidade, particularmente com o grupo que administrava nesse período, destacou o debate sobre o destino das casas da Vila Eletrosul, associando-o ao déficit habitacional na cidade e valorizando a ação da Prefeitura em acordar com a Empresa para a distribuição das casas, contendo as ocupações e tensões pela falta de moradia na cidade, fazendo assim a inclusão da área no perímetro urbano da cidade. A intenção para a dissertação era fazer uma pesquisa mais detalhada no jornal no segundo semestre de 2016, entretanto, não foi possível tal empreendimento, pois a consulta foi inviabilizada em razão do acervo ser particular e depender da disponibilidade e autorização pessoal para o acesso à documentação, o que após as visitas iniciais não foi mais permitido, sendo uma das razões o envolvimento dos donos do acervo na campanha para prefeito na cidade.

casas é de madeira, as ruas mais afastadas (compreendendo os últimos 20 quarteirões) não possuem asfalto ou iluminação. Além disso, não são todos que possuem caixa d'água em suas casas, mesmo em um bairro onde todos os dias há falta de água. Ainda assim, o bairro possui cerca de 3000 trabalhadores<sup>8</sup>, conta apenas com um Posto Municipal de Saúde, uma creche e uma Escola Municipal do 1º ao 5º ano, ou seja, neste caso, os jovens, para continuarem estudando, precisam ir no ônibus escolar municipal às escolas localizadas mais próximas ao centro comercial da cidade, em um dos três períodos: matutino, vespertino e noturno.

Mesmo que algumas obras de infraestrutura tenham sido alcançadas com certa rapidez em detrimento de outras na cidade, no que se refere à constituição de bairro de trabalhadores elas não dizem respeito, em grande medida, àqueles que viviam ou viriam a viver no Eletrosul, mas foram oferecidas para as ações da Empresa, para a possível construção da barragem de Ilha Grande. Foram viabilizadas, obras para acesso viário, iluminação, água e esgoto, o que expressa a atuação administrativa da Prefeitura para garantir os interesses por parte da empresa Eletrosul para que dessem prosseguimento à obra (ainda que isso significasse diminuir outros orçamentos na cidade).

Todos esses recursos iniciais que foram destinados para a Vila Operária e para o canteiro de obras serão avaliados, posteriormente, como um atrativo para a ocupação dessa área pelos trabalhadores da cidade, que não observavam nem mesmo esses recursos básicos em muitos bairros da cidade. Ao mesmo tempo, essa avaliação expressará a longo prazo sua ineficiência para atender o grande contingente de trabalhadores que foram viver no bairro Vila Eletrosul, pois será insuficiente para a demanda, uma discussão que pretendo destacar ao longo dos capítulos.

A matéria publicada pelo Jornal Ilha Grande no ano de 1986, com o título “Histórico do Serviço de Água e Esgoto de Guaíra”, sugere um levantamento de todos os investimentos realizados em Guaíra desde o ano de 1963 destinados ao saneamento básico. Segundo o jornal, desde o ano de 1968 o serviço funciona “satisfatoriamente, chegando a abastecer 65 por cento da população da cidade e nunca foi deficitário”.<sup>9</sup> O Eletrosul, aparece logo em seguida a essa indicação para demarcar a seguinte posição:

Em 1981, **surgiu o ELETROSUL**, com o projeto da implantação da barragem Ilha Grande, a qual nos surpreendeu pelo futuro desenvolvimento da cidade. Necessitaríamos de reforçar consideravelmente o serviço de água e esgoto. O Município e nem a Autarquia não estavam em condições

---

<sup>8</sup> Referência sugerida em 2015 pela Assistente Municipal de Saúde, conforme indicadores que utiliza para visitar as famílias que atende no bairro Vila Eletrosul.

<sup>9</sup> HISTÓRICO do Serviço de Água e Esgoto de Guaíra. **Jornal Ilha Grande**, Guaíra, 11 maio. 1986. p.12.

financeiras para arcar com essa ampliação. Recorremos aos órgãos federais e estaduais, para conseguir verbas, recebendo a indicação que só seria repassado verbas para saneamento dentro do plano Nacional de saneamento (PLANASA) no caso da SANEPAR. Diante disso não tinha outra alternativa a não ser entregar o serviço a SANEPAR, mas com as seguintes condições, que fosse executado quanto antes possível essas ampliações. O que surpreendeu as expectativas, porque desde a execução do projeto, conseguir as verbas, fazer as concorrências para aquisição de materiais e mão de obra, bem como a própria compra de materiais, tudo isso foi feito num tempo recorde pois a obra ficou pronta em menos de 2 anos.<sup>10</sup> (grifos meus)

A tentativa de idealizar uma cidade que caminha “satisfatoriamente” para o “bom” desenvolvimento de sua população parece um preço caro para a matéria, ou ainda, indago por que ocultar os anos que não foram apresentados entre 1968 até a chegada da empresa Eletrosul em 1981? Dissonantes a esses pronunciamentos? A pesquisa realizada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 1981), intitulada “Guaira: Passado e presente e futuro - estudos de alternativas socioeconômicas”, indica a seguinte realidade entre o fim da década de 1970 e início de 1980:

Considerando que apenas 19,79% dos imóveis dispõem de rede de esgoto e que entre eles somente 53,19% têm rede ligada, pode-se supor que na realidade a parcela da população urbana com acesso a esse serviço é extremamente reduzida, provavelmente muito abaixo do atendimento médio do Estado que atinge 17% da população residente na zona urbana. (IBIDEM, p. 127-128)

O “nunca foi deficitário” sugerido pelo jornal emerge frente à deficiência que se enfrentava na cidade como uma tensão constante. Além disso, não era “reforçar consideravelmente o serviço de água e esgoto”, mas, sim, tentar, de alguma maneira, que esses serviços chegassem até a região do empreendimento da Eletrosul para que isso não atrapalhasse a instalação da obra. O foco de interesse e preocupação estava em outra direção, não era discutir como viviam na cidade e tinham acesso a água e esgoto.

Durante a dissertação, a tentativa será observar como os trabalhadores vão pautar seus interesses (avaliando pressões, limites e alternativas). A intenção é discutir as decisões e interpretações que produzem para alcançar acesso à moradia, segurança, acesso serviço de água e esgoto, atendimento médico e demais direitos à cidade a partir do bairro. Tudo isso, tentando romper com a narrativa pré-estabelecida e explicativa desse processo histórico.

Souza e Silva (2007) ao se proporem a discutir “A (re)organização do espaço em Guaira, após o fim das Sete Quedas” a partir dos Planos Diretores dos anos de 1980 e 1992,

---

<sup>10</sup> IBIDEM.

apresentam alguns elementos que incorporam toda essa relevância dada à construção da Usina para explicar os rumos (ou dificuldade de rumos) para Guaíra:

O poder público municipal, pelas diretrizes apresentadas pelo Plano Diretor de 1980, assumiu a responsabilidade de promover a terraplanagem, ensaibramento, pavimentação, coleta de lixo e água potável para a área destinada ao acampamento da companhia Eletrosul que iria construir a UHI. [...] As obras que viabilizariam a construção da UHI começaram em 1981 e durariam até 1992. Isso multiplicaria a população de Guaíra por quatro em menos de três anos. A cidade teria de ser estruturada para receber tal contingente populacional. A ampliação da rede de esgoto e de água potável, eletrificação, abertura de novas ruas, criação de novos bairros, construção de escolas e centros comunitários, equipamentos de saúde e áreas de lazer se faziam necessários. (IBIDEM, p. 88-90)

Promover a construção da obra resultou em um acordo entre a Prefeitura e a Empresa, a promessa era que toda a cidade fosse alcançada com os “benefícios” da obra. Nesse sentido, esses apontamentos expressam a tensão vivida em torno da construção, da esperança difundida para promovê-la, dos acordos firmados e como o espaço da cidade vinha sendo disputado e organizado desigualmente. A chegada ou saída de um contingente populacional precisa ser visto para além de um problema urbano. Portanto, interessa ao longo da dissertação observar as motivações desses sujeitos para a vinda ou saída de Guaíra, assim como a chegada destes no Eletrosul.

Penso que construir obras de infraestrutura nesse meio tempo na Vila Operária, como uma ação provisória, apenas para sustentar o processo de construção da usina, trouxe ao longo das décadas vários problemas para quem foi viver naquele local após esse período. Até os dias de hoje, todo o bairro é abastecido por um poço artesanal, a interrupção do fornecimento de água acontece pelo menos uma vez ao dia e, geralmente, no horário de almoço. Justamente porque é nesse período que o consumo de água aumenta e a bomba não consegue atingir a capacidade necessária para atender todas as casas (que, em sua maioria, não possuem caixa d'água), havendo assim falta de água nas residências nesse período.

Porém, essas questões e relações estabelecidas pelos sujeitos que vivem no bairro ou em demais regiões da cidade não são tratadas por grande parte da academia. Muitas vezes, isso acontece em função do interesse em mapear os projetos e marcos já pré-definidos na história da cidade, com isso, não conseguimos romper a mesma leitura e o mesmo enredo, ainda que se tenha mais evidências a tratar nessa mesma historicidade.

No trabalho intitulado “A influência do Projeto Ilha Grande no Comércio de Guaíra” (JOAQUIM et al, 1991) os autores destacam o impacto exercido sobre o comércio de Guaíra durante os anos de 1979 a 1989, diante das alterações que ocorriam no Oeste paranaense.

Segundo eles, tal problemática era expressiva, pois consideravam o comércio como um dos setores que se voltavam para o atendimento na área de necessidades básicas, o que para eles eram: “vestuário, alimentação e eletrodoméstico”.

Todos os índices discutidos pelos autores - a partir de entrevistas com os comerciantes e de reportagens do Jornal Ilha Grande - sugeriram, de um modo geral, uma memória difundida e até hoje vista por muitos como pertinente ao tentarem explicar tensões atuais na cidade, dizendo que “Guaíra acabou [quando houve] o cancelamento da obra”, o que para certas produções acadêmicas traduz o crescimento interrompido naquela época e as “consequências” que traz até hoje - diminuição populacional, violência, desemprego etc.

No entanto, o que de fato, muitas vezes, passa despercebido sobre o “grande impacto” anunciado com o fim das Sete Quedas e cancelamento da Ilha Grande, tratado em grande parte dessa leitura histórica da cidade, são as experiências dos trabalhadores e relações estabelecidas, algo que pode contribuir na compreensão das confrontações e desigualdades desse processo. Pois, mais do que uma lacuna que precisa ser preenchida, frente a todos esses marcos, falta de emprego, esvaziamento populacional, falta de saneamento básico, vivenciados no percurso da década de 1980 e anos subsequentes, é preciso compreender que essas transformações expressam pressões e confrontos sobre o modo de viver de grande parte dos trabalhadores na cidade. Afinal, muitos decidiram permanecer e, ainda, continuam chegando à cidade, mesmo que todo esse “impacto” tenha ocorrido.

Fenelon (2004), em “Muitas Histórias, Outras Memórias”, destaca o uso da memória no campo da história, indicando como o estudo da fonte oral e as interpretações que se pode efetuar a partir do trato da experiência dos sujeitos podem indicar as disputas históricas. AO discutirmos a escrita da história, lidamos com a produção de memórias, percebendo os interesses e intencionalidades que apresenta.

A autora também indica que o campo da memória apresenta um compromisso exercido com o social, pois para ela é o ponto de partida para se pensar a memória no “terreno” das lutas e tensões sociais, em tudo aquilo que se apresenta como memória produzida socialmente, está na maneira como as diferenças entre sujeitos são delimitadas, explicitadas e significadas enquanto relações de dominação, de contenção e resistência, de apropriação e expropriação do seu modo de viver, ver, sentir e lembrar/pensar essas relações vividas. (IBIDEM, p119)

Nesse sentido, para a autora o poder estabelecido e reconhecido dentro da sociedade conseguiu, ao longo do tempo e das disputas, definir quais memórias e quais histórias deveriam ser consideradas para que fosse possível estabelecer uma memória capaz de evidenciar uma História “certa”. E, nosso campo de atuação, é justamente se contrapor a isso:

como historiadores comprometidos com o social, interessados em voltar aos acontecimentos passados (não apenas para conhecer sua história, mas para detectar as razões que o engendraram), buscamos transformar o presente sempre atentando para o que nele resta desse passado, tendo como horizonte a construção de um futuro diferente do que temos hoje. (IBIDEM, p.118-119).

Quando me ative durante a pesquisa ao trabalho com a imprensa percebi que muitas matérias sugeriam a memória de uma história progressiva de acontecimentos. Porém, senti falta, nessa historicidade, de tratar os conflitos, limites e pressões presentes nesse processo. Uma vez que esse era o caminho analítico com o qual me aproximava e pretendia dialogar. Isso me levou a indagar; como as pessoas foram chegando à cidade e ao bairro, ou mesmo definindo ficar no Eletrosul? O que encontraram? Por que escolheram a Vila Eletrosul? Como produziram o bairro?

Ao fazer essas perguntas, coloquei-me a entrevistar trabalhadores que fizeram parte desse processo. Mantive o anonimato de todos eles com o interesse de que a identidade dos entrevistados não fosse o principal na discussão, mas sim sua experiência. Por isso, o uso de pseudônimos.

Durante nossas conversas, novas questões foram se colocando para a pesquisa. Um primeiro desafio foi identificar e refletir sobre aqueles que mudaram para trabalhar na usina e permaneceram na vila. Junto a isso, precisei incorporar a ideia de dialogar com os que chegaram em momentos variados, por diferentes motivações e advindos de outras cidades e lugares, tratando suas avaliações sobre esse processo e como percebiam isso em suas trajetórias. Tudo isso ocorreu porque, aos poucos, fui conhecendo o bairro e olhando para ele como pesquisadora; morava nele desde 2000, mas não o compreendia na sua complexidade e contradições, então precisava investigar o universo de relações desses sujeitos.

Algumas dificuldades ocorreram na busca por encontrar outras documentações que pudessem ampliar a discussão sobre as décadas de 1980 e 1990. Atualmente, o acervo do Jornal Ilha Grande e a confecção do próprio Jornal ficam na casa da proprietária, que é também a editora. O entrave estava justamente aí: a liberação para o acesso ao acervo. Não foi possível realizar pesquisas prolongadas, pois por motivos de saúde, a proprietária não disponibilizava o acesso todos os dias. Portanto, entre idas e vindas, consegui realizar uma pesquisa parcial.

Os jornais são separados por ano, sendo assim os anos investigados foram do final de 1979 até 2000, sendo que os últimos não estavam catalogados e separados, dificultando um pouco o processo de consulta. Desde a época em que foi criado (1979) o jornal pertence a uma mesma família de Guaíra, a família Foletto.

A pesquisa realizada nesse jornal se deveu em princípio por ser o mais antigo da cidade e o olhar de classe que representa e defende ao tratar questões e práticas vivenciadas na cidade (proprietários envolvidos com cargos e disputas na Administração Pública da cidade). Em razão disso, pude perceber que o Eletrosul aparecia apenas no processo de construção/abandono da obra de Ilha Grande. Portanto, era necessário de fato interpretar as matérias tentando identificar o que essa visão poderia auxiliar na discussão para além do projeto hidrelétrico. O esforço empreendido então foi procurar perceber o que a temporalidade e enredo das matérias indicavam acerca da cidade. Dessa forma, foi possível discutir sua produção e não só seu conteúdo, ou seja, foi possível identificar as tensões que permeavam Guaíra durante a década de 1980.

Maciel (2004), ao propor a discussão sobre o trato metodológico da imprensa, aponta que ao utilizar a imprensa para o campo da História significa também lidar na construção de sentidos e de determinadas realidades sociais, ou ainda, buscar peculiaridades próprias, buscando indagar o lugar social do qual aquela fonte foi produzida, sendo assim não posso perder de vista a disputa pelo hegemônico como uma das tensões presentes no fazer da imprensa, discutindo como isso se faz presente ao tratar as relações dos sujeitos.

Nesse sentido, a imprensa aparece na pesquisa para potencializar a discussão na medida em que a forma de linguagem, o modo como as reportagens foram escritas, permitiram compreender as tensões que se firmaram em Guaíra, mais precisamente sobre e no Eletrosul. Além disso, destacar a obra também ajudou a entender o que se esperava que a o bairro se tornasse, não só por parte do Poder Público (enquanto visava o Empreendimento Hidrelétrico), mas principalmente pelos trabalhadores que foram viver no local. Entendo que ao se falar de um bairro é imprescindível não partir das visões projetadas em relação ao espaço. Assim, por mais que os jornais expressem uma visão do que podia vir a ser o bairro, possivelmente, isso continuava sendo produzido e transformado pelos trabalhadores em suas chegadas e partidas daquele lugar ao longo das décadas.

Entre as idas ao posto de saúde, localizado no bairro, conversei com uma das assistentes de saúde familiar, que me disponibilizou as fichas das famílias que visitava todo mês. A princípio, as fichas continham informações que expressavam os programas sociais em que as famílias estavam cadastradas tais como: acompanhamento dos medicamentos de rotina e se estavam passando por problemas de saúde, tratamentos, falta de medicamentos, ou seja, naquele formulário estavam registrados aqueles dados que, posteriormente, eram repassados para a Prefeitura.

Entretanto, busquei olhar para as fichas na tentativa de compreender o que elas poderiam me indicar sobre os trabalhadores, tratá-las como fontes, que me trouxessem indícios sobre o modo como vivem e como visualizam e usam o bairro. Para isso, foi necessário um esforço de sair da pauta da saúde e discutir as entrelinhas das anotações de determinadas visitas, ou seja, como as anotações indicavam as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores e como eles encaravam a presença da assistente ao tratar dessas questões. Os indícios da relação que produziam nesse encontro estão nessas fichas; ao perguntar se foram ao médico entre outras questões apresentavam seus dilemas e pressões de classe.

Apesar das intenções para essa dissertação a cada dia ficarem mais definidas, isso tornou os objetivos mais densos. Portanto, desprender-me do fascínio que as fichas de acompanhamento familiar da Assistente Municipal de Saúde me causaram no trabalho da graduação não foi nada fácil, porém restava nesse novo processo de investigação conseguir tratar essa documentação como registro de relações no bairro, mais do que um registro de saúde.<sup>11</sup>

Junto a essa documentação, também utilizei fontes orais. Realizei entrevistas com trabalhadores que vivem no bairro. Valdete (52 anos), mora no Eletrosul desde a época em que era Vila Operária, início da década de 1980. Helena (64 anos) chegou em Guaíra em momento anterior ao projeto da usina, porém, assim como o trabalhador Luis (56 anos), chegaram ao bairro no processo de ocupação da área, ou seja, após o cancelamento da obra, no início de 1990.

Essas entrevistas foram de extrema importância para compreender, principalmente, a partir da fala desses trabalhadores, não apenas o modo como chegaram ao bairro, mas, também, a visibilidade que se tinha do mesmo a partir da cidade, durante as décadas de 1970, 1980, 1990.

Para atingir os interesses da pesquisa, continuei a produção de entrevistas. Prossegui com Elaine (47 anos), Manoel (50 anos) e Joaquim (60 anos). Eles vieram em momentos distintos para o bairro, mas foi justamente isso que me aproximou deles e permitiu pensar a chegada deles e de outros trabalhadores no século XXI, avaliando o que visualizavam ao residirem no Eletrosul a partir desse momento e o que esperavam ou esperam encontrar em Guaíra. Todos eles buscaram compor o universo de interesses dessa dissertação; destacando

---

<sup>11</sup> As 100 fichas de anotações dos acompanhamentos de famílias do bairro, disponibilizadas pela assistente de saúde, remetem-se aos anos de 2013 e 2014, sendo que eram as únicas disponíveis no posto de saúde, uma vez que não há um acervo das fichas no posto, elas são repassadas à direção de saúde da Prefeitura. Agradeço a disponibilização do material feita pela Assistente.



mais do que a chegada à Vila Operária, a partida da empresa, como o bairro se formou ou se encontra nos dias de hoje.

Durante a conversa foi importante se aproximar desses sujeitos, procurando perceber como interpretam e, ao mesmo tempo, como eu interpretaria suas ações, uma vez que também vivo naquele bairro há mais de quinze anos. Ao fazer isso, interessava discutir os sentidos que dão às suas ações, percebendo quais as práticas que se destacam sobre o convívio social, como expressam avaliações da realidade, inclusive, trazendo à tona desigualdades, conflitos e contradições nas lutas, conquistas e necessidades que apresentam.

Portelli (1997, p. 29) afirma que “As fontes históricas orais são fontes *narrativas*” considerando que essas narrativas se tornam, ao mesmo tempo, uma construção subjetiva e objetiva por parte do historiador, pois trata de processos interpretativos construídos no processo de produção de memórias, que se fez na entrevista. Assim, temos que a relação produzida na entrevista apresenta sentidos sobre o vivido, ou o que se avalia sobre o que se viveu e se quis viver, sendo essa produção o material de análise e interpretação histórica quando se fala em fonte oral.

O autor me instigou a pensar mais do que em relatos de eventos e sim na potência dos sujeitos ao tratar da experiência desses trabalhadores. Diante disso, tratar uma entrevista como fonte é uma tarefa árdua, mas, ao mesmo tempo, gratificante, algo que também ocorre, por outros caminhos, na análise das demais fontes. Pois, lançando as perguntas necessárias podemos identificar as motivações para interdições e recusas, ou seja, explorar toda a riqueza em tratar a experiência social que nos provoca a ver além do imediato das fontes, que procuremos entender suas decisões, avaliações e valores.

Junto a esses materiais (entrevistas e fichas) e suposto, continuei em busca de vestígios dessa historicidade e me coloquei a pesquisar as Atas da Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul.<sup>12</sup> Acreditava que o contato com os registros das reuniões, que se iniciaram na década de 1990, pudesse me auxiliar, não no intuito de responder minhas questões, mas ajudasse a perceber se essas questões também apareciam nos debates feitos pela Associação dos Moradores e como apareciam.

A Associação foi criada no ano de 1992 e as primeiras reuniões apontavam o processo de sua consolidação, tal como a eleição da diretoria, a criação do estatuto da associação, a

---

<sup>12</sup> A pesquisa nas ATAS foi realizada na Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul durante o mês de Novembro/2015. Os anos investigados foram de 1992 até 2013, período da última reunião anotada no livro. Segundo o presidente, mais 10 reuniões foram realizadas após esse período, porém foram registradas em um novo livro que não se encontrava na associação por motivos de perda. Agradeço a disponibilização do Presidente por permitir a consulta ao material para essa pesquisa.

decisão do local e, aparentemente, o principal objetivo da associação: “melhoramento na qualidade de vida dos moradores”.<sup>13</sup>

Essa foi a questão que mais me chamou a atenção: o que eles entendiam como “melhoramento de vida”? Como se deu a participação popular nessa questão? A pauta da Associação dos Moradores expressava interesses dos trabalhadores que viviam no bairro? O bairro é entendido somente como um espaço físico para instalação de “melhorias”? Como produzem ações e interesses compartilhados? Há divisões, conflitos?

A reflexão de Rolnik (1992), no texto intitulado “História Urbana: história na cidade?”, aponta a noção de “territorialidades” na cidade, sugerindo o espaço “como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais” (IBIDEM, p. 28). Acredito que essa definição da autora ajuda a pensar o bairro como parte dessa dinâmica da cidade, vendo-o então como aquele que se constituiu por meio dessas relações e pautas de interesses na correlação de forças sociais.

Portanto, interessa discutir como os trabalhadores o vivenciam e o produzem, inclusive, internamente. Até mesmo porque suas confrontações não foram apenas polarizadas com o Poder Público, mas com divergências nos encaminhamentos de demandas e prioridades na Associação dos Moradores, conforme será possível discutirmos ao longo dos capítulos.

Assim, mais do que as pautas da Associação, vale perguntar o que os trabalhadores avaliavam como melhoria de vida e usos do bairro e da cidade. E, foi nesse sentido que tentei identificar os registros daqueles encontros na Associação de Moradores e as demandas que discutiam em suas reuniões na associação e na Pastoral da Saúde (anotações do grupo de trabalho no bairro, aos quais também tive acesso e utilizei para selecionar material para essa dissertação).

A Pastoral da Criança, vinculada à Igreja Católica, realiza um trabalho mensalmente junto às famílias do bairro que possuem crianças ou gestantes, realizando visitas domiciliares e pesagem das crianças no espaço da própria Associação dos Moradores. Os cadastros são realizados em um caderno assim como as anotações referentes às crianças como: tamanho, peso, nutrição. O acesso a essa documentação foi por meio das voluntárias que realizam o trabalho, uma vez que já nos conhecíamos. Coloquei-me à disposição de acompanhá-las em algumas visitas, na intenção de conhecer as famílias visitadas e o trabalho realizado, além de compreender o modo como as anotações eram produzidas.

---

<sup>13</sup> ATA DE ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO VILA ELETROSUL, 08 de setembro 1993, p.30. Pesquisa realizada no acervo da Associação dos Moradores da Vila Eletrosul no dia 05/10/2015.

Esses cadernos permitiram ampliar a minha percepção sobre quem mora e como vive no bairro, problematizar essas pressões sobre as condições e modo de viver, muitas vezes aliada às mudanças e/ou defesa de valores, o que me permitiu conhecer o bairro Eletrosul de um modo mais instigante e incômodo. Pois, de que modo as alternativas foram construídas ao longo dos anos pelos trabalhadores para que a sua permanência e o acesso à cidade fossem se estabelecendo? Como lidaram com as pressões de trabalhar, morar, cuidar dos filhos? Aos que chegaram à cidade ou partiram dela, como Guaíra se apresentou como parte de seus percursos e alternativas?

Ao avaliar mais de perto a permanência desses trabalhadores no bairro, com indícios da presença de muitos deles no Eletrosul há mais de trinta anos (ao longo da constituição do bairro), percebo que a chegada não foi do mesmo modo para todos e, alguns, também deixaram o lugar no decorrer desse processo. Inicialmente, alguns foram se dirigindo para a Vila Operária da Eletrosul enquanto outros a deixavam. Ao longo das décadas seguintes, mais trabalhadores tiveram áreas do bairro como destino e continuam chegando. Diante disso, mais questões se colocaram para a pesquisa.

Quais são os elementos presentes nesses embates e decisões por ficar e partir? Em que medida morar no bairro expressa problemas quanto ao direito à cidade para um número significativo de trabalhadores que vivem em Guaíra? Com que interesses e limites os trabalhadores continuam a se dirigir para lá? Que questões ainda permanecem para os trabalhadores que vivem no bairro em pleno séc. XXI? Esses encaminhamentos foram sugestivos da organização apresentada aqui, mas não se encerram com essa escrita. Ao contrário, trouxe para essa discussão certas questões e noções que dessem maior visibilidade a problemática, mas muitos incômodos permanecem como reflexão de um caminho a ser construído.

Portanto, o Capítulo I tem como pretensão utilizar como eixo o percurso dos trabalhadores entrevistados até o bairro, explorando as pressões e limites que alteram os caminhos e alternativas dos trabalhadores ao longo de suas decisões e relações. Ao tratar a presença deles em Guaíra, a intenção é trazer o debate sobre como a chegada ou permanência na cidade não se dá do mesmo modo para todos (ainda que haja condições de classe compartilhadas).

Alguns deixaram a cidade no decorrer desse processo, enquanto outros chegaram. Porém, isso se dá em momentos e por motivações ora convergentes ora dissonantes. Diante disso, a intenção desse capítulo não é apenas discutir a mudança ou a chegada dos

trabalhadores, mas também todas as decisões, pressões, contradições e valores que essas ações comportam.

No Capítulo II destaco as práticas desses sujeitos na produção do seu modo de vida no bairro, isto é, o que elegem como prioridades e reivindicações? Como experienciam certas relações de poder diante das tensões e necessidades que a desigualdade os impele? Como interpretam a visibilidade de sua condição e atuam perante isso? Ao fazer esse debate interessa tratar como essa ação dos trabalhadores interfere e se coloca como discussão sobre o acesso e o pertencimento à cidade, (ainda que em campo de forças desiguais).

## CAPÍTULO I

### **“No mais está tudo bem”? Caminhos de trabalhadores, percursos em Guaíra**

A intenção para tal discussão é identificar não apenas quando o bairro Eletrosul se tornou uma escolha para os trabalhadores, mas, também (a partir de sua experiência), perceber o percurso construído seja em outros bairros, outras cidades, observando como fizeram para lidar com as situações do dia a dia, como se relacionaram, circularam e lutaram nas relações que estabeleceram nas cidades por onde passaram, reconhecendo caminhos e condições compartilhadas.

Entendo que possuem as mais diversas motivações para suas escolhas de mudança ou permanência. Por isso, não pretendo enquadrar a discussão de forma homogênea, mas pensar a densidade e totalidade de questões que compõem minha problemática, que é discutir os significados que os trabalhadores dão para a sua experiência no bairro Vila Eletrosul e como essa prática permite analisar tensões sobre o modo de vida de trabalhadores na sociedade brasileira contemporânea.

A entrevista que produzi com Elaine permite inicialmente dar visibilidade não apenas ao modo como os trabalhadores tomam suas decisões e o que avaliam ao longo de suas vidas, mas, também, o que a levou a chegar ao bairro e também por onde passou antes disso. Nasceu em uma fazenda no Paraguai, em Salto Del Guairá (cidade que faz divisa com Guaíra pelo Rio Paraná e está a 25 km de distância pelo trajeto da rodovia).

Elaine se casou com 14 anos de idade, vindo a engravidar logo em seguida. Ela permaneceu no Paraguai por mais um ano com o seu primeiro marido, o qual trabalhava em lavouras em fazendas paraguaias. Ao ser transferido para outra fazenda, localizada na cidade de Primavera do Leste (MT), eles se mudaram para a nova cidade, no Brasil.

Durante nossa conversa, Elaine destacou esse percurso de seus deslocamentos para chegar à narrativa sobre sua condição atual de cabeleireira. Pois, quando o filho de Elaine completou três anos de idade, o casal se mudou para o centro da cidade de Primavera do Leste, onde iniciou um curso de cabeleireira, vindo a interromper os estudos e iniciar sua atividade de trabalho, com um salão de beleza em sua própria casa. Após separar-se do seu primeiro marido, casou-se novamente, ainda em Primavera do Leste, onde teve mais um filho. Em seu salão de cabeleireira, vendia roupas também.

Os mais de trinta anos narrados entre seu primeiro casamento e as prévias de sua saída de Primavera do Leste sugerem como a dinâmica da vida dos trabalhadores se coloca frente às inseguranças de trabalho, relacionamentos, cuidado com filhos, moradia e decisões de deslocamentos para outras cidades e países. Sua mudança para Guaíra ocorreu quando estava com 42 anos de idade, no ano de 2014.

Apenas seis meses após sua chegada, foi que se mudou para o Eletrosul. Porém, meu primeiro contato com Elaine não foi durante nossa entrevista ou em seu salão, foi ao analisar sua ficha de acompanhamento familiar, cedida pela Assistente de Saúde do bairro:

Visita domiciliar para acompanhamento da família recém mudada para a caixa d'água, tem um menino com pouca idade e está com coceira nas pernas e braços, que faz bolha, estoura e faz ferida e foi alertada a trazer ele no posto para consulta e no mais está tudo bem na casa.<sup>14</sup>

Quando estava em busca de realizar novas entrevistas, procurando o diálogo entre ambas as fontes (fichas e entrevistas), percebi que a condição de Elaine trazia elementos representativos dos trabalhadores que se dirijam ao bairro no tempo presente. Nesse caso, primeiramente o que me chamou a atenção foi a descrição da família recém chegada e, também, por morarem mais no “interior” do bairro – região conhecida como “caixa d’água”. Na realidade, essa região tem essa denominação por ser o local onde fica a caixa d’água que realiza o abastecimento para todo o bairro. Além disso, seu distanciamento da avenida principal revela a ausência de alguns dos melhoramentos alcançados ao longo dos anos, como asfaltamento das ruas, iluminação.

A intenção da entrevista era conseguir entender o que tinha levado aquela família de trabalhadores a morarem no Eletrosul e como visualizavam o local onde residiam, ainda assim, a ficha e o destaque para a condição da família com instalação recente no bairro é um indício provocativo a entender o modo limitado como Elaine vivia, digo isso ao destacar a situação descrita e apontada pela assistente sobre o estado de saúde da criança que estava sem tratamento aparente.

Dois anos após o registro dessa ficha realizei a entrevista com Elaine. Ela reside em uma casa (quarto, sala, cozinha e banheiro), localizada a dez quadras de distância da avenida principal que corta o bairro Eletrosul atual. A imagem a seguir apresenta a fachada de sua residência, em uma rua sem calçada, sem asfalto e com deficiência na iluminação. Esse é o

---

<sup>14</sup> ELAINE (pseudônimo). [FICHA DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR]. Guaíra-PR. 24/08/2014. Ficha de acompanhamento familiar das assistentes de saúde da prefeitura Municipal de Guaíra. Acervo da autora.

modo como a família conseguiu deixar a casa de familiares, adquirir um terreno à prestação e permanecer em Guaíra.



**Imagem 4 - Residência da entrevistada Elaine (pseudônimo) – Bairro Vila Eletrosul**

Fonte: Organização da autora

A rua de sua casa – assim como tantas outras – como pode-se observar na Imagem 4 ainda não possui asfalto, sendo assim, quando chove, o recolhimento de lixo é interrompido, devido à dificuldade de acesso por parte do caminhão da prefeitura ter acesso ao local, o que me levou a retomar o conteúdo de uma das reuniões transcritas no livro de Atas da Associação de Moradores:

Aos dois dias do mês de novembro de 2000 realizou-se a reunião na associação dos moradores para posse da nova Diretoria da associação foi estipulado a regularidade das reuniões a nível semanal O novo presidente também foi apresentado a comunidade Marcos Ribeiro dos Santos e os seus secretários Aparecido da Silva e João Dias, sendo isso ao final da reunião foi aberto para a população presente e surgiu a seguinte indagação referente as ruas da Eletrosul, principalmente da avenida Brasil, segundo os moradores existem muitos buracos provocados pela chuva e sendo difícil acesso para se chegar em alguns locais do Bairro o novo presidente disse que isso está sendo como pauta da sua nova gestão e promete tentar ao máximo regularizar a situação assim como exigiu os moradores presentes.<sup>15</sup>

Ao final dessa reunião consta a assinatura de cinquenta pessoas, algo que considero indicativo da importância do tema em pauta. Ao analisar as atas é possível avaliar como

<sup>15</sup> ATA DE ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO VILA ELETROSUL, 02 de novembro 2000. Pesquisa realizada no acervo da Associação dos Moradores da Vila Eletrosul no dia 05/10/2015.

nessas reuniões o interesse dos trabalhadores vai sendo tratado. Possivelmente, muitos que compareceram a essa reunião não estavam ligados à chapa, foram diante da urgência que viam na questão, e pelo que vivenciam ao percorrerem o bairro diariamente. Além disso, entendo que a avenida principal é apontada como parte dos problemas, justamente por ser o ponto mais movimentado do bairro, onde, inclusive, atualmente Elaine possui um salão de cabeleireira.

É interessante perceber que a vinda de Elaine ocorreu treze anos após essa reunião da Associação. No entanto, a “avenida principal” atualmente está asfaltada dessa demanda, porém o que se nota é que essa pauta ainda se encontra em aberto para as demais ruas do bairro. Com isso, reconheço que a aparente “solução” encontrada ou prometida naquela reunião, ainda não se realizou para a grande maioria dos trabalhadores que vivem no Eletrosul. Na realidade, o que se vê hoje no bairro é um indicativo de que há muito que fazer para quem chega ou está aqui há muito tempo, pois aqueles que buscam o Eletrosul hoje, tão pouco passarão longe de tal realidade de privações e problemas como os elencados na ata de 2000.

A vinda de Elaine para Guaíra foi motivada por seu atual marido Roberto. Ele, por sua vez nasceu aqui, mas se mudou para Primavera do Leste com vinte anos de idade, início da década de 1990, quando recebeu uma proposta de emprego em uma fábrica de sofá (propriedade de um tio de seu pai. Foi nessa época que Elaine também chegava em Primavera com o seu primeiro marido. Todos eles viram na cidade do Mato Grosso algo que lhes proporcionaria outras possibilidades ou ao menos era o que no momento figuraram como alternativa.<sup>16</sup>

Roberto retorna com 42 anos a Guaíra, pelo motivo que, segundo Elaine, não se justificava:

Janaina- mas ele veio, querendo vir mesmo... por saudade da cidade mesmo?  
Vontade de sair de lá e vim?

Elaine- pirraça sabe? Pirraça, porque lá assim é... ele se envolveu muito em política, é partido político, e daí depois com o tempo os grandão caíram sabe?  
E era o partido deles que caíram e daí e... e... aí ele ele se sentia assim

---

<sup>16</sup> O trabalho intitulado como “Sete novas cidades de Mato Grosso” traz indícios do processo de desenvolvimento de cidades do interior de Mato Grosso, dentre elas aponta Primavera do Leste como um dos destaques. Segundo a discussão empreendida por Barcellos (2014), a década de 1990 foi o período dado como início do processo de maior desenvolvimento da cidade, principalmente voltado para a área de agricultura e agronegócio.

- Ver também “História de Primavera do Leste”, livro local da Prefeitura Municipal. A obra tenta apresentar uma história linear da cidade, traz indícios da forte campanha construída para o desenvolvimento da cidade e região, o que trouxe na visão dos autores o almejado “crescimento” municipal, ocasionando a presença e interesse de empresas voltadas para áreas, como de construção e vestuário.



diminuído (se fosse pra ele arrumar um emprego qualquer e coisa e tal), tipo assim sabe?<sup>17</sup>

Acho necessário discutir a “pirraça” sugerida por Elaine. Mas é interessante entender que, se para ela o desacordo não se justifica, para Roberto sim. E aqui a “pirraça” indica, na realidade, o sentido que Roberto aspira com essa mudança. Para ele, o que o motivou foi mais do que a busca de um emprego (como esperado por Elaine), mas, também, que a cidade pudesse, em alguma medida, corresponder sobre o modo como pensava em prosseguir sua vida sem o que estivesse relacionado com o que enfrentou em Primavera do Leste. Afinal, além disso, caso precisasse, poderia contar com a ajuda de parentes, como precisou e de uma ajuda que só aqui em Guaíra estava disposto a aceitar (viver na casa da irmã por um tempo).

A “pirraça” de Roberto, na verdade expressa, as decisões que muitos trabalhadores tomam no decorrer de suas vidas, sugerindo que não precisa relacionar-se necessariamente com a “procura” de um emprego, bairro ou casa “melhor” todas as vezes que decidir tomar outras decisões para a sua vida. Esses apontamentos não aparecem dissociados de outras questões e pressões, pois o que levou Roberto a chegar no Eletrosul e trabalhar como jardineiro em Guaíra, não teria uma resposta tão fácil e imediata.

Janaina- todo mundo conhecia ele né [em Primavera do Leste]?

Elaine- é

Janaina- entendi...

Elaine- e daí ele não queria né? isso, e daí ele, ai ele quis vir aqui, só que assim, aqui pra ele que já conhecia sabia que não era tão fácil né? não é tão fácil chegar aqui, conseguir um emprego né? alguma coisa assim, não é assim

Janaina- aham

Elaine- daí depois ele chegou aqui, falei "você trate de deixar esse orgulho de lado e arrumar alguma coisa pra fazer". Daí ele pegou e começou a mexer com cortar a grama, comprou uma máquina...

Janaina- daí ele corta só aqui, da vila mesmo, ou ele vai...

Elaine- não, ele vai lá pro centro, vai nos bairro por aí né?

Jaina- é... porque se ficar só aqui...

Elaine- só aqui não dá, só que assim... você sabe assim, o que mais prejudica a pessoa, eu falo, que é o orgulho, entendeu? Porque a pessoa quando ela tem humildade, ela, assim... lá[Primavera do Leste] a gente (tava vivendo bem), mas assim... ele que administrava as coisas, então era fácil pra ele, só... seria muito fácil... assim, lá ele conhecia muita gente, pegar um emprego de motorista, alguma coisa, que ganha muito bem lá. Tinha assim, ganhava, o ganho era bom sabe? Só que a gente não se acertava, fica dois... os dois no mesmo ambiente o dia todo, não dá, não dá certo, é raro né? Eu não digo assim só por nós, mas acredito que a maioria dos casal tem esse problema, trabalha junto, o dia todo junto, o tempo todo né? E vai indo que aquilo vai

---

<sup>17</sup> ELAINE (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 01/08/2016. Guaíra-PR.

né? E daí eu queria que ele arrumasse um (emprego), ter uma ocupação, ter um tempo, não por necessidade né? mas pra gente viver melhor né?

Janaina- sim

Elaine- e daí ele, ele não queria, por isso e tal, mas não cometo mais esse erro, de assim... vamos dizer assim, trabalhar junto. Eu não quero mais não viu? não dá certo, desgasta demais, torna só assim... sabe? aquela rotina, aquela coisa assim, todo dia a mesma coisa, assim... e não tem como, é o tempo todo junto, acho que tem que ser assim... não é pra qualquer pessoa não, acostumar a viver assim...<sup>18</sup>

Como já mencionado, não entendo que a razão de Elaine e Roberto chegarem ao Eletrosul seja uma decisão apenas de Roberto, embora por diversas vezes Elaine tente indicar e responsabilizar seu marido. Ainda assim, nesse trecho especificamente, acredito que estão presentes elementos que permitem avançar na discussão e, ao mesmo tempo, não apenas dar visibilidade, mas, também, problematizar o modo como os sujeitos estão constantemente refazendo seus caminhos na ambiguidade de suas decisões.

Indico isso porque ao que me parece, juntamente com a cidade de Primavera do Leste ele deixou para trás as frustrações; aliás, não só com o cargo ocupado na Prefeitura, mas também pelo que o casal viveu ao tentarem trabalhar juntos. Além disso, se Elaine já esteve em Guaíra, especificamente no Eletrosul, em viagens para visitar a família, tanto ela como Roberto, sabiam (mesmo que minimamente) onde estavam chegando: “aqui, pra ele, que já conhecia, sabia que não era tão fácil, né?”<sup>19</sup>

O “não era tão fácil” não tirou a possibilidade de sua vinda, mas, ao contrário, significou indicar o que era necessário pensar em algo a ser feito e, nesse caso, o Eletrosul me parece algo crucial para ambos, até pensaram em morar em outro lugar, mas eles viram no bairro algo que em alguma medida atendia às suas expectativas e limites de classe na cidade. Penso isso justamente pelo que o casal foi fazer: Elaine abriu um salão de beleza no Eletrosul, que até aquele momento não possuía nenhum, enquanto Roberto foi cortar grama em outros bairros da cidade. Para Elaine, Roberto precisava “deixar o orgulho de lado” e arrumar algo que não trabalhassem juntos, por sua vez ele precisou tomar decisões que, aparentemente, não contrariasse sua esposa, mas atendesse suas próprias projeções.

A complexidade para os trabalhadores chegarem ao Eletrosul não pode estar associada a apenas um fato ou, como ênfase, é preciso indicar que eles avaliam para onde vão e como irão viver, ainda que isso não seja determinado plenamente por eles. Apesar de todas as

---

<sup>18</sup> ELAINE (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 01/08/2016. Guaíra-PR.

<sup>19</sup> IBIDEM.

dificuldades presentes no bairro, pelo modo problemático como é construído, ainda assim, isso não impede de muitos chegarem e outros saírem.

Por isso, interessa pensar também como a relação com a cidade é estabelecida. Ao chegarem para morar no Eletrosul, não quer dizer que a relação com os demais bairros não ocorra. Ao contrário, percebo o Eletrosul como ponto a alcançar para se restabelecerem em meio a muitas andanças pela cidade. Digo isso, mais uma vez, a partir da atitude de Roberto. Pois, segundo Elaine, um trabalho de motorista em Primavera do Leste não era satisfatório para ele, porém ao chegar em Guaíra, decide trabalhar como jardineiro, percorrendo outros bairros da cidade.

No Eletrosul, existem muitas casas que possuem gramado. Contudo, se o morador não tem máquina de cortar a grama, algum dos vizinhos a possui, não sendo comum ou muito raro o hábito de pagarem pelo serviço de corte da grama. Por isso, indaguei Elaine, para quais lugares seu marido se deslocava para trabalhar, porque se por um lado ocorre certa preservação da visibilidade de cortador entre os vizinhos, isso não o impede de ir para outros bairros em que esse trabalho é remunerado. Na realidade, quando ela indica que ele vai para o centro, isso é referente às casas de classe média alta, localizadas não apenas no centro, mas também nos novos loteamentos, como o Jardim Higienópolis, localizado há oito quilômetros de distância do Eletrosul.

Assim as “andanças” de Roberto, juntamente com a experiência de outros trabalhadores na cidade Guaíra, que assim como ele andam pela cidade e se vêem a produzir modos de trabalhar, como os vendedores na avenida principal da cidade (Avenida Mate Laranjeiras) onde passam os chamados “turistas”, ou seja, aqueles que vêm a Guaíra, mas como passagem para o Paraguai ou Mato Grosso do Sul. A intenção dessa dissertação não é dar ênfase a esse fluxo transitório, mas apresentar essa questão também por um outro olhar, ou seja, dos trabalhadores que aqui moram e se utilizam disto de alguma forma para compor seu modo de vida.

A movimentação na avenida principal da cidade e na rua que permite o acesso à ponte (Avenida Almirante Tamandaré), é um indicativo desta questão. Nesse percurso é possível observar nessas áreas muitos trabalhadores nas calçadas e pontos comerciais (vindos das mais diversas localidades), justamente por serem trajetos que concentram a grande maioria dos restaurantes, padarias, lojas, hotéis, ou seja, são pontos “atrativos” para o comércio, principalmente, para os que estão de passagem, por isso muitos trabalhadores se dirigem a essa região trabalhando na venda de seus produtos e serviços.

Por outro lado, a cidade não se resume a apenas essa possibilidade, enquanto passagem para a área de fronteira a partir dessas duas travessias “principais”. Há a atuação nas demais localidades da cidade, algo que Roberto já permitiu indicar, sugerindo uma prática que foge da lógica de trabalhos em Guaíra ligados à passagem de fluxo turístico. Nessa mesma direção, a atuação das “vendedoras de catálogo”, como discutido no trabalho de Lima (2012), trabalhadoras que se colocam a construir relações na cidade priorizando, muitas vezes, o comércio para os conhecidos e em locais que frequentam com alguma assiduidade. Nesse sentido, para elas o interesse não está, necessariamente, ligado a quem está de “passagem”. Ao contrário, interessa aqueles que são da cidade; o vizinho, a dona da loja da esquina, aqueles que indiquem, em alguma medida, certa permanência e continuidade de compra.

Lima (2012) traz como proposta discutir a partir de trabalhadoras que “vendem produtos de catálogo” (Avon e Natura) a presença desses sujeitos no mercado de trabalho em Guaíra. Sua discussão, que não se propõe a pensar os trabalhadores na mesma direção que essa dissertação, entretanto permitiu observar a trajetória de trabalhadores e o desgaste enfrentado ao longo da vida, pressionando-os a alterações nos postos de trabalho, haja vista que as possibilidades de melhora, ou de não mais trabalhar, acabam sendo difíceis de alcançar ou responder às pressões da sobrevivência.

A entrevistada de Lima (2012) permite, que em nossa pesquisa, com novas perguntas vejamos a aproximação com nossa problemática e com a realidade de Elaine e Roberto (mesmo chegando em Guaíra mais de trinta anos antes), pois a trabalhadora Ana Paula, de 37 anos, natural de Goiânia/GO casada há 22 anos, apresentou para Lima as relações enfrentadas diante da vinda da família para Guaíra e permanência na cidade.

A chegada em finais da década de 1970, indo direto para o distrito de Bela Vista, sugere que, mesmo com as alterações na dinâmica de produção e relações de trabalho no campo (algo recorrente no país e também no Oeste do Paraná daquele momento), a família se empregou na atividade rural da cidade. Ana Paula narra como foi sua inserção tanto na lida no campo como, posteriormente, no trabalho doméstico. Desde criança estava no trabalho como boia-fria. Com 18 anos, ainda no campo, estava na colheita de algodão e só anos depois começa a trabalhar como diarista no serviço doméstico.

Em meados dos seus 26 anos, não exercendo mais a função de diarista doméstica com tanta frequência, inicia o trabalho de venda de produtos Natura, Demillus e Avon. Durante o diálogo com Lima destaca as motivações para tal alteração:

Ah, eu não sei bem certo, eu sei que nós rodamos um mundo, eu sei que de lá nós viemos pro Paraná. Eu sei que em cada cidade a gente morou um pouco [...]. Sei que era assim, cada tempo vivia num lugar, que nem cigano. A mãe que fala que nós era igual cigano, não parava muito tempo em um lugar. [...] Mas depois que eu vim pra cidade... trabalhei muito tempo na roça. Até hoje tem vezes, assim, que eu sinto saudades daquela época, aquela época sofrida minha fia, levantava quatro horas da manhã e subia em cima de um caminhão e se mandava, era pra colher algodão, ralear, carpia, de tudo um pouco. [...] ah, na roça eu trabalhei até depois de casada. Bem a minha filha tá com 21 anos, eu até uns dezoito anos trabalhei. [...] com oito anos a gente já ia pra roça, a mãe ia e levava a gente junto. [...] depois eu trabalhei de doméstica. Trabalhei uns oito anos de doméstica. [...] não, nunca fui registrada. Eu trabalhava em várias casas. Por meis, mesmo, eu só trabalhei um ano, depois a mulher foi embora e continuei trabalhando de diarista. Depois saí de diarista e comecei a vender, agora já tem onze anos que vendo. [Ana Paula, 21 de out. 2007 apud LIMA (2012, p.4)]

Ao se referir aos esforços passados, Ana Paula fala dos percursos da família pelas áreas rurais do país (indicando o sentimento de condição transitória) até chegarem em Guaíra. A trabalhadora traz a interpretação sobre as relações de trabalho, destacando a colheita de algodão e as atividades no campo, destacando sua rotina extensiva. Ela entende que as condições em que eram executadas as tarefas lhe proporcionaram danos à sua saúde, que foram sendo agravadas ao longo do tempo, pois mais do que tipos de trabalho, Ana Paula destaca uma condição de trabalhador que muitos em Guaíra reconheciam como comum, tanto no trabalho rural quanto no trabalho na cidade, inclusive no trabalho doméstico:

Ai, tem hora que bate um desespero. Mas, eu num agüento mais fazer outra coisa. Minha coluna não me ajuda mais. Então tenho que fazer isso daí. Isso é do serviço mesmo, desde pequena trabalhando na roça, pegando peso de mais, eu erguia 60 quilos na cabeça, pegava aqueles fardão de algodão e saía longe. Daí, hoje, não aguento nada, não aguento pegar um pacote de cinco quilos que eu já to morrendo, (risos), vai passando dos trintas você começa a sentir aquilo que você não sentia antes. Agora já to quase com 38 anos. [Ana Paula, 21 de out. 2007 apud LIMA (2012, p. 4-5)]

A entrevista acima aponta que era essencial continuar trabalhando, mesmo diante de um problema de saúde que se agrava. Assim, a trajetória de Ana Paula deixa em evidência que, mesmo diante de tais condições, a trabalhadora procura outros meios para obter uma renda frente às pressões de classe. Para além disso, são onze anos na “venda de produtos de catálogos”, o que entendo é que assim como Roberto, Ana Paula possivelmente percorre outros bairros para a vender seus produtos e viu nessa atividade uma possibilidade de negar relações de trabalho mais extenuantes.

Ana Paula, do mesmo que Elaine, também deixa o campo para um prosseguir na cidade, onde o aprendizado dessa experiência indica a tentativa de superar práticas de

exploração. Durante minha conversa com Elaine, não foi possível saber com maior profundidade da trajetória de Roberto, por quais postos de trabalho ele passou, além da Prefeitura de Primavera do Leste. Mas, a questão é que tanto ele como Ana Paula lidaram com muitos trabalhos (registrados ou não) como um meio de sobreviver.

Elas vieram de outras cidades com seus familiares para Guaíra e esta condição compartilhada se estende a tantos outros que me fazem pensar sobre o que buscam na cidade, ou melhor, que cidade é esta que procuram e que está sendo produzida por eles?

Rolnik (1992, p. 28) ressalta a necessidade de pensar a cidade como espaço de transformações promovidas pelos sujeitos, ou seja, ela me inspira a pensar o bairro Vila Eletrosul nesses termos, porque de fato há trabalhadores envolvidos na sua constituição e, portanto, é significativo tratar sua produção enquanto território social de Guaíra, que se faz a partir de relações de poder e embates pelos usos da cidade, observando as tensões que esses sujeitos experimentam ao pensar moradia, custo de vida e pertencimento social.

Ao pensar assim, retomo as imagens do bairro e vejo como ele foi se fazendo. Nele, também se inclui chácaras, localizadas próximas ao Rio Paraná, duas aldeias indígenas, a presença de indígenas para além da aldeia, que vivem no interior do bairro, como também a presença de paraguaios residindo no bairro, compondo o conjunto daqueles trabalhadores que chegam à cidade, junto aos que vêm de outras regiões do país. Os diferentes loteamentos criados foram se agregando ao bairro e apontam diferentes momentos e modos de ocupação desse lugar.<sup>20</sup>

Nesse conjunto de novas habitações que compõe o bairro, vejo as autoconstruções que se agregaram ao projeto inicial da Vila Operária com dificuldade em romper essa marca, pois a maioria delas é de madeira. Mesmo que os trabalhadores tenham alterado parte de suas moradias ao longo dos anos e muitas tenham se tornado mistas (madeira e alvenaria), ou já totalmente alvenaria, a localização ainda caracteriza, parcialmente, a qual historicidade aquela parte do bairro pertence.

Essas diferentes formas de ocupações do bairro formulam territorialidades (que sugerem modos de viver e condições de classe), onde esses territórios são construídos pela experiência dos sujeitos, e se “a cidade precisa ser vasculhada” (FREITAS, 2016, p.22) são

---

<sup>20</sup> Atualmente além de vendas de terrenos e o aumento de casas em alvenaria, estão em construção dois loteamentos: Cataratas I e II, financiados pela Imobiliária Córrea, localizados logo na entrada do bairro, na avenida Brasil. Além de autoconstruções de temporalidades bem variadas. Segundo o atual presidente da Associação de Moradores do bairro, no Eletrosul foram 200 casas construídas pela COHAPAR, uma iniciativa de construção de casas populares financiadas a partir de programas habitacionais do Governo do Paraná. Para maiores detalhes sobre esse empreendimento ver também:

<http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1> Acesso em: 01/03/2017.

essas relações que colocam em evidência modos de viver (que explicitam práticas, valores e desigualdades).

Ainda que os trabalhadores apontem particularidades e distinções, ao compartilharem o bairro possuem também identificação com questões que dizem respeito à condição de classe, ou seja, ao lidarem com problemas relacionados ao atendimento médico e hospitalar, acessibilidade, segurança, serviços de infraestrutura no bairro - iluminação, transporte, água, coleta de lixo, problematizam o direito à cidade a partir do lugar social que ocupam e as motivações que têm para chegar, ficar ou partir.

Pensando nessa decisão de percursos e ações, a entrevista realizada com Manoel, não tinha como premissa apenas destacar o que o levou a viver e permanecer no Eletrosul, mas sim procurar compreender razões de sua vinda para a cidade, principalmente porque ela acontece quase quarenta anos depois que sua mãe já residia em Guaíra e há 36 anos que ela (Helena) já vivia no Eletrosul.<sup>21</sup>

Ainda assim, ao chegar nessa última década, Manoel reconhece no bairro a possibilidade de moradia, cuidar da filha e ter o apoio familiar para se instalar na cidade. A trajetória de Manoel expõe um conjunto de expectativas e pressões de classe para construir suas decisões e alternativas ao avaliar as relações sociais da qual toma parte:

Janaina- O que te levou a chegar em Guaíra?

Manoel- a minha mãe mora aqui... depois de várias tentativas em outras cidades... ela me chamou para vim morar aqui perto dela, então eu vim...

Janaina- Outras cidades? Que tipo de tentativas?

Manoel- É... tentei abrir uma pizzaria em Curitiba, não deu certo... tentei abrir em Londrina... não deu certo também... por fim vim para Guaíra para tentar abrir a pizzaria aqui...

Janaina- Quando chegou em Guaíra, você só trabalhou na sua pizzaria?

Manoel- Não, cheguei aqui com uma filha pra criar... sem muito dinheiro para investir, na verdade só tinha um forno e um freezer e uma bancada para abrir as massas, o resto não tinha... bom eu tinha que ter uma casa né? Tinha que ter dinheiro para pagar aluguel... então o jeito foi ir trabalhar de dia em outras coisas e a noite começar a fazer as pizzas para vender aqui no bairro mesmo...<sup>22</sup>

O trabalhador Manoel, atualmente com 47 anos, nasceu em Alto Piquiri-PR, no ano de 1967 (84 Km de Guaíra), onde viveu com sua avó materna. Aos dezesseis anos mudou com a família (tios e avó) para a cidade de Jundiaí-SP (757 Km de Guaíra), permanecendo nessa

---

<sup>21</sup> Helena, residente na Vila Eletrosul desde 1980, porém chegou em Guaíra um pouco antes de sua ida para a vila, com 24 anos de idade, no ano de 1978. HELENA (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 13/01/2015. Guaíra-PR

<sup>22</sup> MANOEL (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência do entrevistado, 25/08/2014. Guaíra-PR.

cidade por mais de vinte anos. Com o fim do seu casamento, em 2006, mudou-se para Guaíra, retomando uma aproximação materna em um momento de reconstrução de laços e afetividades, que se materializou na permanência na casa de sua mãe pelos primeiros três anos em que se fixou na cidade de Guaíra.

As ações e caminhos apontados na fala de Manoel expressam o percurso percorrido por ele diante da necessidade de criar sua filha e construir possibilidades de trabalho e de alterações em sua condição. Ao longo de sua trajetória, destaca algo compartilhado tanto com os demais entrevistados como o que Ana Paula mencionou, trabalhadores percorrendo outras cidades visando uma vida melhor, algo que na avaliação de Manoel, durante a entrevista, efetivou, de fato, com sua chegada em Guaíra. Com isso, o trabalhador valoriza em nossa conversa suas últimas decisões e permanência em Guaíra até o momento. Ele rememora esse percurso a partir do que quer valorizar no presente.

Ao discutir o processo de deslocamento e movimentação de trabalhadores como Manoel, dialogo com o trabalho produzido por Santos (2016), em sua obra, o autor analisa as expectativas e buscas por mudanças promovidas pelos sujeitos. Ao apresentar seu trabalho e sua questão ele indica que:

Na constituição desse terreno, assinalado por ambiguidades, firma-se uma dinâmica de condutas que torna evidente a energia das movimentações suscitadas, seja pela exposição do sentimento de dureza da vida, seja pela afirmação de alternativas frente ao estabelecido. Uma avaliação que, conforme os propósitos deste texto, reconhece e valoriza o vigor social manifestado nessas contradições – onde não se ignora nem as efetivas lástimas de fracasso e/ou limitação, nem as aspirações empreendidas por trabalhadores ao lidarem com uma condição de classe que os situam socialmente (seja no que se refere ao trajeto caminhado ou ao ponto de chegada alcançado). (IBIDEM, p. 2)

Esse deslocamento (seja entre outros estados e países seja dentro da própria cidade), apresenta os percursos constituídos pelos trabalhadores ao avaliarem suas necessidades e expectativas frente às pressões e limites que reconhecem diante do seu modo de vida, avaliando no conjunto de suas relações, vagas de trabalho, questões familiares, problemas de saúde, algo que o autor chamou de “lidarem com uma condição de classe que os situam socialmente”. A dinâmica de modos de viver de muitos trabalhadores, produzindo essas alternativas, ainda que sob pressões, para mim é muito marcante dentro do Eletrosul.

Ao analisar a ficha da assistente municipal de saúde e pensar a relação estabelecida quando da visita realizada na casa do seu Luis, acredito que aponta elementos que me instiga a problematizar esses percursos dos trabalhadores e suas contradições:



Visita domiciliar para acompanhamento e cadastramento da família recém mudada para a área, me disseram que estão todos bem e que não tem nenhuma doença que precise de medicamento de uso contínuo, tem um bebe de 6 meses, Caique e já foi avisada da campanha do pobre dia 08 (sábado).<sup>23</sup>

Qual o significado de “estar tudo bem” e, ao mesmo tempo, avisar “da campanha do pobre”? Quando falo em expectativas não entendo que possam ser as mais positivas possíveis, mas que elas lhes permitem prosseguir, enfrentando urgências e confrontando alternativas de mudança. Mas, o que incomodou a assistente faz pensar sobre o modo como vive a família de Luís, pois o que a fez naquela relação não se restringir ao que foi avaliar em sua visita de avaliação da saúde e tratamentos médicos?

A família de seu Luís, recém-chegada, recebia pela primeira vez a visita da assistente em sua casa, o que não impediu de visualizar e tratar de questões que ultrapassam as condições de saúde dos que ali residiam. Por isso, se estavam bem de saúde, do restante não poderiam dizer o mesmo. Ao anunciar a campanha de cadastro e distribuição de cesta básica ela sugere as desigualdades experimentadas por eles e compartilhadas com muitas famílias do bairro que passam por restrições comuns.

A “campanha do pobre”, realizada no bairro e mencionada pela assistente social, diz respeito à distribuição de cestas básicas pelo Centro de Referência de Assistência Social - CRAS –, tendo o posto de saúde como local de entrega. Essa indicação assim como a participação nessa distribuição não é um processo tranquilo, justamente porque se o posto de saúde deixa de ser apenas um local de atendimento e encaminhamento médico e hospitalar, acaba sendo imprescindível para esses trabalhadores como instituição municipal do bairro que agrega serviços e atendimentos para diferentes ações e demandas.

A presença da campanha no bairro também expõe mais um indício de como vive certos trabalhadores no bairro, principalmente quando associo essa experiência com a atividade da Pastoral da Criança no tratamento de gestantes e crianças (como cuidado e prevenção de desnutrição e problemas saúde). Um acompanhamento que fiz nos últimos meses da pesquisa para essa dissertação e pude avaliar pelos cadernos de ação das voluntárias.

Essas relações, estabelecidas no bairro, nesse caso registrada entre seu Luis e a Assistente, coloca em evidência o fato que: embora sejam relações construídas não estão imunes de constrangimento e relações de poder, porém por diversas vezes apontam caminhos para que na controvérsia lidem com a desigualdade.

---

<sup>23</sup> LUIS (pseudônimo). [FICHA DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR]. Guaíra-PR. 03/08/2013. Ficha de acompanhamento familiar das assistentes de saúde da prefeitura Municipal de Guaíra. Acervo da autora.

Avaliar a visibilidade dessa família, foi o que levou a assistente a anunciar tal relação de poder e exposição da condição de classe da família de trabalhadores. O modo como seu Luís e sua família vivia fez com que a assistente não se mantivesse alheia àquelas condições. Aqui entendo não apenas o desconforto, mas também a presença da assistente como sujeito pertencente ao bairro, saindo de sua condição de funcionária da prefeitura (que registra acompanhamentos de saúde) para, ao mesmo tempo, assumir essa condição de trabalhadora (de andar e conhecer a realidade dessas ruas, de cada uma dessas casas e sujeitos, por reconhecer problemas dos que vivem próximo à sua casa como compartilhadas assim como os limites de suas ações quando interpelada por eles).

Ainda sobre a dificuldade dessa relação, quando procurava fotografar e também saber da localização das casas que estavam nas fichas, entre uma casa e outra, Cláudia, a assistente de saúde, disse-me que corriqueiramente muitos a procuravam em sua casa, fora do horário de serviço, para pedirem informações ou algum medicamento, ou ainda, para saber o que determinada família já alcançará com alguma solicitação pendente no posto de saúde ou na prefeitura. Por isso, considero expressivo o uso constante da expressão “no mais, está tudo bem”, pois há muitas questões que não estão bem e são perceptíveis nas visitas domiciliares. Do mesmo modo, é muito conflituoso não encerrar a ficha institucional com um indicativo que deixe de encaminhar para o “está tudo bem”, ainda que no interior da ficha fique repleto de evidências de ambiguidades e os limites do empobrecimento dos trabalhadores na cidade.

Apesar da frase apaziguadora estar ali, o que a faz tão contraditória na composição das fichas? Acredito que isso não deve ser encarado de modo tranquilo, pois entendo que se fosse, esse tipo de avaliação, da condição dessa família, não apareceria de modo tão expressivo. Ao mesmo tempo, não seria tão desconfortante, ainda mais por se tratar de uma família recém-chegada, como ela mesmo enfatizou, o que sugere não ter “familiaridade”, mas identificação com a condição.

Penso que a decisão de chegar e permanecer como ocorreu com Elaine e Roberto, Ana Paula, Manoel e a família de Luís é, ao mesmo tempo, colocar-se a pensar como irão usufruir da cidade – arrumar um trabalho, onde morar, “inventar um endereço” para acesso aos serviços públicos, tudo isso são formas de se conquistar, ainda que temporariamente, a permanência –. O direito de ter uma cesta básica, matricular os filhos na escola, atendimento médico e hospitalar ou mesmo garantir a visita da assistente de saúde em suas casas (não pelas suas orientações, mas sim porque em alguma medida isso expresse uma espécie de validação de que podem permanecer naquele lugar e tratar determinadas necessidades e

expectativas que possuem) sugerem o modo como muitos trabalhadores vão recompondo alternativas e expectativas por uma vida melhor.

A entrevista realizada com Cláudia, em 2014, ajuda a analisar a percepção que ela tem sobre as ações efetivadas no bairro sobre esse processo de chegada de outros sujeitos à cidade. Quando discutíamos a gestão da saúde pública em Guaíra, durante a nossa conversa, ela destaca a interpretação que faz das orientações indicadas pelo Poder Público como procedimento a ser tomado quando, por ventura, ela se deparasse nas visitas domiciliares com a presença de famílias de trabalhadores de outras cidades, ou mesmo paraguaios e indígenas. Ao falar disso, valoriza sua ação e entendimento do processo, apontando como chega a cobrança e como reage a ela:

Então... assim, o que eu como assistente social coloquei pro gestor, quando tive oportunidade é isso: “antes de impedir, nós temos de conhecer”. Quem são esses 30 mil, 20 mil a mais que estão vindo para Guaíra pedir atendimento? São brasileiros do Mato grosso do Sul né? São do Paraná mesmo? São brasileiros que estão no Paraguai? Ou são paraguaios? Para podermos informar isso, entendeu? A quem é de competência, e exigir aporte financeiro ou que eles sejam responsáveis, porque se eu, Guaíra, estou recebendo 10 mil mato grossenses, a justiça do Mato Grosso do Sul tem que ser informada, para eles tomarem sanções a nível de saúde de lá, entendeu? Agora na questão dos brasileiros que residem no Paraguai, nós não podemos nos omitir. Mas como o governo federal vai nos ajudar financeiramente, entendeu? Se a gente não mostrar esses dados não tem como cobrar. Então é isso que eu insisto. Isso vai ser feito quando? Quando a pessoa vier aqui e alguém fizer o cadastro deles, fazer com dados reais, não inventar endereço, não aceitar inventar cadastro, tem uma questão da formação e da responsabilidade de quem vai fazer o cadastro.<sup>24</sup>

Ao consultar o site do IBGE, Guaíra é apresentada como uma cidade localizada no Oeste do Estado do Paraná, constituindo fronteira com o Paraguai e o Estado do Mato Grosso do Sul, com aproximadamente 30.704 habitantes (IBGE, 2010), ou seja, uma cidade fronteiriça que além dos deslocamentos e movimentação social foco desse capítulo ainda convive, principalmente nos finais de semana, com uma recorrente circulação de pessoas, visitando familiares, realizando comércio de mercadorias ou mesmo retornando dos locais de trabalho onde passam a semana.

No caso do bairro Vila Eletrosul, a presença de trabalhadores de outras cidades, paraguaios e indígenas que chegam para morar, trabalhar, fazer tratamentos de saúde e estudar em Guaíra é constante, acredito que percebem o morar no bairro como um caminho para efetivarem laços e permanecerem na cidade, avaliando os baixos custos de moradia e acessos

---

<sup>24</sup> CLÁUDIA (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na Unidade Central de Saúde, em 22/09/2014.

que o bairro permite (rodovia, estradas, lago, etc.), como foi possível apontar no mapa apresentado nas considerações iniciais.

Como catalogar a presença de Elaine? Veio de outro bairro de Guaíba? Veio de Primavera do Leste-MS? Veio do Paraguai? Definitivamente, acredito que é uma das incongruências dos registros, algo que, às vezes, acaba se limitando ao último lugar de onde saiu o trabalhador, não acompanhando a densidade de sua experiência e das decisões que tomou até estar em Guaíba e se dispor a permanecer na cidade.

Para além da menção à cobrança de procedimentos frente ao cumprimento de políticas públicas e a revisão dos envolvidos nos gastos com o atendimento público, percebo na narrativa de Cláudia, como a gestão pública se propõe a tratar os trabalhadores, que entre morar e trabalhar visualizam alternativas que implicam percorrer cidades e países conforme as possibilidades que esses novos roteiros lhes apresentem e/ou estão dispostos a confrontar.

Percorrer cidades também não pode ser encarado apenas como indicativo de buscar por um novo local para morar e trabalhar. Embora Manoel também tenha vindo de outros lugares e esteja morando em Guaíba, por muito tempo foi para outra cidade trabalhar. Entendo que esta não é uma realidade exclusiva dele, mas sim uma experiência compartilhada por trabalhadores de muitos bairros de Guaíba (CARVALHO, 2013; CLARO, 2015).

As dificuldades de Manoel, que vive de aluguel no Eletrosul, não foram resolvidas somente por conseguir o apoio familiar para os primeiros anos de sua chegada no bairro. Ao contrário, havia a necessidade de resolver o quanto antes onde trabalhar, onde morar, avaliando distâncias dos locais de trabalho, como manter o estudo e cuidado com a filha, elementos de sua rotina que acompanhavam as ações de Manoel e o modo como queria viver:

Janaina- Quais empregos que teve então durante o dia?

Manoel- Bom, não tinha muita alternativa, o que consegui mais rápido foi na C-VALE... aguentei lá quase que um ano, mais ou menos..

Janaina- E qual era a tua função lá?

Manoel- Bom... eu trabalhava na expedição... pegava as caixas dos frangos embalados e colocava nos caminhões... saía de Guaíba de madrugada, perto das cinco horas e só chegava perto das cinco da tarde... pra mim, era o que eu tinha que fazer na época...<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> MANOEL (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência do entrevistado, 25/08/2014. Guaíba-PR.

Essa questão está presente na vida de outros trabalhadores que moram no Eletrosul. Ainda hoje, muitos possuem vínculo empregatício com as empresas C-VALE (em Palotina) e COPAGRIL (em Marechal Cândido Rondon), indo e voltando diariamente para Guaíra.<sup>26</sup>

Nesse sentido, podemos entender que a avaliação de Manoel, a princípio indicada como sem muitas alternativas, traz as urgências (dos gastos familiares e da falta de escolaridade e maior profissionalização) como pressão para se deparar com certas relações de trabalho, principalmente, as vagas abertas e com entrada imediata - algo que é comum nas empresas sugeridas acima.<sup>27</sup>

Para o trabalhador, naquele momento, inserir-se nessas relações de trabalho indicava a possibilidade de permanecer na cidade.

Janaina- e por que saiu [da C-Vale]?

Manoel- como eu te falei... trabalhava nessas caixas... era todos os dias carregando peso, no frio... por que lá era tudo refrigerado, as mãos doíam, minhas costas então... sem contar que tudo era descontado, se você demorava cinco minutos para trocar de roupa era descontado... natal, ano novo, para folgarmos tínhamos que nos matar de trabalhar antes para sermos liberados, eu não gostava de lá, gostava das pessoas, dos funcionários... das pessoas que pegavam o ônibus junto comigo no bairro... mas fora isso... nem a comida às vezes descia... não via a hora de sair de lá... e outra coisa, eu chegava muito cansado, várias vezes não conseguia abrir o disk pizza à noite porque não aguentava de dor nas costas.<sup>28</sup>

Carregar caixas exigia um esforço físico, o qual era repetido todos os dias. Diante desse desgaste no trabalho, Manoel foi desenvolvendo um problema na coluna que lhe

---

<sup>26</sup> Em atividade desde 2005, a Unidade Industrial de Aves da Copagril, conforme sua definição “está instalada numa área total de 38 alqueires, com mais de 20 mil m<sup>2</sup> de construções, incluindo toda a linha de produção, áreas de congelamento e armazenagem, prédio administrativo e comercial, controle de qualidade e refeitórios. Atualmente, a capacidade de abate é de 180 mil aves por dia, que resultam em mais de 70 produtos produzidos diariamente e comercializados no Brasil e no mundo.” Disponível em: <<http://www.copagril.com.br/agropecuaria/unidade-de-aves>>. Acesso em: 23/06/2016.

No site da empresa C-VALE, ela se define como "Cooperativa Agroindustrial, desde 1963 possui uma unidade do Complexo Avícola em Palotina, atuação no Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraguai. Possui 111 unidades de negócios, mais de 14.600 mil associados e 6.038 funcionários. Destaca-se na produção de soja, milho, trigo, mandioca, leite, frango e suínos, e atua na prestação de serviços, com mais de 150 profissionais que dão assistência agrônômica e veterinária aos associados. [...] No segmento industrial, a C.Vale produz amido modificado de mandioca e rações. Neste mesmo segmento, a cooperativa mantém um complexo avícola com capacidade de abate de 600 mil frangos/dia". Disponível em: <[http://www.cvale.com.br/nossa\\_empresa.html](http://www.cvale.com.br/nossa_empresa.html)>. Acesso em: 23/06/2016. As vagas oferecidas no SINE da cidade de Guaíra, semanalmente sob efetuação de cadastro e carteira assinada, são mecanismos que compõe a prática de contratação a baixos salários para enfrentar a rotatividade e recusa a essas condições de trabalho onde essas empresas estão instaladas. Uma das produções acadêmicas que discute a relação dos trabalhadores de Guaíra com essas empresas é o de CARVALHO (2013).

<sup>27</sup> Ao acompanhar o anúncio de vagas no SINE, as vagas de auxiliar de produção são comumente as que permanecem com maior número e com maior regularidade nos anúncios de vagas abertas. Conferir: <http://www.sine.com.br/vagas-empregos-em-guaira-pr>. Acesso em: 23/06/2016.

<sup>28</sup> MANOEL (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência do entrevistado, 25/08/2014. Guaíra-PR.

acompanhou em outros empregos (cobrador de loja, costureiro etc.), o que com o passar dos anos foi agravando o seu estado de saúde e lhe prejudicando em qualquer atividade que execute, até mesmo atualmente na produção de alimentos à pronta entrega.

Em 2009, quando começa a trabalhar em uma fábrica de costura localizada no bairro Eletrosul, a uma quadra de distância de sua casa, resolve o tempo perdido no trajeto destinado até a outra cidade para trabalhar na C-Vale (tanto para ida quanto para volta). Entretanto, além da dor nas costas, adquirida no trabalho anterior (e que foi agravada), Manoel desenvolveu um problema no braço, devido às condições de trabalho nessa outra empresa. Em quatro anos vivendo em Guaíra, o trabalhador acumulava problemas na coluna e no braço assim como limites para suas futuras ocupações profissionais além de muitos tratamentos de saúde.

A situação vivida perante o adoecimento progressivo de muitos trabalhadores é expressiva para analisar em que condições muitos trabalham e como conseguem organizar seu modo de viver. Manoel indica um elemento que avalio de extrema importância para entender essa relação e seus desdobramentos: “eu não gostava de lá [C-Vale], gostava das pessoas, dos funcionários... Das pessoas que pegavam o ônibus junto comigo no bairro...”.

Para além da necessidade de trabalhar, ter uma filha para criar, ter que sair da casa da mãe, Manoel aponta pressões que dão visibilidade à sua condição de classe e que “auxiliaram” o trabalhador a “aguentar” as dores diárias e, também, ampliar o seu leque de sociabilidade no bairro para a produção de alternativas frente a essa realidade de trabalho. Ele procurou se inserir entre os que reconhecia possuir uma condição compartilhada e, ao mesmo tempo, procurou promover o seu novo negócio, aquele que viria investir no próprio bairro e o levaria a abandonar as demais atividades. Com isso, valorizar a identificação de classe foi, em grande medida, o porquê “construiu” laços e vislumbrou novos campos de possibilidade avaliando seu adoecimento e condições de trabalho.

Thompson (2001, p.107) em “As peculiaridades dos Ingleses” ao discutir a noção de classe enquanto relação construída na experiência, mostra como os sujeitos se identificam nas suas práticas, “compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores”. O autor auxilia a pensar que o processo de mudanças é construído a partir das relações, sendo confrontado pelos sujeitos nos seus sistemas de valores ao lidarem com pressões e interesses que vão sendo colocados ao experimentarem uma condição compartilhada, ainda que em movimento e com divisões em uma sociedade desigual.

Diante dessas considerações, estar no Eletrosul, apesar da distância, não inibe a relação com os demais bairros, penso isso porque na maioria das vezes quando menciono que moro no Eletrosul, muitos destacam; “nossa, mas é tão longe”, como se não houvesse “contato” com mais nada, ou mesmo questionassem a razão de viver naquele bairro. Para além disso, essa relação é estabelecida pelos caminhos dos próprios trabalhadores, seja para trabalho, compras, atendimento médico, passeios, que exigem percorrer trajetos que fazem esse longe expressarem nossa dificuldade de acesso e mobilidade pela cidade.

A dinâmica dessa discussão está em perceber como e de qual modo os sujeitos se relacionam com essa localização, ao mesmo tempo, em que pertencem e disputam a cidade. Para Elaine, ter um salão de beleza em um bairro que não tem nenhum outro se torna um diferencial relevante, pois a distância que mantém de seus concorrentes acaba lhe favorecendo ainda mais na conquista de seus clientes. Do mesmo modo, Roberto entendeu que apesar da grama nas casas no Eletrosul existir, ir trabalhar em outros bairros como jardineiro lhe proporcionaria uma renda maior do que ficar no Eletrosul, ou seja, os trabalhadores analisam o lugar social que ocupam e que relações estão dispostos a construir para permanecerem na cidade.

Ainda assim, o que “classifiquei” como a avaliação de Roberto é compreender como ele visualizou a vinda da família para Guaíra: não foi apenas chegar, mas, também, visitar várias vezes, entender a dinâmica de Guaíra, pensar o que estaria disposto e com possibilidades de aferir ganhos na cidade. Ser jardineiro, expunha uma prática não tão comum no bairro em que vive, mas, ao mesmo tempo, traduzia uma atividade possível na cidade.

Esse trabalho, combinado com o que seria possível para Elaine no bairro, permitiria a manutenção da família na cidade. Para sua esposa, permanecer no bairro conciliava trabalho e o cuidado com o filho. Portanto, visualizar a cidade a partir do olhar de quem vai ocupá-la é pensar o que se pode fazer disputando esse lugar em associação com seus valores e expectativas.

Faz três anos que o casal mora em Guaíra, dois anos e meio que estão no Eletrosul. O “descontentamento” que envolveu o marido de Elaine me parece ser algo custoso para ambos e, mais ainda, levou-me a pensar na relação com a cidade. Para seu marido, aparentemente, seu reconhecimento como pertencente à cidade do Mato Grosso se dava por meio do que ele exercia, ou melhor, do que ele representava socialmente, alterar essa visibilidade era expor fragilidades de sua condição de classe que não teve disposição em fazer em Primavera do Leste.

Portanto, quando se quebra essa visibilidade, Primavera do Leste deixou de responder suas projeções e passou a lhe causar incômodos. À primeira vista, todas as complicações (seja por trabalharem juntos seja pelas alianças partidárias perdidas) seriam resolvidas através de um novo trabalho, mas isso eram soluções que Elaine propunha, e não as que Roberto considerou, por isso a tentativa de trabalharem juntos no salão e loja de roupas que possuíam em Primavera do Leste foram ações imediatas, mas que não agradaram a ambos, favorecendo a abertura de outras possibilidades, inclusive o retorno para próximo da família de Roberto em Guaíra.

Com essa decisão intraquilo do casal, juntou-se outros problemas, que fizeram os pais de Elaine também se dirigirem à Guaíra há dois anos, morando no bairro “Vila Alta”, localizado a 10 km de distância do Eletrosul. Segundo Elaine, a vinda de seus pais para esse bairro teve como motivação, o pai, seu João, manter contato com um ex-colega de trabalho (da época em que trabalhavam na roça), o qual também veio do Paraguai para Guaíra, sendo esse amigo quem arrumou a casa onde moram.

No entanto, a vinda de seus pais foi motivada também por outros fatores, para além da explicação inicial dada por Elaine. Ao longo da entrevista, essas questões foram apresentadas. A mudança se efetivou na expectativa de cuidar da saúde e, em alguma medida, mesmo com a distância entre os bairros, estarem mais próximos dos filhos, como ela deixa antever em nossa conversa:

Janaina- é, e por que eles vieram pra cá?

Elaine- a minha mãe, assim tem bastante problema de saúde, pressão alta, né? então... lá assim... Como (ela) morava lá... daí, é... assim tinha uma época, agora meu irmão voltou a morar lá, mas antes, eles morava aqui no salto [Salto Del Guairá], daí tinha minha irmã e ele né? então os dois morava aqui, só ela morava lá e meu pai né? daí acharam melhor vir pra cá...

Janaina- faz tempo que eles mudaram pra cá?

Elaine- a minha mãe tem dois anos, daí meu pai assim ainda trabalhava lá, aí vinha pra cá mais assim, final de semana né? daí agora veio, mudo pra cá, eu gosto mais da região lá do norte, se um dia eu sai daqui de Guaíra eu não quero morar numa cidade no Paraná, eu quero morá em cidade pra lá [Mato Grosso]

Janaina- é?

Elaine- aham, (não digo assim, exatamente em Primavera, mas tem outras cidades lá também muito bonitas, que eu gosto)

Janaina- mas no que você vê diferença?

Elaine- não, eu não sei explicá sabe? Mas eu gosto mais dos lugares, assim... sabe quando você parece que até respira melhor no lugar?

Janaina- aham

Elaine- quando eu vinha pra cá, eu falava pra minha irmã e pros parente dele que eu vinha... que eu vinha embora... eu chegava lá, mudava de ideia...

Janaina- mas daí você vinha, ficava um tempo aqui, conhecia...



Elaine- eu falava pra ele assim (esse lugar não me suporta)...<sup>29</sup>

Acho necessário discutir sobre o “descontentamento” de Elaine, algo que ficou bem claro durante toda a entrevista. Acredito que ela viu naquela conversa a oportunidade de falar algo que não podia ou pelo menos tinha que evitar dentro da sua casa, embora a “culpa” destinada a seu marido não quer dizer que ela também não faça parte do processo de tomada de decisões. Afinal, dizer tudo isso, é apresentar à pesquisadora (que sabe onde e como vive) que não está passiva a tal realidade, tenta alterar as circunstâncias adversas e limitadas que enfrenta.

Afinal, quando ela diz que em meio suas visitas a parentes em Guaíra “falava pra minha irmã e pros parente dele que eu vinha... que eu vinha embora... eu chegava lá [Primavera do Leste], mudava de ideia”. A mudança teve que ser pensada, porém hoje não quer a responsabilidade para si, caso algo não saia como “planejado”.

Os pais de Elaine chegaram em Guaíra antes que ela. Porém, no mesmo ano em que também se mudou, 2014. Mesmo período em que sua irmã também deixou a cidade de Salto Del Guairá e vem para Guaíra, morando em uma casa próxima aos seus pais, também no bairro Vila Alta, no qual eles permanecem até hoje. As famílias de trabalhadores, muitas vezes, ao longo desses percursos de alterações (de países, cidades, bairros), reconhecem que permanecerem juntas ou próximas pode auxiliar a permanência de todos, ainda que não resolva as dificuldades e aspirações peculiares a cada um.

Janaina- ah, faz quanto tempo que vocês estão aqui?

Elaine- vai fazê um ano

Janaina- um ano já?

Elaine- vai fazê um ano, quando a gente veio pra cá nós moramo um mês, trinta dias, lá do lado de lá da cidade, nós alugamo uma casinha lá.

Janaina- aonde?

Elaine- e, ali perto da Vila Alta, pra lá...

Janaina- hum

Elaine- que a minha irmã mora lá, né?

Janaina- ah, você tem uma irmã que mora aqui também?

Elaine- sim, daí eu liguei pra minha irmã, falei pra ela, dai ela pegou e arrumou... ela arrumou um lugar, porque a gente assim, com criança não tem nem como ir e ficar dentro da casa dela né?

Janaina- sim

Elaine- daí, corria trazê as mudança trouxe as coisas, falei dai já arrumá um lugar, a hora que a gente chegar, já tem um lugarzinho pra gente ficar até se ajeitar, aí nós ficamo lá, ficamo trinta dias lá.

Janaina- mas daí por que que vocês vieram pra Eletrosul?

Elaine- porque a gente comprou aqui daí né?

Janaina- ah vocês compraram uma casa?

---

<sup>29</sup> IBIDEM.

Elaine- aham, nós compramos ali, porque assim, a gente tinha um terreno lá na Vila Alta, né? tinha não, tem né? um terreno lá em baixo, mas dai lá é rua de chão né? daí chovia, entrava aquela lama, ai depois fiquei assim falei “ah vamos procurar alguma coisa, de repente se encontra alguma coisa a gente não constrói”, a ideia era construir lá né? pra morar... daí é... mudamos prum lado, pro outro, e assim foi, ali que dai eram bem assim, que é o que o dinheiro alcançava né? pra compra, compramo ali, né?<sup>30</sup>

Apesar de ter seus pais e sua irmã por perto, a presença deles pode ter, de algum modo, mesmo que minimamente, proporcionado certa “segurança” para a vinda de Elaine. Entretanto, isso não a colocou imune às incertezas sobre um lugar para morar. O bairro Vila Alta, que fica a 10 km de distância do Eletrosul e a 5 km do centro da cidade, foi o meio de chegada, porém ao enfatizar que não poderia ficar na casa de sua irmã, o “arrumar” algo que proporcione “um lugarzinho pra gente ficar até se ajeitar”, também indica que já pensavam que não teriam (ou não queriam) por muito tempo, o gasto com aluguel.

A casa adquirida por Elaine e Roberto no Eletrosul, também foi uma indicação, mas dessa vez por parte de sua cunhada, ou seja, irmã de Roberto, agora residente no bairro Vila Eletrosul. É interessante pensar, mais uma vez, como os trabalhadores vão tomando suas escolhas e se encontrando pelos bairros da cidade.

Apesar da distância entre o Eletrosul e o Vila Alta, ambos foram bairros constituídos, em sua origem, nos extremos da cidade. Segundo o trabalho de Claro (2015), esses bairros compõem (junto com alguns outros) a principal ocupação popular da cidade. Porém, o autor, ao se propor estudar o processo dessas ocupações, faz considerações a partir de documentos da prefeitura, destacando o modo como se deu a construção oficial dos bairros em Guáira, particularmente como Vila Alta e Eletrosul compuseram a pauta da gestão municipal, a partir dos investimentos e inserção no perímetro urbano.

O Eletrosul é apresentado pelo autor rapidamente e como uma área de ocupação – ainda ligada à presença da empresa e construção da Usina Ilha Grande (fosse pela ocupação ocorrida para a obra fosse pela ocupação com o cancelamento da obra). Já o processo de ocupação discutido sobre o Vila Alta, apesar de apresentar o embate entre poder municipal e os moradores (entre 2011 e início de 2013), o autor sugere que o bairro Vila Alta sofreu um constante ataque por parte do poder público, onde muitas famílias que lá moravam tiveram suas casas destruídas sendo obrigadas a procurarem outros lugares para morar. CLARO (2015) indica a dificuldade em encontrar os trabalhadores envolvidos em tal acontecimento, justamente por não saber do seu paradeiro, o que o impediu aprofundar tais conflitos.

---

<sup>30</sup> IBIDEM.

As entrevistas realizadas pelo autor sugerem que o trâmite entre a compra da casa e escrituração da mesma foi rejeitado pela prefeitura e toda a luta por essa regularização foi intensa e desgastante, resultando na retirada de grande parte desses trabalhadores da região. Foi nesse contexto de tensão que a família de Elaine chegou para morar em Guaíra e, mais especificamente, no bairro Vila Alta, onde seus familiares já residiam.

Embora Elaine não mencione tais embates, acredito que isso também influenciou em sua decisão em não permanecer no bairro, ao mesmo tempo sua narrativa permite destacar como é difícil garantir moradia em Guaíra, alterando, inclusive, parte de suas expectativas (morar em uma rua com asfalto), vindo a comprar o terreno e construir sua moradia no Eletrosul.

Mas, aliado a esses fatores, há uma questão que indica em sua fala: “a ideia era construir [...] aonde o dinheiro dava”. Os terrenos do bairro Eletrosul possuem valor abaixo da média de outros espaços da cidade, acredito que isso colocou o terreno adquirido no campo de possibilidade do casal, pois o que se manteve na avaliação do acesso à moradia foi se o lugar poderia ser pago com que o possuíam e permitir a construção da casa.

Falo isso porque em nossa conversa ela ressaltou várias vezes a dificuldade de se comprar um terreno para construção quando ainda morava em Primavera do Leste. Com isso, ela aponta elementos de dificuldades já experimentadas no Mato Grosso, ainda que sua vinda não tenha se dado apenas por isso, mas não descarto que este fator também esteja entrelaçado com as novas alternativas que se propuseram a construir em Guaíra.

Mesmo diante do descontentamento de Elaine, o fato de estarem perto dos familiares seria uma mudança no modo como viviam. Nesse sentido, as pressões são muitas e vão desencadeando ações e avaliações, pois se havia problemas em permanecer em Primavera do Leste, havia a certeza de que precisavam achar uma “saída”. Ainda assim, a decisão do casal também apresenta limites: não é apenas decidir, é avaliar os riscos sobre o que podem encontrar e como procederem perante as novas projeções.

O modo como muitos desses trabalhadores chegaram (e ainda chegam) a Guaíra ou percorrem outras cidades, também é um indicativo sobre o modo como chegam ao Eletrosul, expressando suas decisões e o que avaliam como melhoria ou não para suas vidas, ou mesmo reordenam em suas expectativas e limites de classe. Penso sobre isso ao retomar a entrevista que realizei com seu Joaquim, hoje com 51 anos.

Quando perguntei sobre a época em que chegou em Guaíra, o trabalhador disse que veio morar em Guaíra com 25 anos de idade, no início da década de 1990, chegando com a mulher e duas filhas. Mesmo tendo nascido em Guaíra, em meados da década de 1960, com

cerca de um ano de idade, Joaquim e seus pais se mudaram para uma fazenda no Paraguai, localizada na cidade de La Paloma del Espiritu Santo, a 57 km de Guaíra. O trabalhador faria o movimento inverso de Elaine, indo para o Paraguai e somente anos depois deixaria aquele país.

Segundo ele, por decisão de seu pai, tomaram esse caminho, pois na visão de seu Joaquim seu pai era alguém que “Vive procurando coisa melhó pros filhos... Nasci aqui, mas depois fomos morar no Paraguai”<sup>31</sup>. Essa justificativa retoma valores comuns no cuidado com a família assim como aquelas preocupações de trabalhadores, particularmente do campo, que tinham que reorganizar trabalho e moradia constantemente ou, pelo menos, manter esse horizonte de possibilidade.

Por isso, deixar a fazenda em que trabalhava em Guaíra, na região do que é hoje o distrito de Bela Vista, que fica a 30 km da sede urbana de Guaíra, para ir a outra área rural com sua família, foi algo avaliado pelo pai frente às relações de trabalho e condições de vida que possuíam em 1966: “ele conheceu um cara que precisava de alguém pra cuidá da fazenda dele... assim... a gente fala cuidador... assim, tipo caseiro, sabe?”<sup>32</sup>

Esse é o mesmo distrito que dez anos depois fez parte da procura de Ana Paula e sua família, que saíram de Goiás para se empregarem como trabalhadores rurais em Guaíra. Essa movimentação dos trabalhadores desmonta as fronteiras e nos faz refletir sobre as pressões que motivam certa disposição nos trabalhadores a se colocarem a seguir novas empreitadas (em cidades, países, atividades antes não desempenhadas...).

Na fala de Joaquim, a “procura”, aparentemente vista como encontrar trabalho, mas que ultrapassa essa condição, é ainda mais significativa quando destaca o modo como viviam no Paraguai :

Janaina- ah sim ... E o senhor gostava?

Joaquim- a gente gostou... Morei toda a vida ali, né?... Sempre na fazenda ...

Janaina- toda vida? O pai do senhor ficou muito tempo lá?

Joaquim: Sim toda vida.... A gente ficou ali trabalhando... Quando eu era mais pequeno assim né? A mãe ajudava um pouco o pai a cuidar assim dos bichos... Fazia uns servicinhos mais leve ... <sup>33</sup>

Sua resposta perante a decisão do pai, me indicou como não estava em questão gostar ou não do lugar, mas a noção de que estavam juntos naquela decisão, reconhecer o serviço pesado dispendido e sacrifícios colocados por todos diante daquela ação não cabia outra

---

<sup>31</sup> JOAQUIM (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 05/09/2016. Guaíra-PR.

<sup>32</sup> IBIDEM

<sup>33</sup> IBIDEM

resposta a não ser inda que essa foi a sua vida. Permanecer por tanto tempo naquele lugar aponta as dificuldades hoje em problematizar o que viveram a partir daquela mudança ou mesmo como o seu retorno só se tornou uma questão quando os pais já haviam falecido.

Fiorotti (2014) ao tratar essa temporalidade traz uma visão sobre esse processo de transformações sentidas pelos trabalhadores na mudança do âmbito rural para o urbano durante o período de 1970 e 2010. Segundo a autora, até os finais da década de 1970, o Oeste Paranaense contava com uma grande concentração de terra. No caso de Guaíra, muitos trabalhadores viviam do cultivo da terra tanto para consumo próprio quanto na plantação para venda e essa realidade sofre transformações quando outros fatores entram em cena:

De acordo com as informações apresentadas pelo IBGE houve em Guaíra uma inversão entre a população ocupada no campo e na cidade entre as décadas de 1970 e 1980, com um brutal declínio de 66% no número de trabalhadores envolvidos em atividades voltadas à produção agropecuária. Neste mesmo período, também observamos mudanças no tipo de cultivo agrícola após a substituição do cultivo de hortelã, algodão e produtos de subsistência, antes produzidos em pequenas comunidades, dentro da esfera doméstica e da pequena propriedade, pela monocultura de soja, trigo e milho que, cultivados em grande proporção, criaram a dependência da utilização de maquinários, tais como colheitadeiras e tratores, além do uso extensivo da terra. Dessa forma, as inovações tecnológicas também são percebidas, naquele momento, como articuladas as tentativas sistemáticas do capital de baratear as despesas com a mão de obra [...] (FIOROTTI, 2014, p3)

A autora tenta explicar as alterações de todo o período compreendido entre as décadas trazendo a inclusão mais intensa de maquinários no campo e, conseqüentemente, a perda de postos de trabalho, ou ainda, aqueles que não possuíam condições para capitalizar sua produção, viram o seu meio de sustento sofrer drásticas mudanças na concorrência por produtividade e mercado. Entretanto, ainda que a família de Joaquim auxilie e corrobore para essa explicação estrutural, a entrevistada da autora, Ana Paula, já mencionada nesse trabalho a partir de outra produção (LIMA, 2012) chega em Guaíra com a família para trabalhar no campo nesse período de influxo, o que pode explicar a baixa de salários, mas a continuidade de certas práticas de contratação e fixação de trabalhadores no campo.

As entrevistas realizadas pela autora com trabalhadores, catadores de recicláveis (FIOROTTI, 2014), sugerem que vivenciaram esse processo de alteração do campo para a cidade com dificuldades, principalmente ao pensar nos postos de trabalho que exigissem habilidades que não fossem as que desenvolveram no meio rural:

Ao observar esta entrevista e dos demais catadores pesquisados, é possível perceber que grande parte deles tiveram seu aprendizado para o trabalho voltado a produção agropecuária, implicando no despreparo para ocupações

urbanas. Quando ocorreram alterações na estruturação do trabalho entre 1970 a 2000 em Guaíra e na região Oeste do Paraná, sofridas tanto pela intervenção de capital estrangeiro como pelo auxílio de uma política nacional que incentivou através de financiamentos e a criação de diversas facilidades a implementação de uma forma de produção, as oportunidades de trabalho no campo reduziram brutalmente, enquanto as ocupações urbanas aumentaram. (IBIDEM, p. 7)

Entendo que essas mudanças, apresentadas pela autora precisam ser aprofundadas. Ainda que tais “alterações na estruturação do trabalho” tenham ocorrido, juntamente com essa passagem do campo para o meio urbano, não acredito que apenas o fato de trabalhar com algo que exercia alguma familiaridade levou esses trabalhadores a permanecerem na cidade ou no trabalho. Isso é possível ser apreendido, principalmente diante da constante avaliação desses sujeitos sobre esse processo de atuação em certos postos de trabalho e a tentativa de alterar as relações de trabalho em que se envolviam.

Os sujeitos não são apenas reflexos dessa estruturação, avalio que havia projetos que se colocaram a disputar o campo e a cidade (e ainda o disputam), particularmente no Oeste paranaense, onde se encontram entremeados em muitos conflitos, inclusive até os dias atuais. Observo isso, no próprio trabalho da autora, em uma das entrevistas que realizou, traz a narrativa de Antônio. O trabalhador ao falar sobre o modo como ingressou no trabalho de catador destaca:

Bem dizer eu era agricultor. Meus pais, minha mãe me ensinaram a trabalhar.[...] Eu tinha uma propriedadezinha. Casei já com problema, minha esposa ficou doente, logo tivemos uma filhinha que também adoeceu [...]. Naquela época minha mãe deu uma herançaquinha, nós repartimos sete alqueire de terra, daí eu fiquei com três alqueire e meio e cuidando da mãe. Daí foi indo que eu cabeí com as criação, foi indo porquinho, vaca de leite, boi e tudo pra tentar conseguir recuperar a saúde da minha filha. Daí fiquemos desnortiado, acabamos indo pro Rio Grande do Sul, que eu sou natural de Santa Rosa, daí não deu certo, zerô tudo. Nós fomos pro Paraguai, eu tava vendo que nós ia ficar sem nada. Os paraguaios tavam pegando tudo o que nós plantava, tirando nossa terra. Falei para minha esposa, para gente vender o que sobrou e vir embora para Guaíra, [...] Daí eu comecei a varrer rua por uns tempos, só que o patrão me mandou embora. Aí foi que eu comecei a pescar junto com uns rapazes, eu num tinha material, eles começaram a me dar umas cordas, umas redes velhas, me ajudaram, me deram uma oportunidade pra eu começar. Só que foi indo, que a pesca não deu mais pra viver não, então eu precisei começar a catar papel. Agora eu deixo a rede e só vou retirar no domingo. Foi assim que eu entrei na cata, eu comecei a catar latinha e papel pra poder viver. E já vai fazer doze anos que eu to catando. Graças a Deus, temos esse pouquinho aí, mais é lutado. Dá pra sobreviver mais é fazendo economia. [(Antônio. Entrevista gravada em junho de 2006 apud FIOROTTI (2014, p.8)].

Entendo que para Antônio, na época da entrevista com 62 anos, o que estava em jogo não era se estava habituado, ou não, ao trabalho, mas sim que precisava trabalhar em algo, porque tinha uma família para sustentar. Não foi necessariamente a mudança do campo que o fez perder tudo que possuía, mas sim as tentativas de resolver os problemas de saúde de sua filha. Para além disso, suas andanças de uma cidade a outra foram em busca de algo que pudesse auxiliar em alterar essa condição, já que como ele mesmo indica, “zerou tudo” o que possuía. A desigualdade fez com que a correlação de forças o deixasse com esse sentimento de perda e opressão, ao mesmo tempo que não se sentiu paralisado, apenas com o peso dos limites de classe para prosseguir. Ainda assim, aponta que lutou e tudo que tem é lutado, tentando comprovar para a pesquisadora a força de suas ações e que sua condição no presente aponta conquistas e luta.

Ainda na entrevista de Antônio, sua estratégia em ficar por um tempo como pescador e depois ter que procurar algo para garantir um sustento familiar maior, não foi apenas uma “oportunidade” que “pescar com uns rapazes” lhe resultou. Acredito que sua experiência sugere como os trabalhadores avaliam os lugares em que vivem, pois compartilham ensinamentos e produzem práticas. Ele mesmo indica que por meio desta relação obteve mais do que trabalho, uma casa para morar com sua família no bairro em que esses pescadores também moravam.

Com isso sugiro que além do enfoque sugerido pela autora (alterações campo/cidade e das atividades laborais), o trabalho não pode aparecer em separado da experiência do sujeito, pois caso não se analise essa integralidade de relações; podemos correr o risco de reduzir grande parte dessas relações às porcentagens, espaços e tipos profissionais, ou mesmo considerar que há um “despreparo” em suas práticas e decisões.

A trajetória de seu Antônio me levou a pensar na entrevista realizada com Helena, que chegou em Guaíra no ano de 1978 e também deixou a área rural para viver no meio urbano em Guaíra. Durante nossa conversa, ela falou sobre esse momento de sua chegada:

Janaina: E como chegou em Guaíra?

Helena: Ah, é que tínhamos parentes, bom... na verdade eram conhecidos, né? Da minha família mesmo... que vieram morar em Guaíra... aí o assunto era... que era um lugar bom de se viver, né? para trabalhar... aí acabei vindo.<sup>34</sup>

Helena anuncia para mim que chegou em Guaíra com a promessa de que o município era um lugar “bom de se viver”, de que estava sendo “divulgado” em outras cidades que havia

---

<sup>34</sup> HELENA (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 13/01/2015. Guaíra-PR.

trabalho e, independente de ser ponto turístico ou região de fronteira,<sup>35</sup> essa era a grande identificação que Helena destacou como motivação para arriscar sua juventude na nova cidade.

A trabalhadora nasceu em Brasilândia do Sul (PR), localizada a 90 Km de Guaíra, porém mudou-se com seus pais para um sítio em Toledo com dez anos de idade e era lá que vivia antes de mudar-se para Guaíra.

Janaina - e quando chegou aqui onde a senhora morou?

Helena- eu cheguei e fui morar com uma amiga da minha mãe, ela tinha uma casa ali perto do rio, sabe? Onde é caminho ali pra ir pra antiga prainha? Morei lá... depois essa amiga da minha mãe, a Bernadete, faleceu coitada, ela não tinha ninguém, assim próximo, de família, ela faleceu e me deixou a casa, morei lá até mudar para a Eletrosul.<sup>36</sup>

Contudo, a dificuldade em explicar a escolha de Guaíra como destino, decorre em função de uma tentativa amorosa que a jovem trabalhadora iniciava na nova cidade. Assim, apesar da oferta de trabalho, o “bom de se viver” para ela se faz a partir de um sentido maior: o relacionamento que Helena estava para firmar. Com isso, o trabalho que conseguiu logo que chegou e a casa para morar de favor foram condições importantes para que vislumbrasse sua expectativa amorosa.

Ao olharmos para essas temporalidades em que os trabalhadores percorrem e discutem postos de trabalho, entendo que essa questão motivou muitos a saírem para outros lugares, mas, por outro lado, o que não pode deixar de aparecer, é que para além dos que decidiram permanecer na cidade, há também os que vieram (assim como os que retornaram), como foi o caso de Antônio, Joaquim e Roberto.

Helena indica, apesar do desconforto com a entrevista, que entendia os riscos que estava para correr ao tomar tais decisões, pois tudo que vivenciou não aconteceu de modo tranquilo, com desentendimento familiares e restrições nos primeiros tempos na cidade.

Seu Antônio narra suas tristezas e dificuldades enfrentadas ao longo da vida, mas também nos deixa claro que ficou a todo tempo pensando no que fazer quando entendia que naquele momento aquela decisão que tomou não estava dando certo. Na realidade, entendo

---

<sup>35</sup> Nessa época ainda existia as Sete Quedas, tidas como importante região de visitação turística na cidade. Guaíra, devido à sua localização em uma área limítrofe com o Paraguai e divisa terrestre com o Mato Grosso do Sul, mantém grande fluxo de deslocamento populacional e de mercadorias entre os dois países e os dois estados. Na década seguinte à chegada de Helena, houve a construção da ponte sobre o Rio Paraná e maiores investimentos no percurso para compras e deslocamento até o Mato Grosso do Sul e compras no Paraguai, priorizando a travessia terrestre por Guaíra, não só por balsas e barcos. O interesse por essa rota era favorecer o comércio local, prejudicado, sensivelmente, com o fim das Sete Quedas.

<sup>36</sup> HELENA (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 13/01/2015. Guaíra-PR.



que sabem dos riscos e das possibilidades da sua condição de classe. Mesmo estando expostos aos limites e pressões da condição ordinária de trabalhador, produzem suas ações, não estão paralisados diante dos fatos, por mais que possam ser surpreendidos por relações de poder fortemente desiguais.

Após viver muitos anos no campo, Helena, como Joaquim e Antônio, também estava habituada com as atividades rurais, pois sempre ajudou os seus pais no pequeno sítio que a família possuía próximo ao bairro Jardim Porto Alegre, em Toledo. A mudança de Helena era algo mais do que mudar simplesmente de cidade, significou também a saída do campo, de onde sempre viveu com seus pais para morar em um lugar próximo ao centro da cidade e, conseqüentemente, procurar um trabalho “da cidade”.

O fato de vir morar com uma conhecida da família, pode ter lhe proporcionado certa “segurança” em saber que já tinha onde ficar, mas não diminui as dificuldades enfrentadas, pois de algum modo deveria contribuir. Ao associar o "bom de se viver" como bom "para trabalhar" Helena dá dicas do que pesou na sua permanência em Guaíra. Principalmente ao chegar e arrumar trabalho, de imediato, como camareira, no Hotel Sete Quedas:

Janaina: Foi o primeiro emprego de carteira assinada?

Helena: Sim foi... esse no hotel...

Janaina: E como que era trabalhar lá?

Helena: Ah, eu fazia um pouquinho de tudo, né? Mas era mais coisas que camareira faz: lavar, passar, arrumar... deixar os quartos arrumadinhos o mais rápido possível...

Janaina: Mas por quê?

Helena: ah... aquele hotel vivia cheio de gente, tarde, noite e dia. Era pessoas chegando para visitar as quedas, ah... é... naquele tempo das quedas, o hotel era cheio de gente, que vinha de Paraguai e do Mato Grosso...<sup>37</sup>

Para Helena, não tendo aprovação de seus pais para sua vinda (uma vez que deixou seu filho para trás), a única garantia que tinha era ter onde ficar. A vaga de camareira registrada lhe proporcionaria a permanência, mesmo que, de imediato, esse ficar fosse um contragosto com a vaga ocupada.

Muito trabalho, sem horário e intenso. Como se as relações de trabalho firmadas fosse um favor que não se pudesse reclamar, "um pouquinho de tudo", que podia garantir ficar com a vaga e, assim, expandir a exploração no primeiro trabalho com registro em carteira.

Janaina: E a senhora trabalhava o dia todo?

Helena: é... cedo e tarde... mas, às vezes ficava até mais tarde para dar conta, porque o último horário da balsa era as onze da noite... aí imagina... era onze

---

<sup>37</sup> IBIDEM.

da noite e tinha gente chegando ainda... para se hospedar, para visitar as quedas no outro dia.

Janaina: ah sim... nessa época ainda não tinha a ponte [Ayrton Senna]?

Helena: não não tinha... a gente se arrumava... digo... sabe, se organizava segundo os horários que a balsa chegava, era certeza que junto com ela chegava um monte de gente...

Janaina: tinha mais hotéis na cidade?

Helena: sim tinha, não sei dizer quantos... mas eu lembro que era bom de emprego por causa das quedas. A gente vivia para trabalhar pra “elas”...

Janaina: Quem trabalha pra elas?

Helena: eu lembro que tinha bastante movimento, aí era hotel, mercado, as loja, farmácia... tudo para atender melhor o povo, que chegava para ver as quedas...

Janaina: atender melhor? E os moradores que viviam na cidade?

Helena: É... sabe, ter tudo no lugar para causar boa impressão, a gente conseguia ter as coisas também ... era só se misturar com os de fora (risos), naquele tempo as coisas era mais fácil.<sup>38</sup>

É interessante pensar a vaga ocupada por Helena como camareira. Fiorrotti (2014, p.14) ao prosseguir sua análise acerca do que ela apresenta como mundo do trabalho, também me auxiliou a pensar não somente o fato de que muitos trabalhadores acostumados com o modo de vida no campo, ao ingressarem nas atividades urbanas, ocuparam vagas que permitiram explorar, de alguma maneira, atividades que já faziam ou tinham algum conhecimento.

Mas, para além dessa aproximação, é preciso ressaltar que mesmo que eles pudessem conhecer tal atividade, a execução na rotina de trabalho não será da mesma forma - agilidade, metas, ordem de execução etc. Na realidade, mesmo que “aparentemente” os feitos de Helena pudessem se adequar às funções que ela sempre realizou, ajudando sua mãe a cuidar de casa, não é a mesma coisa ao realizar essas tarefas no hotel, pois como dizer que o trabalho não foi penoso ou que o mesmo foi como sempre fez?

Acredito que Helena ao indicar que “fazia de tudo lá”, procura destacar na entrevista a dimensão do que estava disposta a fazer para se manter naquele trabalho, precisava “fazer parte disso”, pois afinal ela precisava trabalhar, mesmo com o ritmo de trabalho intenso e exaustivo. O sentimento de exploração era notório.

Penso que o fato de Helena ter “experimentando” o que as quedas “provocou” não quer dizer que a mesma estaria imune às dificuldades desse movimento turístico. A forma de trabalho que encontrou quando chega e o indicativo de precisar se “misturar”, como turista, já evidencia o quão conflituoso foi chegar neste período e disputar espaço e sobrevivência nessa

---

<sup>38</sup> IBIDEM.

cidade em meio a outros trabalhadores que já viviam aqui ou àqueles que continuavam a chegar.

Em a meados da década de 1980, Helena já está casada e será nesse momento que chega ao bairro Eletrosul com seu marido, durante a entrevista indica como isso faz parte do processo de permanência em Guaíra:

Janaina: E como que veio morar na Eletrosul?

Helena: Meu falecido marido, tinha um amigo que tinha uma casa aqui na vila... ele era engenheiro, depois de todo aquele rolo que deu sabe? De fazer usina, acho que é esse o nome, aí depois não ia fazer mais... só sei que as casas aqui uns foram abandonando e outros conseguiram vender...

Janaina: quem abandonou?

Helena: o povo que foi contratado para trabalhar na usina... meu marido falava que a esperança para a cidade era a construção da usina, já que teve o fim das quedas né?... mas nem isso aconteceu...

Janaina: aí vocês compraram a casa então?

Helena: é, compramos... foi baratinho sabe?... Bom, era o que meu marido falava né?...

Janaina: e por que saíram lá do centro?

Helena: meu marido achou aqui mais barato para se morar... tinha água de poço... quer dizer, era como é hoje, só que não tinha tanta gente aqui na vila assim não... depois que as pessoas foram chegando...<sup>39</sup>

A “esperança”, que para muitos pode ter se fixado no crescimento de Guaíra a partir da Usina Hidrelétrica, para Helena e seu marido a oportunidade de continuarem na cidade foi a vinda para a Vila Eletrosul após o encerramento da obra, isso porque, em alguma medida, o valor pago na época podia ser avaliado como “baratinho” – ao alcance de trabalhadores como eles –, que precisavam de um lugar para morar que não fosse com gastos de aluguel. Moradia que se encaixasse no orçamento limitado da família, condição que foi possível em função da desvalorização da Vila Operária, que estava em desmonte e ainda não havia uma definição de como seria incorporada à área urbana da cidade.

A visualização do bairro que Helena faz ao recompor esse momento, remete-se ainda à vila para trabalhadores de uma usina que não saiu do projeto inicial. Casas pequenas, feitas de madeira, servidas por um poço artesiano, com ruas sem asfalto, sem escola e sem posto de saúde, com uma estrada de terra que liga ao restante da cidade. Foi com esse cenário que o jovem casal avaliou o ganho importante que tinham ao adquirir aquela casa, já que somado a não pagarem aluguel, não precisavam pagar pela água, o melhor a fazer era vir para a vila, ainda que ela precisasse ser transformada ao longo do tempo.

---

<sup>39</sup> IBIDEM.

Atualmente o bairro continua sendo abastecido pelo poço artesanal, ou como se fala no bairro, pela caixa d'água. Porém, o que aparecia como um benefício original - o não pagamento da taxa de água, hoje pelo grande número de casas a serem atendidas é frequente a falta de água em algum momento do dia. Essa é a marca da isenção que se mantém no bairro, pois como é um atendimento sem cobrança não se faz melhoria significativa no fornecimento. Ainda assim aprofundarei sobre esta questão no próximo capítulo dando ênfase ao modo como os trabalhadores e a Associação de Moradores trataram essa questão.

Mesmo tendo muitas casas de madeira, os trabalhadores que vieram para a Vila Eletrosul foram construindo e alterando partes de suas moradias, Helena também realizou essas alterações, foi mudando sua casa aos poucos. Primeiro mudou o piso do banheiro, depois o piso da cozinha (colocando cerâmica em ambos), o que permite avaliar que as mudanças ocorridas nas casas são significativas, na medida em que a moradia de madeira não aparece com as mesmas características da época em que mudaram, mas apresentam as decisões de mudança que conseguiram ser produzidas e com que prioridades.

Segundo Helena, sua casa custou o que seria hoje em torno de R\$1.000,00; sendo que o salário mínimo para a época corresponderia a aproximadamente R\$200,00 – muito menos do que as famílias conseguiriam pagar naquele momento por uma moradia (ainda que essa fosse considerada barata). Pois, com os filhos e netos que chegam, assim como conhecidos e parentes que, muitas vezes, fazem com que essas alterações expressem a dinâmica com que organizam suas vidas e daqueles que lhes são próximos e se tornam parte da rotina da casa. A partir disso podemos inferir que poucos foram os que compraram casas como Helena, grande parte ou tiveram as casas cedidas (como os trabalhadores que permaneceram) ou as antigas casas da Vila Operária foram ocupadas, devido ao valor de venda pouco acessível para o conjunto de trabalhadores que buscavam moradia na cidade.

Ainda assim, as casas mais novas que compõem o bairro no séc. XXI já são, em grande parte, em alvenaria, porém isso não elimina a falta de água, transtornos com o transporte público, falta de atendimento no posto de saúde e problemas com a segurança no bairro. São mais de trinta anos em que elencam necessidades e expectativas e procuram promovê-las no bairro. Questões que iremos aprofundar no próximo capítulo, tentando tratar essa produção do bairro pelos trabalhadores enquanto parte do seu modo de viver a cidade e confrontar os limites de classe.

Trabalhadores como Joaquim e Helena, amparados por suas motivações, viram em Guaiá uma possibilidade de alterar certas condições de vida e foram atrás dessa possibilidade. É isso que Santos (2016), ao discutir as pressões, limites e alternativas observa, vendo como a

experiência dos trabalhadores permite perceber o modo que tomam a decisão de chegar, permanecer ou partir. O autor discute essa questão partindo da presença de trabalhadores em Marechal Cândido Rondon, dizendo que:

Para trabalhadores, sair de uma determinada cidade pode ser mais do que mudar de endereço, pode ser mais do que deslocar números nas estatísticas populacionais. A partida pode ser acompanhada de ponderações sobre o que se espera sobre o que espera deixar para trás, assim como de indicações sobre o que se avalia como possível de ser encontrado no novo destino. (IBIDEM, p. 119)

Essa movimentação, apontada pelo autor, levou-me a pensar justamente no subtítulo do próprio livro, os "Horizontes abertos". Enxergar essa movimentação é lidar com o provisório, não porque os trabalhadores não pensem em suas ações, ou ainda, por simplesmente "não se acostumarem com o lugar"; o horizonte se torna aberto diante de suas ações ao confrontarem a realidade desigual, pois mesmo que pressionados eles propõem alternativas às suas relações.

Algo que vai além de uma queda ou aumento de estatística de migrações, também vai além da "história" da cidade, ou mesmo de como ela é noticiada nos jornais. Talvez perguntar para o pai de Joaquim as motivações de morar em Guaíra, pode apontar o que significou um horizonte aberto quando lhe permitiu partir. Mas se a movimentação não é estagnada, tão pouco o horizonte significará mudanças assertivas na sua condição, por isso outros percursos ainda estarão nos campos de possibilidades, como esteve na volta de Joaquim após 25 anos de sua partida de Guaíra.

É por isso que a fala de seu Joaquim é significativa, pois se a família ficou "toda a vida na fazenda" (atravessando todo o processo expressivo de expulsão do campo) isso não significa que enfrentaram tais situações ao longo da década de 1970 e 1980 de forma tranquila. Caso contrário, isso seria visto como uma mera "inspiração" cotidiana, tão pouco essa experiência está dissociada das contrariedades do que essa movimentação significa.

Esse partir e/ou chegar é para além de uma demarcação territorial (lutam aqui, no Paraguai ou em qualquer lugar que estejam), pois isso ultrapassa as mudanças aparentemente pré-definidas ocorridas no campo ou na cidade. Todas essas alterações estão acompanhadas, senão "amarradas" naquilo que se vive ou se espera viver.

Pensando nisso, retomo Almeida (2002), em "Cada um tem um sonho diferente", texto em que o autor tem como objetivo a identificação de quem são os trabalhadores e quais as visões que os mesmos produzem dentro de um assentamento constituído na Fazenda Tangará, em Uberlândia. Ao lidar com essas questões, presentes nas entrevistas, o autor se deparou

com as divergências entre os trabalhadores; divergências que destacam a confrontação de significados sobre a luta pela terra, como chegaram ao movimento e, principalmente, como veem as relações de poder efetivadas.

A discussão feita por Almeida auxilia justamente na percepção dessa complexidade, pois “no interior do movimento os sujeitos interagem a partir de suas diversas visões de mundo, por vezes com perspectivas diferentes” (p. 44-45). Questões que se colocam para outras relações na cidade, os sujeitos sabem os conflitos e desigualdades que enfrentam, mas os avaliam a partir de seus valores e expectativas.

Por isso, ao propor lidar com as “visões” desses sujeitos sobre sua experiência social considero que acesso também práticas e avaliações sobre elementos de seus percursos até Guaíra e no interior da cidade. O modo como vivem e como produzem sua presença no Eletrosul. Pois este se apresentou como uma possibilidade para Joaquim e tantos outros trabalhadores que buscavam sua permanência na cidade.

Durante a conversa que tive com seu Joaquim, quando perguntei se ele também havia trabalhado na fazenda com seu pai essas questões ganham destaque:

Janaina- mas o senhor também trabalhou ali?

Joaquim- é então... Fui crescendo e trabalhando ali... depois que eu perdi meus pais... Eu fiquei lá ainda... trabalhando... Aí, juntei um dinheirinho também, né? Aí viemos embora...

Janaina- Mas então porque o senhor veio embora?

Joaquim- eu casei...

Janaina- sua esposa é daqui?

Joaquim- não, ela é de lá também... Mas é que a gente casou e continuamos trabalhando na fazenda... Ixi!!! ficamos tempo lá, qué vê? É isso... eu vim com 25 anos... Fazia cinco anos que a gente tava junto, mas aí ela engravidou né?... E sabe como é, né?... A muié começou a falar que tinha que ter estudo e essas coisas.... E a gente não tem, né?<sup>40</sup>

Quando perguntei a Joaquim sobre sua infância, quando ainda morava em Guaíra, ele disse que não tinha recordações, pois era bebê. Mas então de onde veio a decisão de voltar para um lugar que não conhecia? Fico me questionando sobre as inúmeras histórias que ele deve ter ouvido de seu pai e, mais ainda, ao avaliar seu retorno à cidade e confrontar-se com suas limitações. Tudo isso me faz entender que o horizonte não é só seguir, comporta também voltas, para lugares que, de algum modo, remonte expectativas e possibilidades.

Também não se pode entender que a decisão veio apenas com a gravidez da sua mulher. Ao contrário, a fala sobre o planejamento, “juntei um dinheirinho”, permite entender

---

<sup>40</sup> JOAQUIM (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 05/09/2016. Guaíra-PR.

que isso já vinha sendo pensando e, em alguma medida, o permanecer na fazenda não atendia apenas suas expectativas de permanecer, mas, com a gravidez, teve o impulso necessário para tomar novos rumos.

Ainda assim essa movimentação não está dissociada das motivações de trabalhadores em arriscar seus próprios destinos. Para Joaquim, as necessidades de seus pais não eram as mesmas que a sua, nesse novo momento. O “a gente gostou” indica portanto, que ele na condição de filho não poderia interferir nas projeções de seu pai, mas não significou que o gostar, do final da década de 1960, tirou dele a ideia de mudança, ou no caso, as possibilidades de produzir alternativas posteriores, como a de retornar para Guaíra quando se viu sem os pais e com uma família para cuidar.

Uma vez que o Eletrosul se tornou um caminho para esses trabalhadores, como esses sujeitos lidam com as limitações e dificuldades presentes no bairro? De que modo isso aparece em suas práticas ordinárias? Como resolvem pressões de classe e produzem expectativas? O que é viver no bairro?

No próximo capítulo procurarei explorar os sentidos expressos pelos trabalhadores não apenas ao viverem o bairro, mas, também, o quanto o modo como vivem sugere modos de lutas por pertencimento e permanência na cidade.

## CAPÍTULO II

### Modos de viver, modos de lutar: direitos à cidade em discussão no Eletrosul

Ao propor a pergunta: “O que é viver o bairro?”, particularmente considero impossível não voltar à frase presente nas fichas, “no mais, está tudo bem”. Digo isso, primeiramente, por pensar sobre o que está sendo “qualificado”, ou melhor, considerado como “tudo bem”. Por outro lado, significa que a assistente de saúde visualiza, na relação produzida em cada visita, problemas dentro de uma correlação de forças: ou seja, ambiguidades da condição de vida desses sujeitos que as anotações vão expressar a partir das fichas de atendimento familiar.

Apesar de destacar que está tudo bem, isso não a impede de registrar como tomou parte naquela relação. Ao dizer que está tudo bem, isso não faz com que abra mão de apontar o "no mais", uma pista das muitas tensões e desarranjos na vida dos sujeitos que ali vivem e se relacionam. O que mais ocorre (e que não está bem) na vida desses trabalhadores?

Sendo assim, se Cláudia (a assistente de saúde) não conseguiu dizer apenas que “está tudo bem” (porque de fato não acreditava que estivesse), é porque tanto ela como os demais sujeitos visualizavam problemas. Então, qual o sentido expresso em viver no Eletrosul como espaço de relações controversas e em tensão?

Quando realizei a entrevista com Valdete, umas das trabalhadoras que mora no bairro há mais de 25 anos, sua fala também permitiu aproximar da efetivação dessas relações controversas sobre o permanecer na cidade. No seu caso, destacando laços de solidariedade e os processos de conquista da moradia em Guaíra. Logo quando se casou em 1983, Valdete foi morar no Eletrosul. Durante nossa conversa, trata não só de sua trajetória, mas apresenta caminhos compartilhados nesse processo, incluindo o de seu irmão Mário, sobre o qual indaguei como veio para o bairro:

Janaina- Ah e o Mário veio trabalhar aqui na obra também [como o marido de Valdete]?

Valdete- Primeiro, ele estava de olho na filha da vizinha aqui, né? (risos) e depois, ele jogava muito bola, nossa como gostava de jogar!... Ai ja viu, né? Uma vez, ou até mais, ele vinha aqui em casa pra ver a Joana e jogar bola... Ai foi gostando, fazendo amizade, logo meu marido conseguiu arranjar uma vaguinha de trabalho aqui... ele ajudava nas construção, né? Ai foi foi e veio morar com a gente... Até ele conseguir a casinha dele, né?<sup>41</sup>

Mário, irmão mais velho de Valdete, trabalhou na roça de um amigo do pai deles em Guaíra. Sua irmã conta que todos os irmãos (cinco no total) ajudavam o pai, de alguma forma,

---

<sup>41</sup> Valdete ( pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.



na roça também. Durante o final da década de 1970, Valdete indicou que a família sobrevivia da pesca, a qual, segundo ela, era uma fonte de renda a mais para todos eles (vendiam os peixes nos restaurantes da própria cidade) junto com os trabalhos na roça.

Conforme narrativa de Valdete, com a destruição das Sete Quedas e, conseqüentemente, o fechamento de muitos hotéis, os peixes deixaram de ser um meio de renda para serem meio de subsistência, sendo fonte de alimento e que assegurou dias difíceis quando seu pai ficou desempregado, tendo apenas os peixes como renda e alimento em casa.

Além disso, ao ingressarem na pesca, a família construiu um pequeno barraco às margens do rio, para facilitar o empreendimento pesqueiro. Mesmo após não terem mais o trabalho na fazenda (tanto o pai de Valdete como seu irmão), a família permaneceu no mesmo lugar, à margem do rio, Valdete ficou até casar e Mário saiu quando foi morar com a irmã no Eletrosul.

Trago esse percurso da trajetória da entrevistada para indicar a dificuldade que a família enfrentava em finais da década de 1970. Apesar da fala de Valdete, a vinda de seu irmão não estava apenas acompanhada dos vínculos estabelecidos com a vizinhança e empresa (companheiros de futebol, namorada, posto de trabalho), tudo isso efetivou sua vinda para o bairro a partir do modo como construiu viver com os parentes em tempos de dificuldade com trabalho e moradia na cidade. Até, conseguir sua própria casa no Eletrosul. Algo que destaca o modo como essa aquisição da casa na década de 1980 se efetivou. A prática de Mário, não foi uma particularidade sua, mas faz discutir as motivações que tantos outros trabalhadores elencaram para ter acesso à moradia (recorrer às influências, ocupar as casas abandonadas, adquirir como trabalhadores da usina – como Valdete e o marido –, ou comprar de outros trabalhadores, como foi o caso de Helena e seu marido).

No caso de Mário, especificamente, ele veio para o Eletrosul sem gastos, ademais não possuía tais valores para dispor de rendimentos:

Janaina- Ah sim... Então ele conseguiu a casa por doação da Eletrosul também?

Valdete- Mais ou menos.... O do Mário foi que ele conhecia gente né? Tinha um funcionário que meio que ajudava os conhecidos dele né?... Ajudava assim... agilizava o processo, sabe?

Janaina- Como assim?

Valdete- Ah.... Vinha fulano e falava com esse cara, ai ele dava um jeitinho de conseguir uma casa pro fulano... Dependia de amizade também, sabe? E o Mário foi fazendo as amizades dele, até que conseguiu a casinha dele também, porque se não fosse assim, iria demorar... Porque ele foi um dos últimos a vir pra ca né?...<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> IBIDEM.

Para Mário, aproximar-se daqueles que poderiam influenciar na aquisição da casa própria era o modo de disputar aquela moradia com outros trabalhadores e garantir sua vinda efetiva para o bairro, o que ocorreu no final de 1989. Frequentar a Vila foi algo importante não apenas para efetivar laços, mas ir falando com um e com outro, até se chegar à pessoa certa; não por identificação de classe, mas justamente pela distinção classista, de identificar quem poderia influir para que ele tivesse acesso e direito a uma das casas da Vila Operária que se encontrava em desmanche. Tal prática demonstra a leitura que muitos trabalhadores fizeram desse processo de aquisição da casa no Eletrosul, enquanto não se definia o que fazer com a vila.

De fato, o “no mais, está tudo bem” dos tempos recentes, ao contrapor-se com a experiência desses trabalhadores, tem o sentido expresso não só em apenas olhar para o bairro e ver que faltam tantas coisas (de infraestrutura e conquistas particulares), mas que acima de tudo isso, algo em sua vida não está bem. Por isso, o bairro é expressivo, não porque o Eletrosul “acolheu os trabalhadores”, ao contrário o que considero expressivo é justamente porque em algum momento ele se tornou uma decisão de ocupação. Uma decisão acompanhada de valores e perdas, pesadas e reavaliadas constantemente.

Guaíra, em 1989 já vivia a desativação da proposta da usina. Mas, ao longo da década convivia com o debate sobre o que fazer com as casas da Vila Operária da empresa e com o propalado desajuste impingido pelo grande fluxo de trabalhadores que chegava à cidade. Além disso, como já indicado nas considerações iniciais, ganhava destaque a exposição do déficit habitacional que vinha se estendendo ao longo dos anos e a dificuldade de trabalhadores viverem na cidade com um melhor "padrão de habitabilidade" era anunciado desde o início da década de 1980:

Torna-se importante ressaltar que dado a impossibilidade de se prever o número de moradias que serão construídas pela iniciativa privada no decorrer da obra, manteve-se constante o volume dos domicílios em 1981, portanto, guardadas as restrições, considerou-se que para atender a demanda populacional em 1984, serão necessárias, aproximadamente, 3.423 moradias. Outro fato a ser considerado é que parte significativa da população que afluirá para Guaíra virá a aumentar o congestionamento habitacional já existente, bem como alugar-se através da construção de moradias de baixo padrão de habitabilidade, vindo a construir áreas de favelas, a exemplo do que se verificou em Foz do Iguaçu, com a instalação de Itaipu. [...] O alojamento do pessoal ligado a obra está sob a responsabilidade da ELETROSUL, que planejou a construção de 2 alojamentos, com 3.437 casas de madeira removíveis no final da obra e 1.708 de alvenaria. (IPARDES, 1981, p. 259)

O trecho acima trata da estimativa levantada pelo IPARDES no final do ano de 1981, a pedido da própria empresa Eletrosul; sugerindo uma série de adequações não apenas nesse período, pois previam que os problemas referentes à moradia iriam se estender ao longo dos anos em Guaíra. Em maio de 1990, quando Mário já vivia no bairro Eletrosul, o jornal Ilha Grande trouxe uma matéria intitulada como “Guaíra desenvolve projeto para Habitação”, em que apontava:

Em aproximadamente 15 dias deverão estar prontas as primeiras 22 casas do conjunto multirão que está em fase final de execução e pretende construir 60 unidades, numa primeira remeça. Trata-se de um projeto desenvolvido pela Prefeitura e executado apenas com recursos municipais e que visa atender as famílias mais carentes. “A situação estava ficando insustentável, com centenas de família morando em condições cada vez mais precárias. A falta de programas para habitação nos obrigou a desenvolver um projeto próprio em Guaíra para solucionar os problemas mais urgentes” explicou o prefeito Mário Barbosa.

A Prefeitura doou o terreno e está fornecendo o material básico de construção, além de todo o acompanhamento técnico das obras. Os futuros moradores trabalham na construção das casas, sob orientação de um mestre-de-obras fornecido pela Prefeitura. Os critérios de inscrição foram levados em conta a necessidade da família e a disposição de participar da construção das moradias.

A segunda etapa do projeto compreende a construção de mais 177 unidades pelo mesmo sistema. Esta etapa será iniciada assim que a primeira estiver devidamente encaminhada, conforme adiantou Mário Barbosa. A Prefeitura arcará ainda com a instalação de águas e energia elétrica, nos loteamentos.<sup>43</sup>

O Programa habitacional estava sobre duas condições: avaliação da necessidade da família de trabalhadores e se a mesma tinha condições de construir em mutirão sua casa. Algo que em 1981 era apontado na pesquisa do IPARDES e, aparentemente, quase dez anos depois, começou a tomar alguma forma, mesmo que pouco minimizasse o déficit habitacional popular e a contínua ocupação da área da Vila Eletrosul.

No entanto, as regras impostas pela Prefeitura me levaram a indagar o que essas pessoas fizeram para se encaixar (ou encontrar alternativas) frente a tais exigências e o que se entendia como “necessidade da família”? Um caminho que, talvez, Mário, irmão de Valdete, não encontrasse para participar, por isso as relações de trabalho na empresa o auxiliaram a construir não só renda para sobrevivência em Guaíra, mas estratégias para adquirir a casa própria, sem o trâmite de inscrição municipal.<sup>44</sup>

<sup>43</sup> GUAÍRA desenvolve projeto para Habitação. **Jornal Ilha Grande**, Guaíra, 17 maio 1990. p.09.

<sup>44</sup> O cadastramento era destinado primeiramente aos moradores mais antigos do bairro e que comprovassem de algum modo o tempo de moradia. Segundo um dos primeiros presidentes da Associação dos Moradores, além dessa “comprovação”, que, por vezes, dava-se quando um vereador ou alguém ligado a Associação assinava um documento assegurando a comprovação de tal fato, o morador precisava também comprovar que estava empregado, o que indicava “condições” de tal “merecimento”. Na realidade, a meu ver, essas questões são sugestivas no sentido que pressionam um conjunto de trabalhadores que não possuíam tal enquadramento a

Além disso, todo o conflito por acesso à moradia popular na cidade, que vinha se firmando durante os anos anteriores, veio pela fala do Prefeito, sugerindo que, na realidade, era de total responsabilidade do trabalhador o acesso à moradia, ou seja, que ele também deveria fazer algo para “ajudar” a cidade e a si mesmo.

Retomando os tempos atuais, o caderno que tive acesso da pastoral da criança era referente às visitas realizadas pelas agentes em uma região de aproximadamente 20 ruas do bairro (correspondendo ao acompanhamento de 47 crianças e 5 gestantes). Todas as visitas feitas mensalmente são para monitoramento de famílias, que possuem crianças ou gestantes, além disso são avisados o dia e local para se deslocarem para a pesagem e distribuição de lanches e produtos.

Apesar de conter determinadas perguntas no questionário de acompanhamento, as repostas se limitam a “ Sim” ou “Não”. Além dos nomes das crianças, data de nascimento, peso, nome do pai e da mãe, há o registro dos endereços. No entanto, é justamente isso que apresento como problematização. Essa área de atendimento se encontra a sete quadras de distância da avenida principal.

Uma das perguntas realizadas no caderno é “Quais indicadores de oportunidades e conquistas foram alcançados neste mês?”<sup>45</sup> No início do caderno contém a seguinte explicação sobre essa pergunta: “significa mudanças, que são possibilitadas por cuidados, atenção, relações e atividades que são oferecidas às crianças”. Primeiramente, se as visitas são realizadas mensalmente, como é possível obter eficácia nas repostas? Não que para essa discussão tenha a necessidade deste tipo de questionamento, mas creio que apresente indícios do modo problemático dessas visitas serem satisfatórias.

A maioria das casas visitadas são do mesmo padrão e fazem parte da antiga área da Vila da empresa Eletrosul: são de madeira, sem muro e muitas sem portão. As ruas de terra e de difícil acesso, trazem entre uma rua e outra, dois postes de iluminação. Por isso, que o modo como se é elaborado estas perguntas me levam a questionar o que se entende ao perguntar para o pai, mãe, ou responsável, quais as mudanças ocorridas de um mês a outro nas condições de vida da família.

Na realidade o caderno da pastoral, embora não pergunte nada além do que o estritamente relacionado à criança: “ tamanho, peso, se foi ao médico, se teve diarreia” seguidas de “Sim ou Não”, traz um “esboço” da realidade na qual essas famílias se veem

---

confrontar essas “regras” com outros valores que consideravam legítimos para garantir seu pertencimento ao bairro.

<sup>45</sup> CADERNO PASTORAL, 2016.

inseridas. A criança desnutrida, com diarreia e sem acompanhamento médico e hospitalar (ou que não alcançou os “indicadores de oportunidades e conquistas”) traduzem a condição de uma família com dificuldade de alimentar os seus, de pais que precisam trabalhar e não tem com quem deixar seus filhos ou acompanhar os cuidados dos mesmos.

Em quase todas as perguntas às respostas são satisfatórias, uma ou outra tem uma divergência que passa quase despercebido, mas também como não seria? Afinal, como retratar uma dura realidade mês a mês, onde vagamente a cena irá mudar? Como registrar problemas em um questionário que tenta controlar seu modo de vida e denunciar os cuidados (ou ausência deles)?

Ao contrário das fichas da assistente, essas anotações da Pastoral da Criança, não permitem identificar, nas respostas a dificuldade da agente em realizar tais visitas, porém em quase todas as visitas, quando não se tem respostas de sim ou não, colocam um ponto de interrogação. Há algo mais significativo do que isso sobre essa relação?

Um ponto de interrogação, sugerindo quando alguém se nega a mostrar que aquela realidade se encaixa nos padrões das perguntas. Uma interrogação frente à dureza da condição de classe avaliada, trazendo dúvidas da agente sobre o esforço e o que é enfrentado por aquela família. Talvez, deixar o lugar em branco não faria o mesmo sentido do que colocar uma “?”.

Percebo que isso se faz como sendo uma pergunta em aberto tanto para a agente pastoral como para a família. Pois, apesar do modo como se coloca essas situações, não são apenas as visitas que precisam prosseguir, mas a vida. E, muitas vezes, não conseguem chegar a um termo para enquadrar em um questionário.

Evidentemente que o problema não se resume em apenas ter ou não onde morar. Os cadernos apresentavam registros de famílias que possuem três a quatro filhos em condições de desnutrição, evidência de uma condição de empobrecimento que ultrapassa o registro de acompanhamento. Quando indaguei a pessoa responsável pelas visitas sobre a ausência de regularidade no preenchimento do questionário, ela me disse que muitas mães não querem responder às perguntas, por isso colocam só o nome da criança, garantindo o atendimento, mas sem o registro das demais questões.

O modo como esses trabalhadores vão viver na cidade importa, o morar não consiste apenas na casa, mas sim em quais condições isso se dá, não dissociando da integralidade das pressões e limites de classe que os envolve (cuidar dos filhos, acesso à educação e atendimento médico e hospitalar, alimentação, etc.).

Ao ler o trabalho de Engels (2008) referente ao processo caótico de urbanização das cidades inglesas no século XIX, a “situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, sua

reflexão me auxiliou no levantamento de algumas questões ao pensar o modo como os bairros em que vivem grande parte dos trabalhadores estavam sendo formados em Guaíra e em quais condições, principalmente pelas péssimas condições de infraestrutura dos bairros onde há grande concentração de moradias.

O autor indica que a condição de degradação da vida do trabalhador no séc. XIX é um dos elementos responsáveis pela ocorrência de doenças crônicas, principalmente as respiratórias e, junto a isso, soma-se a alimentação inadequada, a excessiva jornada de trabalho, casa insalubres, resultando na baixa expectativa de vida dos trabalhadores na Inglaterra oitocentista.

O alto índice de mortalidade de adultos jovens, retratados nos relatórios e documentos analisados por Engels apontam que a mortalidade na Inglaterra se diferenciava classicamente, tornando visível a desigualdade entre as classes na cidade, evidenciando, mais uma vez, que as condições de moradia, trabalho e alimentação estão associadas aos resultados de tais estatísticas e do que percebeu pelos bairros operários a partir do seu olhar para aquele modo de viver. Ao citar o bairro de St. Giles, diz que:

[...] é uma massa desordenada de casas de três ou quatro andares, com ruas estreitas, tortuosas e sujas [...] cestos de legumes e frutas, todos naturalmente de péssima qualidade e dificilmente comestíveis, complicam o trânsito dos pedestres e enchem o ar de mau cheiro, o mesmo que emana dos açougues. As casas são habitadas dos porões aos desvãos, sujas por dentro e por fora e têm um aspecto tal que ninguém desejaria morar nelas. Mas isso não é nada, se comparado às moradias dos becos e vielas transversais, aonde se chega através de passagens cobertas e onde a sujeira e o barulho superam a imaginação. [...] Por todas as partes, há montes de detritos e cinzas e as águas servidas, diante das portas, formam charcos nauseabundos [...] (IBIDEM, p.71)

Conforme análise do autor, as vilas operárias foram sendo formadas em volta das grandes indústrias, pela busca de trabalho, onde há um grande crescimento da população que não condizia com a estrutura da cidade. Escolhi esse bairro trazido por Engels (2008), justamente por dialogar com minha indagação sobre como e porquê certos trabalhadores que vivem em Guaíra se dirigem ao Eletrosul. Engels destaca a seguinte percepção: “têm um aspecto tal que ninguém desejaria morar nelas”.

O bairro St. Giles não serve de comparativo similar à Vila Eletrosul, mas permite pensar como diante das mais variadas situações, pressões e motivações, os trabalhadores viram no bairro Eletrosul uma possibilidade de prosseguirem na cidade, ainda assim, em nenhuma delas as tensões e visibilidade indesejada passam despercebidas. Além disso, o modo como viviam os trabalhadores expressa a desigualdade promovida pela exploração que

experimentavam no século XIX, algo sugestivo para minha pesquisa ao relacionar sua reflexão com as dificuldades que os trabalhadores em Guaíba há mais de trinta anos enfrentam para promoverem ações e alternativas para disputarem essa cidade.

Os bairros observados por Engels (2008) não eram o que eram apenas pela falta de infraestrutura, mas sim porque a condição de classe dos trabalhadores na Inglaterra oitocentista indicava relações de exploração e desigualdades na cidade extremas frente ao modo como os trabalhadores precisavam tratar pressões e limites de classe no seu modo de viver.

No Jornal Ilha Grande, durante a década de 1980, a notícia sobre a paralisação da obra era retratada ora como um fantasma (parecia que não iria acontecer) ora como um acontecimento que não estava muito longe de se concretizar.<sup>46</sup>

Procurei aproximar esses apontamentos da pesquisa com a análise do acervo de Atas da Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul. Esse foi um dos caminhos adotados no processo de investigação para que de alguma maneira pudesse ajudar no levantamento acerca das experiências dos trabalhadores na produção do bairro Eletrosul.<sup>47</sup>

A Associação foi criada no ano de 1992, as primeiras reuniões apontavam o processo de sua consolidação assim como das feições iniciais do bairro diante dos dilemas de sua incorporação (ou não) ao perímetro urbano da cidade. Nesse período, ocorreu a eleição da diretoria, a criação do estatuto da associação, a decisão do local e, aparentemente, o principal objetivo da associação: encaminhar o melhoramento na qualidade de vida dos moradores.

Ainda nesse ano, as reuniões se pautavam pela dificuldade de se formar uma diretoria que pudesse assumir a Associação e pudesse garantir a participação dos moradores nas reuniões. Era preciso legitimar a Associação como representante de todos que ali viviam. Mais de um ano se passou até que no dia 08 do mês de agosto de 1993, a nova diretoria entra em cena e questões que apontavam para a vivência dos moradores foram aparecendo, como a legalização das casas:

Quanto às casas foi votado o projeto de 30% de entrada mais 40 meses de prazo. Agora ficou decidido o seguinte (10% de entrada mais 40 meses de prazo. A câmara que aceita e pede de que a preferência seja única e exclusivamente para os antigos moradores. Isto D. Ada não aceitaria. A única imposição foi de que se a pessoa pudesse pagar ou não a casa. Esclarecendo para a entrada nas casas da Vila a única imposição foi de que se poderia pagar

---

<sup>46</sup> Pesquisa realizada no acervo do Jornal Ilha Grande. No periódico, as reportagens que correspondem a tais indicativos são: “Ilha Grande poderá ir para depois do ano 2000” (06/03/1982, p.17); “Construção da Hidrelétrica de Ilha Grande foi Paralisada” (28/08/1987, p11).

<sup>47</sup> A pesquisa foi realizada na própria Associação dos Moradores em 2015, consultando o acervo de atas de reuniões da mesma.

ou não. O senhor Aldo falou de que nós associados da Vila, necessitamos muito “um do outro”. O senhor Aldo solicitou que os antigos moradores assinassem o distrato da casa com a Eletrosul. Foi lido o distrato e discutido [...] Logo após a compra da Vila pela Prefeitura, a vila será transformada em Zona Urbana. [...]”<sup>48</sup>

Mesmo com o abandono da construção da Usina Hidrelétrica, o bairro ainda pertencia legalmente à empresa Eletrosul, mas isso não impediu que chegassem mais e mais pessoas para ocuparem o bairro na virada da década de 1980 para 1990. Ao contrário, por essa reunião podemos perceber que as pessoas já estavam morando e se distinguiram entre "antigos moradores" e novos. Por isso, a “preocupação” da Prefeitura (expressa na fala da Associação) na compra da área do bairro e o interesse em determinar o modo de acesso e pagamento pelas casas.

Aqui problematizo a seguinte questão: a legalização das casas, apontada pela Câmara Municipal, consistia na elaboração de um contrato em que cada morador desse a entrada e parcelasse o restante, podendo constituir-se dono da casa aqueles trabalhadores que demonstrassem condições financeiras de assumir as parcelas. Mas, procurando conter os que chegavam para ocupar casas e áreas do bairro, procuraram restringir tal legalidade apenas aos antigos moradores. Um dispositivo que não teve adesão dos novos moradores, visto que recusaram considerar que não tinham direito às casas e, de certo modo, essa divisão de interesses e direitos entre os trabalhadores causou problemas no encaminhamento da reunião.

Essa tensão não foi totalmente recolocada na ata, a qual não deixa transparecer o modo como foi conduzido o processo, porém quando se impõe algo dessa natureza, implica que outros serão excluídos e, nesse caso, era necessário investigar qual impacto que essa regulamentação teve na vida daqueles que se mudaram para as casas e não possuíam condição para pagamento das mensalidades, ou mesmo chegaram posteriormente ao marco estabelecido como aceito pela Prefeitura e reproduzido pela Associação dos Moradores.

O trabalhador Luis, hoje com 56 anos, natural de Guaíba, viveu até seus 25 anos em uma casa localizada próximo à ponte Airton Senna (acesso ao Paraguai e Mato Grosso do Sul). Após esse período, Luis ficou aproximadamente dez anos em São Paulo trabalhando mais de 10hs por dia em um fábrica de peças de carro. Em meio a essas relações de trabalho, Luis sofreu um acidente, ocasionando problemas em sua coluna. Segundo ele, não lhe restou outra alternativa do que retornar a Guaíba para ficar sobre os cuidados de sua mãe. Ele ficou de

---

<sup>48</sup> ATA da Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul, 08 de setembro 1993, p.30. Pesquisa realizada no acervo da Associação dos Moradores da Vila Eletrosul no dia 05/10/2015.



cama e imóvel durante um ano e após inúmeros tratamentos médicos foi retomando aos poucos os movimentos nas pernas e braços.

No início da década de 1990 ele começou a trabalhar em um posto de combustível, localizado próximo ao bairro, chamado “Posto Sabiazinho”, vindo a morar no Eletrosul em 1992, momento de constituição da Associação e dos trâmites para legalização das moradias. Luis era um dos novos moradores que estavam na pauta da discussão na Associação.

O trabalhador foi a surpresa que tive no dia da entrevista com Valdete. A entrevistada o chamou durante a nossa conversa. Ele é vizinho de Valdete, mora na casa em frente. Segundo ela, chamou Luis para “ajudar no teu trabalho menina, vai que eu esqueço algum detalhe, né?”.

Por mais que a intenção era estabelecer um diálogo, Valdete entendia que precisava de mais alguém que pudesse auxiliá-la, dar um suporte, ou ainda, que permitisse que tudo o que ela já tinha contado em outros momentos, quando foi indagada sobre a história do bairro e pretendia que fosse retratada da mesma forma, pois sua noção do que era aquele momento (ao falar para uma pesquisadora) tentava construir uma “história” sem discutir o que foi aquela experiência de viver no bairro até então, ainda que sua subjetividade não estivesse ausente.

Valdete mora sete quadras abaixo da avenida principal do bairro, cheguei até ela em conversa com seu sobrinho sobre pessoas que viviam no bairro há mais tempo, pois até então estava difícil me aproximar e encontrar esses entrevistados. Na mesma semana desse contato, ela estava em matérias jornalísticas da cidade, sendo destacada como uma das primeiras moradoras a ter conseguido a legalização de sua casa. Por isso, insisti na realização da conversa e conseguimos realizá-la.

De todo o modo, tratar da pauta da casa auxiliou-me a entender como interpretava a “legalização” de sua casa. Na realidade, apesar de estar há mais de trinta anos morando no bairro o que Valdete obteve da prefeitura foi a isenção da compra do terreno em que ela mora, porém para a liberação da escritura, a trabalhadora precisava pagar diretamente no cartório de registro de imóveis o documento, que na época da realização da entrevista ela me indicou que seria entre três a quatro mil reais, um valor que considerou alto, mas que valeria a pena para garantir de uma vez por todas a sua casa.

Pensando nas produções historiográficas referentes à problemática discutida nessa dissertação, o trabalho de Silva (2012), intitulado “Moradores do Bairro, Moradores da Cidade: Reconstruindo vivências. Bairro Sagrada Família. São Francisco - MG”, apresenta como proposta discutir o modo como ocorreu a formação do bairro Sagrada Família na cidade de São Francisco e, principalmente, quem são as pessoas que ali moram.

O Bairro Sagrada família, permite discutir várias questões que envolvem o modo como vivem os trabalhadores em São Francisco-MG. Ele foi criado após centenas de famílias perderem suas moradias devido à enchente em locais próximos ao Rio São Francisco. O autor destaca a historicidade dessa ocupação, retomando também a ida de famílias de trabalhadores, expulsos de fazendas, que passaram a ocupar essa região em um processo que iniciou na década de 1980 e que ganhou novas ocupações ao longo dos anos.

Toda a exposição feita sobre a formação do bairro, deixou em evidência a expressividade daquele lugar pelo que significava para trabalhadores, como lugar social: “[...] quando olho para a estrutura física que nos remete de imediato ao estado de luta diária das pessoas [...] observando-o detalhadamente penso nas pioneiras deste lugar, com tantas semelhanças em histórias que se cruzam, mas que às vezes não se conhecem ou desconhecem a história do outro que se identifica com a sua própria.” (IBIDEM, p. 36)

Mas fiquei me indagando como isso seria discutido ao longo do trabalho. Nesse sentido, ao falar das “conquistas” dos moradores, ou seja, do que compõe o bairro enquanto expectativa e interesse dos trabalhadores: escola, posto de saúde, espaços de sociabilidade, Silva (2012) coloca em discussão a questão da moradia: inclusive, as casas que foram construídas pela igreja e, posteriormente, doada aos trabalhadores.

Toda a “participação” dos moradores é destacada na criação de espaços e trabalhos comunitários: horta, associação, olaria. Há um tom harmonioso, que não permite observar contradições e demandas, a não ser polarizando o confronto com o Poder Público. Por isso, destaquei a questão da moradia, pois o que se apresenta como “ganho”, “doação” e expansão do bairro. Na realidade, traduz casas de madeira simples, em ruas de terra, com três a quatro cômodos, para famílias com seis, sete pessoas.

Penso o quanto a casa é significativa, porque expressa a necessidade desses trabalhadores e não se pode encarar que a interferência religiosa não seja algo satisfatório, mas ela não limita os interesses desses sujeitos e as relações de poder na cidade. Então, como produzir pautas comuns com condições distintas e trajetórias distintas de acesso ao bairro? Aqui percebo uma possibilidade de discussão aproximada com o Eletrosul.

Por isso, entendo que o “olhar” para o bairro Sagrada Família precisaria atentar-se às tensões. A “criação” do bairro começou de uma forma, porém isso não impede de avaliar outras formas de continuar sua produção e significar o modo de viver desses trabalhadores.

Esse fator coloca em evidência as dificuldades enfrentadas no acesso à moradia por grande parte dos trabalhadores nas cidades brasileiras. Além disso, apresenta os limites no acesso a infraestrutura e a questões pertinentes ao direito à cidade, mas, fundamentalmente, ao

que já legitimaram como seu (pois pagam impostos à prefeitura, mas não conseguem com facilidade a escritura definitiva de suas moradias).

Digo isso, retomando a entrevista com Valdete e Luis, o trabalhador se empolgava em cada pergunta que eu lhe fazia, parecia muito confortável em ter alguém ali disposto a escutar suas memórias. Mas isso não significou que ele também não estava atento aos detalhes do que significava aquela conversa: ele sabia muito bem quem eu era, onde estudei, onde morava, quem era minha avó e até meu tio (que não mora em Guaíra), além disso, queria apresentar como estava atento ao processo de legalizar sua escritura:

Valdete - Estamos falando sobre as casas aqui da Vila...

Janaina- Oi seu Luis, tudo bom?

Luis: Tudo menina e você? Eu to correndo atrás da minha casinha também ...

Janaina- Ah é seu Luis?

Luís – Eu to pensando em conversa com o advogado pra pra (auditar) né? de tarde [vou] leva tudo os papel pra poder ver sobre a escritura.....<sup>49</sup>

De início, ele fez questão de deixar bem claro que também estava atrás da escritura da sua casa, compartilhando comigo as demandas que ainda permanecem e como estão agindo para alterá-las. Avalio que também considerou que aquela conversa poderia, quem sabe, auxiliar nesse processo. Antes de transcrever a entrevista, eu ficava me perguntando o que o levou a falar disso.

Até aqui posso assegurar, que mais uma vez a questão da moradia e da insegurança sobre ela está presente tantos anos após a chegada e permanência desses trabalhadores no bairro. Ter mais um se solidarizando com a sua questão é fortalecer o elo de luta, pois não foi uma história de luta, ele fez questão de me indicar que ainda é.

---

<sup>49</sup> LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.



**Imagem 5 - Residência do bairro que compunha a antiga Vila Operária**

Fonte: Organização da autora

Esta casa, localizada na rua ao fundo da casa de seu Luis, uma casa de madeira em que moram uma família composta por três filhos, pai, mãe e avó. As casas que são de madeira possuem certo padrão: dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Ao andar pelo bairro é possível identificar várias casas que já sofreram alterações, sendo construída garagens, lavanderias, novos cômodos. Tanto a casa de seu Luis, como de Valdete seguem o mesmo padrão da Imagem 5.

Há também ausência de muros, pois exigem alto custo financeiro, o que faz criar cercas provisórias (com arames, tábuas, ou mesmo sem nenhuma divisória entre os vizinhos) – como é possível observar na imagem 5. Tudo isso caracteriza parte da dimensão pública da moradia dos trabalhadores, uma vez que as partes externas, muitas vezes, não serão prioridades nos gastos familiares.



**Imagem 6 - Residência do bairro que compunha a antiga Vila Operária**

Fonte: Organização da autora

A casa, indicada na imagem acima, é localizada a três quadras da casa de seu Luis. Segundo me informou a assistente de saúde, tanto essa quanto a imagem anterior são casas que compunham a Vila Operária da empresa Eletrosul, que foram ocupadas na época. Atualmente, na residência da imagem 6 mora um casal de idosos, cheguei a tentar visitá-los, no intuito de realizar uma entrevista, porém sem sucesso.

No próprio cadastro da assistente de saúde eles também não possuem registro, pois segundo ela, “não gostam de conversar”. Sendo assim, achei pertinente tentar uma aproximação mais efetiva com outros trabalhadores.

Uns dos pontos discutidos por Portelli (1996, p. 55-56) em “Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais” é a relação estabelecida com o entrevistado. De certa maneira, partir desse princípio proporcionou conhecer melhor a pessoa que estava ali disposta a conversar, mas, também, não significou que tudo ocorreria da forma que eu esperava, ou ainda estaríamos livres de certas “surpresas” e das próprias questões que o entrevistado gostaria de destacar para além das que eu propusesse.

Na realidade, a “surpresa” é um indicativo de que realizar uma entrevista não é algo exercido em caráter de “passividade”, ao contrário, Coutinho (1997), ao discutir os procedimentos adotados em seus documentários, destaca os confrontos nesse processo, ou seja, mesmo que nós tenhamos a disposição de conversar e explicar o motivo da entrevista, o entrevistado também avaliará o que ocorre e como quer dialogar com essa proposição.

Por isso que o fato de Valdete ter chamado seu Luis para a entrevista, mas a forma como ambos foram criando suas imagens sobre mim, avaliando a minha família, onde eu morava, buscando pontos de distanciamentos, mas, também, de aproximação, tudo isso permitiu a feitura da entrevista em tom de diálogo, ainda que assimétrico.

Valdete havia conversado com seu Luis previamente, imaginei que para ele, não poderia ficar para “trás”, ou parecer que ele não estava fazendo nada em relação à sua casa. Afinal, foi a convite da sua vizinha, que valorizava essa conquista. Isso foi minha primeira “impressão”. Não acredito que esses fatores não são válidos, mas eles fazem parte de um conjunto que só é possível entender, quando se volta o olhar para a experiência do seu Luis. Ele chegou ao bairro na década de 1990 e me indicou esse percurso do seguinte modo:

Luis- pois então... Quando eu vim pra mora pra cá, logo quando eu e minha esposa ganhamo a casa do cara que trabalhava na eletrosul... De primeiro, nós troquemo uma TV nossa em uma casinha aqui né? Ai depois, ganhamo a nossa casinha.... ai mudamos na casinha mais distante ... Mas aqui na vila mesmo.<sup>50</sup>

Trocar a TV pela "casinha" foi a saída que ele encontrou para se chegar ao bairro, mas não foi a única moradia que Luis teve no bairro. A troca inicial lhe proporcionou não só a garantia de estar no bairro mas, também, a possibilidade de se mudar e avaliar caminhos dentro do próprio bairro, porque, para ele, em alguma medida estar ali significaria uma mudança de condição, por outro lado, ele entende que a “casinha” por não ser tão boa, ainda assim, era sua.

Talvez a troca da TV tenha proporcionado um maior contato com o “cara que trabalhava na eletrosul”, mas, ao mesmo tempo, a distinção feita por Luis nesse processo é de que: a “casinha” trocada pela TV era sua, a “do cara que trabalhava na eletrosul” foi um ganho a mais que teve. A ambiguidade dessa relação é expressiva, primeiro porque em nosso contato ele deixou claro a luta empreendida pela legalização de sua casa. Entretanto, entende que muitos não conseguiram esse acesso e ele acabou ficando com duas (sendo que uma ficou com a ex-esposa após a separação).

A trajetória de Luis é peculiar como dos demais entrevistados, mas eles expressam os percursos para se morar em Guaíra e quais estratégias eles tomam para si e que expectativas nutrem na cidade. Ao se falar da casa ou de como chegaram ao bairro também apresentam vestígios das dificuldades, das mudanças e das permanências de certas relações e práticas na cidade, ou seja, de como viviam e passaram a viver ao morarem no Eletrosul.

---

<sup>50</sup> LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.

Luis nos dá indícios do quanto esse processo envolvendo a casa foi intenso, pois ainda assim havia aqueles que não poderiam pagar pela sua casa, ou mesmo trocar por uma TV, rádio ou até contar com alguém da empresa que pudesse auxiliar nesse processo. Ele destacou que muitos, ao saberem da notícia de que a Empresa além de parar a usina decidiu ir embora, deixando para trás a maioria das casas, vieram para a vila tomar posse das mesmas:

Janaina- o senhor falou assim, que na sexta já ficou sabendo e na segunda já tava todo mundo aqui né?

Luís – (tudo invadido) anoiteceu, anoiteceu, né? Invadia a maioria das casas, né?

Luís - Naquela época tinha o advogado, como é que é ooo.. Como que é o nome dele? Ele foi preso aqui na cancela na época aqui [...] O pessoal invadia, né? digamos, a casa tava vazia... eles vinham tirava uma coisa, tirava outra, igual uma comparação se eu tivesse na minha casa, tivesse faltando alguma coisa eu ia e tirava da outra, assim o pessoal fazia...<sup>51</sup>

Mais uma vez o que seu Luis chama de “casinha” se torna presente: o fato de terem que pegar “alguma coisa” de outra casa, sugere que as mesmas já haviam sofrido algum tipo de deterioração ou não apresentavam todos os equipamentos que consideravam necessários. O cancelamento da obra foi um ponto decisivo para essa confluência de ações dos trabalhadores em direção ao Eletrosul. Se por um lado a Prefeitura, os comerciantes e até mesmo os jornais lamentavam a notícia em relação a obra, outros enxergaram nisso uma possibilidade significativa em suas vidas, passando a disputar o direito por aquelas casas.

Tal processo, indicado por Luis, foi noticiado pelo Jornal Ilha Grande, em 1990, quando essa prática já estava em andamento. Essa matéria teve destaque de capa, indicado como “Novela Eletrosul”:

No início da semana, por volta das 23:00 horas, 40 famílias resolveram também usufruir como dezenas que lá residem de um teto e munidas de seus poucos pertences fora, até a Eletrosul, mas lá logo a 1ª família, viu os obstáculos na estrada, resolveram então voltar e avisar os demais e para isto se reuniram próximos ao clube 27, e quando discutiam o problema foram abordados pela polícia militar que deu voz de prisão aos ex-pretensos invasores, sabendo do problema para lá se dirigiu o vereador e advogado Gláucio Coraiola e também foi preso e encaminhado junto com os outros à Polícia Federal.

As famílias indignadas comentavam o fato de que só alguns mais privilegiados podem morar na Eletrosul, enquanto centenas de casas apodrecem, muitas famílias não têm onde morar.<sup>52</sup>

O horário marcado, no período da noite, sugere que já vinham sondando as formas de entrar na vila e, provavelmente, sabiam que outros tinham conseguido entrar com o mesmo

<sup>51</sup> LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.

<sup>52</sup> NOVELA Eletrosul. **Jornal Ilha Grande**, Guaíra, 15 agosto 1990. p.08.

procedimento que pretendiam, inclusive, que esse caminho podia também não dar certo, mas, ainda assim, mandar uma família ir primeiro, indica a expectativa firmada nesse momento, “correr” esse risco poderia lhes proporcionar o acesso à moradia, com possibilidades de adquirirem seu direito efetivo posteriormente.

Nesse sentido, a presença policial também sugere que esse processo não foi tranquilo, ao contrário, se firmou a tensão social. Porém, apesar dessa tentativa do jornal em relatar a prática em curso como algo “brando”, entendo que a disposição não estava só em “correr” o risco, mas, também, em se colocar nesse enfrentamento.

Além disso, a reportagem traz os trabalhadores como “invasores”, indicando qual o tipo de memória produzida pelo jornal sobre tal ação, evidenciando seu posicionamento contrário ao processo de ocupação, ainda assim ela permite observar a seguinte evidência: “só alguns mais privilegiados podem morar na Eletrosul, enquanto centenas de casas apodrecem, muitas famílias não têm onde morar”.

As casas estavam apodrecendo, outras cheias de cupins, na realidade muitas estavam literalmente deterioradas, e não apenas isto, o bairro com a saída da empresa, tinha o fornecimento de água, segundo Valdete, cada vez mais restrito. Então, de que privilégios estavam falando? Ter onde morar, quando muitos não conseguiam ter tempo e renda para fazer autoconstruções e pagar mensalidades aos projetos habitacionais populares da Prefeitura, parece realmente um privilégio a ser disputado entre os trabalhadores.

Talvez a Vila Eletrosul gerasse uma visibilidade muito maior frente ao impasse da obra e da vila já constituída, com isso, as chances eram maiores de se ter onde morar diferente de tentativa indicadas pelo Poder Municipal, inscrevendo-se nos projetos de mutirão em outras regiões da cidade, como no bairro BNH2 e BNH3.

A “Novela Eletrosul” não recebeu esse título porque o jornal estava interessado em destacar os problemas das famílias envolvidas neste processo, mas porque trazia a presença e envolvimento do advogado e os impasses na regularização da área. Isso foi, em parte, o que motivou o destaque em sua anúncio. A questão ainda foi apresentada mais detalhadamente no interior do jornal, ressaltando a “injustiça” cometida com o vereador-advogado e a acusação de se tratar de um acordo político e a falta de coerência nas doações das casas por parte da Empresa.

O promotor Paulo Kesler, que reside na Vila Eletrosul, em casa cedida pela empresa, onde existe infra-estrutura de cidade de porte, com água encanada, esgoto tratado, telefone, asfalto e galerias puviais, disse que recebeu um telefone, por volta de 23 horas de segunda-feira do administrador da Eletrosul na cidade, Claudemir Bataglin, de que “havia um movimento



organizado pelo vereador Glaucio Coraiolla, de tentativa de invasão da área para ocupação das casas”.<sup>53</sup>

A tentativa do jornal de caracterizar quais eram os privilégios citados como “indignação das famílias” aparecem logo nas primeiras linhas, explicando detalhadamente a forma com o Promotor morava, correspondendo à parte da vila em que vivia os trabalhadores de alto escalão da empresa. Penso que a presença dele no bairro, foi uma estratégia de poder adotada pela Empresa para que essas ocupações fossem impedidas ou para que, pelo menos, provocasse certo receio, tanto em quem já estava residindo lá como em quem estava pensando em chegar.

No entanto, advogado, promotor e polícia não impediram a entrada dos trabalhadores por outras ações. Luis indicou que as pessoas continuaram chegando, organizando suas casas e criando o mal-estar vivenciado na reunião da Associação em 1993, como tratar a representatividade de todos diante distintos modos de pertencer e se fazer parte do bairro?

O fato do presidente da Associação pedir a união dos moradores permite apontar que o recebimento dessa imposição pode não ter sido de forma tão harmoniosa, ou ainda, que isso implicaria a legitimidade da própria Associação dos moradores. Interessante perceber também qual foi, pelo menos nessa reunião, o papel do presidente da associação: o de mostrar como os moradores devem proceder ao viver o bairro: “Foi comentado ainda de que os moradores devem conservar suas casas limpas. Pátios limpos e Ruas limpas. Ainda o presidente comentou as críticas devem sempre ser construtivas.”<sup>54</sup>

Esse apontamento aparece na mesma reunião em que a questão da moradia é colocada como foco principal. Encarar como “crítica construtiva” soa de forma proposital, uma vez que, se para comprarem suas casas eles precisam ter condições para pagar e, ainda, manter o bairro limpo, tal como suas casas também, implicaria em mostrar para o poder público que o ambiente estava “bem cuidado” pelos moradores, os quais estavam satisfeitos com o que tinham.

As Atas sugeriram que o melhoramento estava sendo tratado a partir de espaços de lazer, sociabilidade, isso ficou destacado nos debates sobre a conquista de um campo de futebol, a realização de torneios, nas atividades para conseguir doações (que lhes

---

<sup>53</sup> NOVELA Eletrosul. **Jornal Ilha Grande**, Guaíra, 15 agosto 1990. p. 20.

<sup>54</sup> ATAS DE ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO VILA ELETROSUL, 08 de setembro 1993, p. 30. Pesquisa realizada no acervo da Associação dos Moradores da Vila Eletrosul no dia 05/10/2015.

proporcionassem de alguma maneira uma legitimidade de uso do bairro, para que assim fomentassem a efetivação de uma expectativa mais ampla e difícil: a escritura das casas).<sup>55</sup>

Penso que essa “busca” da associação, em trazer questões como pauta (logo em suas primeiras reuniões), não está apenas direcionado ao “papel” que ela queria ter frente aos moradores, mas também porque, a quadra, daria uma continuidade naquilo que aparentemente a empresa Eletrosul teria construído no bairro, expressaria o que eles decidiriam como o melhor para o bairro.

Além disso, não é por acaso, que nessas reuniões, as assinaturas eram tão importantes nas atas; porque expressavam o maior número de participantes conforme as discussões em pauta. Elas identificavam quando as reuniões se resumiam aos membros da diretoria, se os interesses eram limitados aos membros da diretoria ou não. Na realidade, o aumento de assinaturas se torna significativo quando a pauta é direcionada para regularização das casas, iluminação das ruas, pedido de escola pública, posto de saúde.

Essa prática apresenta uma tentativa de alterar a visão recorrente sobre o modo como os trabalhadores vivem, buscando legitimar cobranças e pressões a partir de uma alteração nas condições do bairro que é indicada como culpa daqueles que vivem no lugar. Penso nessa relação de conquista da casa própria e produção do bairro, porque não só Luis, Valdete, Mário e Helena, também eu cheguei a Guáira, ainda que no início de 2000, tempos após esses primeiros processos de disputa por moradia e ocupação do Eletrosul, momentos experimentados por trabalhadores que viviam na cidade ou decidiram viver nela.

Outro fator que se coloca também nessas reuniões da associação essa tentativa não apenas de padronização, mas de “criar” uma imagem do bairro, não é a mesma por parte dos trabalhadores, seja pelos momentos em que chegaram seja pela forma como construíram seu pertencimento e vêm legitimando-o perante os demais. Percebo isso primeiramente na fala de Elaine quando estava reformando o local que tinha alugado para abrir seu salão de beleza no Eletrosul:

Elaine- quando a gente tava mexendo lá, pintando arrumando aconteceu um assalto, uma tentativa de assalto de carga né? bem lá na frente lá e os caras armados e deram uns tiro atrás do carro e lá na frente aquela loucura, você olhava pro quebra mola pro outro lado parecia que era um né [...] Era umas cinco hora da tarde, falei Misericórdia, Jesus né? fiquei meio assim né? fiquei meia, aí tá né mas pensei isso ai é num pode, isso ai aconteceu pra né pra, ai depois conversando com as pessoas, as pessoa parecia tão calma

---

<sup>55</sup> As reuniões realizadas durante os anos de 1994 a 1997 correspondiam às anotações sobre as conquistas realizadas no bairro: iluminação na arquibanca, torneios de danças e de futebol, restauração de uma quadra de esportes e de uma churrasqueira instalada ao lado do campo de futebol.

assim sabe, como se aquilo assim fizesse parte é assim parte da rotina do lugar né? ah é? Ah cê viu lá? Ah não não tem perigo não, aqui é assim, ai tá ficou uns dois meses que eu tava lá em baixo, não, mais, uns três meses, depois disso acho que eu não fiquei nem um mês mais, eu consegui alugar, ai eu sentada lá na frente escutei uns grito para para para desce do carro, quando eu olhei um cara com uma pistola na mão do outro lado da rua, parou o carro fez o cara descer e veio pro lado assim pro lado pro lado do canteiro sabe como se viesse pro meu lado lá, ah não eu fechei era umas quatro hora da tarde fui pra casa, dai meu marido paga o pato né, porque eu não queria vir pra cá né? dai eu descontava nele sabe eu não vo fica mais aqui não ...eu acho que era carro carregado, eu acho que era carga, (pegou uma velocidade no) quebra-molas esse carro saiu pra estrada, eu falei isso dai, num é, num é assim é, na primeira vez eu pensei né isso ai pode acontecer em qualquer lugar, mas duas vezes seguidas né? num prazo assim de menos de três mês, eu falei o que? E dai o vizinho lá que era do carvão lá né? ele viu que eu fiquei apavorada né? ele começou a rir né? ele falou e começou a rir, como se aquilo fosse uma brincadeira, como se fosse assim, falei o que ceis são é louco, falei pra ele seis são é louco mora num lugar desse (risos) depois eu fui embora óia com vontade de não voltar mais lá sabe?

Janaina- sim, imagino...

Elaine- depois eu me acalmava dai eu voltava, acalmava assim né? Pensava que já tinha comprado a casa .... e aí depois eu peguei aqui,

Janaina- o salão né? Porque você quis mudar aqui pra cima?

Elaine-primeiro que eu to mais perto de gente, vejo mais movimento, mais movimentado, vo tenta lá .... mas assim depois a gente vai acostumando né? vai acostumando então

Janaina- eu imagino você com o salão aqui aberto, deve ver muita coisa...

Elaine- hoje eu num sabe eu já num estranho mais assim eu já to bem acostumada, as pi lazada assim, eu sei que eles mexe com coisa errada tudo, mas a maioria já são cliente meu.<sup>56</sup>

Considero importante essa fala de Elaine, no modo como relata o que enfrentou no bairro. O primeiro local que ela alugou para abrir o salão fica localizado logo no início do bairro sendo que o segundo local fica na mesma rua, porém, doze casas acima. Em relação ao primeiro, agora fica mais no “meio” da avenida principal, o que considera uma segurança para o seu salão.

Elaine traz não só relações violentas presentes no bairro, mas também as dificuldades encaradas por ela, seus receios e modo como lida com eles. Digo isso, primeiramente, devido à forma como ela indica que enxergava os moradores, “ceis é louco de morar num lugar desses”. Anteriormente, ela indicou “ isso acontece em todo lugar, mas duas vezes no mesmo local?” e, por fim, ressalta que após se acalmar, foi se acostumando. Mas o que isso tudo sugere?

---

<sup>56</sup> ELAINE (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 01/08/2016. Guaíra-PR.

Separei esses trechos de sua fala porque entendo que eles apesar de aparecerem em momentos diferentes possuem certa sequência. Na realidade, não se trata de acostumar, mas do modo como lidam com aquela situação, inclusive ela entendia que para ela não poderia ser considerado “normal” o ocorrido, mas o que pesa ao avaliar coisas decisivas, como por exemplo, mudar ou não de bairro? Quando perguntei sobre a vaga da creche do seu filho, Elaine disse que:

Janaina- foi fácil de conseguir a vaga aqui?

Elaine- foi até fácil, né? assim, daí eu conversei com a diretora né, ela me deu uma força... porque eu não tenho com quem deixar né? Ai trabalhar aqui é difícil... Aí eu deixo ele na creche, quando dá o horário eu busco ele e fica aqui no salão mesmo, até eu fechar ali no cantinho brincando... A gente tem que dar um jeito, né? Ate meu marido chegar. <sup>57</sup>

A creche frequentada pelo seu filho é localizada do outro lado da rua, em frente ao salão, ou seja, seria avaliar no que fazer ou como fazer, já que o casal já tinha comprado a casa no bairro, ela havia se estabelecido com o salão (uma novidade no bairro) e seu marido já estava cortando grama nos demais bairros e também teve certa “facilidade” em conseguir a vaga na creche perto, podendo deixar seu filho junto a seu trabalho nos demais horários.

Diante disso, o bairro para Elaine, vinha acompanhado do esforço em se “acostumar”. Diferente de consentir. No sentido de decidir a permanência, mesmo não descartando a possibilidade de ser temporária. Nesse caso, o que considerou como “solução” foi alugar outro local, vindo para mais “perto de gente”, já que o primeiro local tinha apenas um vizinho.

Pensando nisso, seu Joaquim também contribui para refletir sobre essas relações e percepção do bairro, que permite discutir os diferentes modos de vida que expressam suas lutas e avaliações:

Janaina- e falta água na casa do senhor?

Joaquim: ixi falta.. Todo dia, acho que é meio geral aqui né?

Janaina: quando o senhor veio pra cá falaram algo pro senhor disso?

Joaquim: falaram... Assim o dono lá onde eu estava erguendo a casa dele me falou, ele também sabia ... Mas essas coisas a gente aprende a lidar né?

Janaina: aprende como?

Joaquim: ah pra você vê lá na fazenda que vê nos últimos quatros que eu estava lá que começou a ter água assim na torneira né?

Janaina: ah e? E como vocês faziam antes?

Joaquim: poço né pegar de balde... Ai assim aqui a gente vamos dizer esse costume também ...

Janaina: de guardar no balde?

Joaquim: é mas assim as vezes nem precisa né? Acaba assim uma vez ao dia as vezes mais... Mas a mulher gosta de encher os baldes... Eu até falo pra ela

---

<sup>57</sup> IBIDEM.

pra que isso mulher ai ela fala que eu não fico em casa nos horários que acaba e não sei quando precisa... mas eu sei sim a gente também usa lá no trabalho

Janaina: e quando acaba lá o que o senhor faz?

Joaquim: é uma beleza (risos) a gente senta na sombra conversando e espera voltar (risos)<sup>58</sup>

Mais uma vez não é consentir, mas sim o modo com as relações vão sendo firmadas. Embora indique a prática de armazenar água como algo similar ao que já viveu (quando morava no Paraguai), não entendo que este fator seja encarado de modo tranquilo. Penso que se faz justamente ao contrário, com algumas diferenciações: faltar uma vez a água em casa, não deve ser encarado com a mesma “calmaria” quando se torna algo constante, possivelmente para esposa de Joaquim deve ser mais conturbado ainda, já que ela fica em casa, nos afazeres domésticos. Por outro lado, para Joaquim, quando isto ocorre, é tempo propício para descansar de seu trabalho exaustivo de pedreiro. Os sentidos diferenciados expressos para o casal diante de uma situação de pressão e exposição de limites permitem colocações como as que seguem:

Janaina: a e o senhor não tem vontade de voltar pra lá [Paraguai]?

Joaquim: Oia eu acho que se fosse pra eu voltar agora ... Acho que nao...acho que eu não me acostumo mais não..eu gosto aqui da eletrosul...gosto assim.. Á gente não fica muito sozinho mais.. Conversa com os vizinhos no fim de tarde essas coisas de gente velha sabe? (risos) eu acho que quando minha menina crescer mais ela vai embora... Mas a gente acho que não

Janaina: e porque o senhor acha?

Joaquim: ah assim se ela casar né? Essas coisas assim acho que ai ela vai ...mas por equanto ela se dá bem por aqui também...

Janaina: o senhor está construindo uma casa ali no fundo então?

Joaquim: e sim, essa vai ser nossa... Pra gente sair do aluguel...<sup>59</sup>

Para Elaine, foi apesar da dificuldade em se colocar como parte do Eletrosul, que a fez ir em busca de um meio que atendesse de imediato seus anseios, para Joaquim e sua esposa também, embora de modos diferentes, ou seja, por não se sentirem sozinhos, foram efetivando laços, o que sugere o valor que isto tem para seu Joaquim, por desconsiderar a mudança justamente por essa questão e, mais ainda, reconhece que possivelmente isso não terá o mesmo valor para sua filha, pois ele mesmo considera o fato de futuramente ocorrer a mudança dela.

Para além disso, é expressivo as expectativas relacionadas ao conseguirem sair do aluguel (“essa vai ser nossa”), por não se sentir mais sozinho, talvez ao avaliarem que o

<sup>58</sup> JOAQUIM (pseudônimo). Entrevista realizada pela autora, na residência da entrevistada, em 05/09/2016. Guaíra-PR.

<sup>59</sup> IBIDEM.

Eletrosul lhes proporcionou algo que não tiveram quando aceitaram as decisões de sua família ao se mudarem para o Paraguai.

A casa de Joaquim fica em uma rua sem asfalto, próximo a um pasto, localizada a 10 quadras da avenida principal. Apesar de sua fala significativa, expectativas com o bairro também são sugestivas sobre como vê os demais espaços da cidade. Afinal, o bairro não está dissociado dos outros locais, seja para avaliar o acesso a mercados, médicos, farmácias, recolhimento de lixo, iluminação pública.

Nesse sentido, a matéria publicada no dia 26 de janeiro de 2011 pelo site da Câmara Municipal de Guaíra sugere o modo como essas demandas aparecem e são tratadas:

Buscando melhores atendimentos por parte dos setores competentes, diversos moradores da Vila Eletrosul, em Guaíra, solicitaram a visita do Presidente da Câmara Municipal de Guaíra, Vereador Almir Bueno, para conhecer a realidade vivida na localidade.

Com o objetivo de atender aos anseios dos moradores, apesar do recesso legislativo o vereador Almir Bueno compareceu na manhã de ontem (25) à Vila Eletrosul, onde conversou com moradores e observou as reivindicações dos cidadãos guairenses.

Algumas reivindicações foram apresentadas por Morgana Cândido Delagno, residente na Rua Osasco, e por Antônia Cristiane Alves, que reside na Rua Terra Boa. Inúmeros problemas foram percebidos nas ruas Minas Gerais, Residencial B, Diamantina, Osasco, Margarida e Terra Boa, cujas principais deficiências estão na falta de: bom atendimento médico; manutenção de serviços de limpeza de ruas; correta manutenção das vias públicas; recolhimento de entulhos; entre outros.

Um ofício já foi encaminhado para a Prefeitura Municipal, assinado pelo presidente do Poder Legislativo, vereador Almir Bueno, apresentando as reivindicações dos cidadãos e sugerindo a tomada de atitude. Na primeira sessão ordinária deste ano, que será realizada dia 21 de fevereiro, o vereador Almir Bueno apresentará indicação sugerindo a execução de melhorias.<sup>60</sup>

Devido ao difícil acesso a algumas ruas, inclusive quando chove, muitas famílias deixam, por exemplo, de receber a coleta de lixo, o que normalmente ocorreria uma vez na semana. Questões como essa, também se estendem a outros serviços como os indicados na matéria acima. Constantemente, aqueles que moram no “interior” do bairro ficam, também, sem telefone ou sem luz porque os cabos são roubados e a prestadora de serviço leva dias para repor e a polícia não consegue coibir tais atos, inclusive porque essa não é uma prioridade.

Quando cheguei ao bairro, o que já faz dez anos, lembro-me o quanto achei estranho ouvir meus vizinhos falando que eles não recebiam correspondências em suas casas, que

---

<sup>60</sup> MORADORES da Eletrosul apresentam reivindicações. Câmara Municipal de Guaíra [On-line]. Postado em: 26 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.camaraguaira.pr.gov.br/archives/2537>> Acesso em: 05 jun. 2016. A Câmara Municipal de Guaíra possui um site com caráter informativo das sessões realizada na Câmara. Nele publicam as pautas encaminhadas pelos Vereadores para discussão. Conferir em: <http://www.camaraguaira.pr.gov.br/>

deveria retirar no centro comunitário, local onde também fica as instalações da Associação dos Moradores, é lá que pagamos a taxa de água no valor de R\$10,00.

Por todo o tempo em que estudei na escola de ensino fundamental e médio, era comum ouvir a frase “não mexe com eles, que eles são da Eletrosul”. Na época, eu acreditava que não passava de uma brincadeira, até porque o bairro, de fato, é longe mesmo de outras áreas da cidade, inclusive até aceitei essa visão, anunciando-a em algumas tensões da adolescência “não mexe comigo, porque você sabe onde eu moro”.

O que encarava como brincadeira passou a ser um estranhamento quando em meu primeiro ano de faculdade, ao contratar o serviço do ônibus que levava os alunos todos os dias para Marechal Cândido Rondon, na UNIOESTE, a empresa se negou a me levar no Eletrosul, fazendo alegações de que não fazia parte do percurso e que o motorista tinha receio de passar tarde da noite pelo bairro. No meu caso, a solução foi dormir na casa dos alunos que conheci dentro do ônibus, acordar no outro dia cedo, pegar o circular e voltar para casa.

Isso não é uma realidade somente minha, estudei e convivi com tantas outras pessoas que adotaram as mais diversas alternativas não somente em relação aos estudos, mas também em relação a trabalhar, ir à farmácia, ou mesmo para lidarem com as inconstâncias do dia a dia. Quando iniciei essa pesquisa, ou seja, olhar para os trabalhadores e o viver no Eletrosul enquanto problemática de pesquisa, a minha intriga com o fato das pessoas continuarem aqui, mesmo diante das condições enfrentadas, foi constante.

Mas penso que a permanência só é conflituosa quando nos aproximamos dos modos de vida. A permanência, enquanto disputa a/cidade que permite entender que eles estão o tempo todo avaliando suas condições materiais, para terem possibilidade de acessar outros espaços de moradia ou mesmo para garantirem mudanças mais contundentes no bairro, mesmo após tanto tempo de denúncias dos problemas e dificuldades por que passam.

Todas essas indicações nomeadas na matéria chegaram ao vereador, justamente porque ele foi até o bairro para falar com os moradores e, possivelmente, colocar-se como mediador das demandas para pautá-las na sessão da Câmara. Além disso, muitas casas se encontram com desgaste pelo tempo de sua construção e pelo material que foi utilizado. Muitas ainda são de madeira, aliás, somente nos últimos cinco anos é que as primeiras casas de material começaram a ser construídas e visualizadas no bairro de modo mais constante.

As ruas consideradas “importantes”, no caso a avenida principal e mais sete ruas que levam ao acesso à avenida, já possuem asfalto. Contudo, o problema ainda persiste nas ruas mais afastadas e, conseqüentemente, onde se tem um maior número de moradores. É justamente

em uma dessas ruas, ainda de terra, que se passa a visita da assistente municipal de saúde à casa de seu Augusto Pereira:

seu Augusto está morando sozinho e tem 83 anos tem muita dor no corpo, fraqueza, moleza nas pernas, sente muita tontura, falta de ar, coração acelera e está com muita coceira no corpo inteiro fica se coçando com uma buchinha de lavar roupa, seu Augusto tem problema no coração toma digoxina 01 vez ao dia. Tem muito medicamento que Augusto não toma mais losartana, marcado meio dia, Carvedilol 6,25mg. Seu Augusto tem a barriga inchada e diz que quase não urina e o intestino funciona muito mal, tudo o que ele come parece demais está se alimentando muito pouco.<sup>61</sup>

O incômodo por parte da assistente é visível ao longo de sua escrita ao detalhar o que encontrou: fraqueza, moleza das pernas, dor nas pernas. Porém, a primeira coisa que a incomodou foi o fato dele morar sozinho naquelas condições. Por isso, logo em seguida, coloca-se a explicar todos os sintomas que seu Augusto está sentindo.

Embora na maioria das fichas conste que a família “foi alertada do atendimento médico no posto”. No caso de Augusto, não. Ao contrário, sua ficha termina com “está se alimentando muito pouco”. Não houve indicação para a procura do médico, mesmo relatando que na casa do visitado tinha vários remédios que não tomava mais. Essa visibilidade e registro de impressões (do que não está bem), ajuda a compor ainda mais o quadro de tensão e desigualdade que permeia essas visitas e as moradias dos trabalhadores que residem no bairro.

Volto mais uma vez à frase “dominadora” desse trabalho, mas como forma de pergunta: “No mais, está tudo bem?”. Talvez já seja possível entender a ambiguidade conflituosa que essa formulação apresenta.

Marilena Chauí (1986) traz a noção de “ambiguidade” ao procurar discutir as categorias de “conformismo” e “resistência”. Termos ambíguos que sugerem identificar (nas relações) as tensões, oscilações de valores, ações e sentidos dos sujeitos. O “no mais, está tudo bem” é expressivo por isso, ao mesmo tempo em que aparenta um estado de “tranquilidade”, na realidade, direciona nossa reflexão para as contradições e tensões enfrentadas pelos sujeitos e suas relações.

O esforço aqui empreendido é trazer à tona a discussão de que o indicado na ficha, como registro da dificuldade dos trabalhadores frente ao dirigismo estatal para controle de suas ações e presença na cidade, na realidade, traz o que Santos (2016, p.2) chama de

---

<sup>61</sup> AUGUSTO (pseudônimo). [FICHA DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR]. Guaíra-PR. 06/03/2013. Ficha de acompanhamento familiar das assistentes de saúde da prefeitura Municipal de Guaíra. Acervo da autora.



“exposição da dureza da vida”, mesmo quando se propõe abafá-la. Uma dureza enfrentada por tantos outros trabalhadores que, muitas vezes, não permite abreviar esse confronto e a imagem que se sobressai, nem mesmo na regularidade esperada pelos órgãos públicos para os registros que irão compor as fichas da assistente social.

Rolnik (2000, p. 7) ao problematizar a formação dos bairros da cidade de São Paulo, sugere que a forma de organização da cidade, onde bairros e grupos sociais são pretensamente afastados (isso ocorre tanto fisicamente, ocupando regiões periféricas, quanto socialmente, pois os sujeitos que habitam essas regiões, muitas vezes, são vistos e indicados na leitura hegemônica da cidade de forma distinta, utilizando para isso a referência produzida sobre o bairro e o modo como moram/vivem os trabalhadores). Esse “olhar de classe” acaba por contribuir e reafirmar possíveis “fronteiras”, mas, também, as tensões existentes dentro da cidade, pois esses modos de vida se entrecruzam a todo o momento.

Além disso, a autora também destaca que nesses espaços, o investimento público também acontece de forma desigual, é comum registrarem em bairros populares "a falta de": planejamento, saneamento, atendimento de saúde e educação.

Quando a vila de operários da Eletrosul foi incorporada aos conjuntos de bairros da cidade de Guaíra, conforme indicado na ata, em uma reunião da associação em 1990, um ônibus conhecido até hoje como “circular”. Esse transporte coletivo percorre toda a cidade e naquele momento estendeu seu itinerário até o Eletrosul, fazendo o trajeto que ligava o bairro aos demais espaços no centro da cidade, com cobrança de passagem.

Essa ação indica que não é só ter o transporte, mas há, dentre outras questões, o problema dos gastos com ele, o que muitas vezes, sinalizava continuar sem utilizar o transporte público. O circular é um dos meios utilizados pelos trabalhadores para se deslocarem ao trabalho, porém como os horários são fixos, conforme é possível observar na tabela abaixo, isso dificulta coincidir os horários de circulação com as possibilidades de utilizá-lo como acesso a outras regiões da cidade. Portanto, muitos acabam não utilizando, ou apenas o utilizam parcialmente, indo de manhã para trabalhar e voltando, raramente, apenas na parte da tarde, no fim do expediente.

<b>Horários do Circular de Segunda a Sexta na cidade</b>	
Saída da Rodoviária - trajeto para Eletrosul	Saída do Eletrosul - trajeto Rodoviária
06:40 hrs	07:00 hrs
07:50 hrs	08:15 hrs
10:40 hrs	11:00 hrs
12:10 hrs	12:30 hrs

13:10 hrs	13:30 hrs
14:40 hrs	15:00 hrs
16:40 hrs	17:00 hrs
18:40 hrs	19:00 hrs
<b>Horários do Circular de Sábado</b>	
Saída da Rodoviária p/ Eletrosul	Saída da Eletrosul p/ Rodoviária
06:40 hrs	07:00 hrs
07:50 hrs	08:15 hrs
10:40 hrs	11:00 hrs
12:10 hrs	12:30 hrs
17:40 hrs	18:00 hrs
18:40 hrs	19:00 hrs
<b>Horários do Circular de Domingo e Feriado</b>	
Saída da Rodoviária p/ Eletrosul	Saída da Eletrosul p/ Rodoviária
09:10 hrs	09:30 hrs
18:10 hrs	18:30 hrs

**Tabela 1 - Horário do transporte coletivo na cidade de Guaíra  
Destaque itinerário com horários Rodoviária e horários  
no bairro Vila Eletrosul**

Fonte: Organização da autora.

Conforme é possível observar na tabela de horários, os que pretendem voltar para casa após as 19h, seja por trabalho seja por lazer ou estudo, não podem contar com o Circular como transporte, pois o último ônibus na cidade sai da rodoviária as 18:40h. Além disso, o trajeto do ônibus é apenas direcionado à avenida principal do centro comercial de Guaíra, ou seja, para se chegar a outros espaços da cidade (com o circular) não é possível, pois na cidade não existe outra linha. Todos os bairros precisam lidar com essa dificuldade de mobilidade e horários de circulação do transporte coletivo.

Nesse sentido, mesmo dependendo do circular, Valdete sabia que precisava encontrar outros meios que lhe ajudasse em seus percursos e na diminuição de gastos com transporte. Durante a entrevista, ela me narrou sobre suas idas ao trabalho:

Valdete - eu trabalhei na cidade quinze anos

Janaina- daqui? ( morando no bairro)

Valdete – aqui na cidade, dez... no pé, carona, é paga ônibus, daí depois conseguimos uma bicicleta, aí conseguimos uma bicicleta...<sup>62</sup>

Valdete conta que no fim do ano de 1992 ingressou no trabalho como doméstica, seu horário de trabalho, muitas vezes, não condizia com o do circular:

<sup>62</sup> VALDETE ( pseudônimo) Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.

Janaina- Imagina, fica dependendo de carona, é tão ruim essas coisas né?  
Valdete - Vivia pedindo [carona], almoçava na na... numa casa de uma amiga, aí [trabalhava] até meio dia, depois as seis horas da tarde chegava na rodoviária, o circular eu pagava, as vezes chegava lá e ele já tinha saído... Nossa, eu ficava com uma raiva!! que eu vinha embora chorando, porque quase nunca pegava carona, ninguém nunca dava carona, mas ainda bem que esse tempo passou... Hoje eu tenho meus sobrinhos, meus irmãos né? Ai a gente dá um jeitinho.<sup>63</sup>

Ir e voltar para casa, quando se remete àqueles que vivem no bairro Eletrosul significou, muitas vezes, tratar dos modos como esse transitar pela cidade se fez e se faz; na escala de dificuldades que cada trajetória permite visualizar e ter como indício desse processo. Para uns andando, pedindo carona, pagando o ônibus, utilizando bicicleta ou outro meio de transporte. Para outros, a combinação desordenada dessas alternativas frente às pressões e limites que vivenciam.

Todas essas ações não foram – e por vezes ainda não são – uma realidade enfrentada apenas por Valdete. Lidar com a distância (entre bairros, os locais de trabalho, escolas e espaços de lazer) é um elemento a mais, porém não menos importante, da vivência desses sujeitos, faz parte do conjunto de limitações de acesso à cidade que são confrontadas com suas condições e, ao mesmo tempo, compartilhadas pelos usos da cidade que fazem ou pretendem fazer.

Ainda que com lágrimas, Valdete expõe hoje como avaliou naquele momento onde vive e a que custos, como a condição de classe se expôs nesses momentos em que após um dia inteiro de trabalho, de favores para ter um local de almoço, de construir modos de chegar ao trabalho, é preciso retornar a pé, pois não há transporte noturno, e sim, muitos riscos ainda a enfrentar no anoitecer entre o centro e o bairro. Ser chamada nos dias de hoje para falar do seu pioneirismo no bairro e do seu protagonismo exige dizer das condições e fragilidades que confrontou para se produzir o presente. E isso pode não ser uma visibilidade fácil de trazer à tona.

Hoje os trabalhadores podem usufruir dos mercadinhos que possuem no bairro, mas esses nem sempre oferecem preços mais baratos, ou ainda há a falta constante de alguns produtos. Todo início de mês é constante a procura por mercados maiores no centro da cidade, muitos fazem suas compras, colocam em caixas de papelão e trazem em bicicleta, pelo circular, pedem para o vizinho/conhecido que tem carro ou, ainda, pagam para o mercado entregar as compras.

---

<sup>63</sup> IBIDEM.

Porém, não é somente com mercadorias que os trabalhadores precisam adotar outros meios de terem acesso a diferentes espaços da cidade. Manoel destacou em nossa conversa que no início do ano de 2014 precisou buscar assistência médica devido a um agravamento de um problema em sua coluna:

foi numa segunda-feira... quando eu consegui levantar da cama pensei em ir no médico, aqui da vila mesmo, sorte que naquele dia tinha médico no postinho... Cheguei lá eu conhecia a enfermeira e ela vendo minha situação... eu não conseguia nem sentar direito, aí ela me encaixou e passou para eu me consultar com o médico. <sup>64</sup>

A ação da enfermeira foi o que proporcionou seu Manuel conseguir atendimento, pois o médico estava atendendo naquele dia, entretanto, isso não significava que iria conseguir atendimento. Porém, sua jornada para sanar suas dores não parou por aí:

o médico passou alguns comprimidos lá, pra dor sabe? E uma injeção também... que eu nem conseguia ler o nome no papel... só que nem os comprimidos e nem a injeção tinha lá no posto. Eu tinha que ir lá no centro, no hospital 24 hrs para pegar eles [...] aí tinha um vizinho meu que tem carro, né? Aquele dia ele estava de folga do trabalho e estava indo pra cidade, aí me deu carona até o posto...<sup>65</sup>

Para chegar ao Hospital 24 horas, Manoel teve que se deslocar em torno de 7 km para chegar ao centro da cidade, onde o Posto Central está localizado. No caso de Manoel, ele conseguiu a carona na ida com o seu vizinho. Ao chegar lá, Manoel identifica outros limites e apresenta a seguinte avaliação:

fui na farmácia para ver se tinha os comprimidos de dor, não tinha, eu teria que comprá-los... aí pediram para eu ir lá na sala da enfermeira para tomar a injeção... aí eu fui e tomei. Sai do posto e fui para rodoviária para pegar o circular para ir embora.<sup>66</sup>

A solução para voltar para sua residência foi utilizar o ônibus. Ainda assim, o “dar um jeitinho” de Valdete também está presente nas práticas de Manoel, assim como na vida de tantos outros trabalhadores, é por isso que a frase “no mais está tudo bem” é tão intrigante, pois o que está sendo encarado e analisado que permite chegar-se à conclusão que está tudo bem? E o que está ficando de fora dessa análise generalizante que o registro do Poder Público procura construir?

---

<sup>64</sup> MANOEL (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, 25/08/2014

<sup>65</sup> IBIDEM

<sup>66</sup> IBIDEM

Classificar o que está bom e o que não está, talvez seja um tanto arriscado quando observei mais de perto essas inconstâncias do dia a dia desses sujeitos. Parte desta reflexão iniciou-se com o trabalho de conclusão de curso (SANTOS, 2014), em que o foco foi dar visibilidade aos conflitos e valores que são “compartilhados e confrontados” quando os trabalhadores se deparam com o atendimento do Sistema Público de Saúde, porém, neste momento, ela ganha outro sentido na problemática da dissertação

Lidar com fontes é um desafio, porém é o que possibilita o entendimento de como o conhecimento histórico é produzido. Thompson (1998) em sua busca de fontes sobre costumes, aproximou-se dos registros identificados como folclore, indicando a importância não somente da investigação, mas, enquanto historiadores, precisamos estar atentos e dispostos a dialogar com registros que possam contribuir em alguma medida para a construção do conhecimento histórico e ganhar o status de fonte histórica. Thompson entendeu que nessa documentação dos folcloristas as noções de rituais, normas, teatro, tabus, terror, mediações sociais, expressavam, a partir da análise histórica, indícios de relações de poder e do modo de vida desses sujeitos na Inglaterra.

Nesse sentido, ao pensar nas cinquenta fichas de visita domiciliar, cedidas para essa pesquisa pela assistente municipal de saúde, implicava a necessidade, não sem dificuldades, de não perder de vista minha problemática, isto é, investigar em que medida poderia, por meio das anotações da assistente municipal, problematizar o modo de vida dos trabalhadores em Guaíra, partindo do bairro Vila Eletrosul.

No dia 24 de agosto de 2014, a assistente familiar visitou a casa de Dona Júlia, situada em umas das ruas que não possuem asfalto. Em suas anotações sobre Dona Júlia, a assistente escreveu que:

Visita domiciliar para acompanhamento da família dona Júlia, me disse que acordou mal com dor no corpo, falta de ar, e tomou teofilina 700 mg, e disse que está se sentindo melhor, seu marido passou mal ontem de ontem e sua pressão subiu, pois bebe cerveja com limão, sal e disse que no mais está tudo bem na casa e que não teve mais nenhum problema ultimamente.<sup>67</sup>

Dona Júlia forneceu informações que pudessem compor o controle que a assistente realiza ao acompanhar mensalmente a saúde dos trabalhadores que vivem no bairro Vila Eletrosul, principalmente os idosos, como no caso de Dona Júlia e de seu marido. O casal, além da visibilidade de suas condições de sobrevivência (ainda com essa idade), expõe as

---

<sup>67</sup> JÚLIA (pseudônimo). [FICHA DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR]. Guaíra-PR. 24/08/2014. Ficha de acompanhamento familiar das assistentes de saúde da prefeitura Municipal de Guaíra. Acervo da autora.

dificuldades do passar dia após dia com dores, doenças e medicações, que pressionam alterarem hábitos e possibilidades de convívio social.

Porém, o escrito sobre seu esposo ter passado mal é um tanto instigante para compor essa discussão. Eles sabiam que para alguém que sofre de pressão alta, a “cerveja, com limão e sal”, não é o melhor. O fato é que essa atitude aparenta incomodar Dona Júlia mais do que por motivos de saúde, pois foi ela quem relatou o ocorrido à assistente, não seu marido.

Aliás, talvez possamos nos arriscar a dizer que junto à preocupação com o controle da pressão alta do marido, há uma tensão sobre a prática de beber que ele possui (principalmente por destacar não ser a primeira vez). Por isso, conseguir a adesão da assistente para repreender tal ato seria importante para os interesses de Dona Júlia (na relação com o marido).

Não acredito que cuidar da saúde não seja importante para Manoel ou para o marido de Dona Júlia, ou mesmo para tantos outros trabalhadores a ponto de ser entendido esse estado de dor ou dificuldades com o cuidado com a saúde como algo normal. Entendo que essa condição não pode se distanciar das práticas rotineiras desses sujeitos e das relações que estabelecem frente a tantas outras dificuldades que vão firmando e os diversos caminhos adotados para lidarem com cada uma delas.

O modo como vivem, enfrentam, avaliam e decidem suas vidas, expressam uma realidade extremamente desigual. Ao trazer como evidência o processo de criação do bairro entendi a necessidade de problematizar esse processo, que não foi de modo harmonioso mas sim conflituoso, compreendendo que o Eletrosul se torna expressivo na medida em que se coloca em evidência a experiência desses sujeitos e foi esse o esforço direcionado a essa discussão. Por mais que as condições expostas apontem práticas e relações tensas, mais problemático ainda é compreender esse universo a partir do que os trabalhadores enfrentam e valoram diariamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao fim desta discussão considero importante ponderar algumas considerações sobre a pesquisa, pois no processo de questionamento e interpretação das fontes, entendi que o morar para os trabalhadores é expressivo na medida em que a partir dela é possível identificar outros sentidos que interpelam o modo de viver desses sujeitos.

Mas por que o Eletrosul? Morar na Eletrosul fez parte dos meus questionamentos não apenas na escrita do trabalho, mas principalmente na busca de dar significado à minha própria trajetória. Como já mencionado, por diversas vezes percebi que não bastava identificar problemas no bairro, mas como eles eram expressivos para quem vivia ali, porque moramos lá.

Durante a escrita, as tentativas foram explorar as chegadas, partidas, desencontros e motivações. Particularmente, encontrar pessoas que já não residem no bairro, em certa medida, era o que eu esperava. Contudo, lidar com os trabalhadores que apesar dos pesares não pensam em sair do Eletrosul foi o desafio.

Desafio no qual eu também me coloco, porque eu também estou lá e por isso considero o morar expressivo e inquietante. Porque, de fato, uma casa nos diz das condições materiais com as quais o trabalhador vive, mas expandir esse olhar permite observar as relações que esse sujeito estabelece nesse bairro, vendo o posto de saúde, as ruas, a falta de iluminação ou a falta de água. Tudo isso, diz muito de um lugar e daqueles que estão ali, mas o morar é um indício do que se vive, do que se espera viver e o que visualizam daquele lugar.

Esses sentidos que se expressam nas ações dos trabalhadores, suas práticas sobre o convívio social, sua avaliação da realidade, que trazem à tona desigualdades, conflitos e contradições nas lutas, conquistas e necessidades que apresentam.

Além disso, ao passar por essas questões, o conflito também se fez presente de modo particular para mim, justamente por ter que trazer determinadas realidades das quais eu conhecia, para que não virasse uma pauta de denúncia, mas sim pudesse discutir, de modo efetivo, que apesar de tantos outros bairros, entendo que o Eletrosul se tornou expressivo pra mim justamente por isso: porque eu conheço os trabalhadores que aqui moram e me reconheço neles.

A obra de Thompson (2002, p179-224) me auxiliou a pensar nos modos de vida dos trabalhadores, quando o autor discute não apenas a péssima condição de trabalho durante o

século XVIII, mas, também, como aquela condição influenciou diretamente no modo de vida desses trabalhadores.

Em relação às condições de vida no campo os indicadores urbanos apresentavam alterações significativas para um conjunto de trabalhadores, porém, junto a isso destacava que problemas estruturais na sua condição de classe persistiam: a cidade não estava preparada e planejada para o aumento populacional e nem garantia a todos o acesso aos bens e serviços que se propagandeava como sinônimo do viver urbano e industrializante o que colocou grande parte dos trabalhadores diante da escassez de serviços básicos na cidade, principalmente em relação a saneamento básico, abastecimento de água, condições de moradia, tratamento médico assim como o enfrentamento da fome e doenças.

Em seu texto “Exploração” (THOMPSON, 1981), ao problematizar as estatísticas da época que aparentemente indicavam grande melhoria de vida dos trabalhadores, na realidade ele conclui que as alterações nos padrões de vida dos trabalhadores não significaram qualidade, ou diminuição nas relações de exploração, ao contrário as evidências o levavam a pensar na intensificação e constância desse processo de exploração e de péssimas condições de vida.

Essa reflexão me auxiliou a entender que era necessário olhar para além do que faltava enquanto infraestrutura no bairro, o que por vezes fizeram parte das minhas formulações, mas elas não resolviam minha problemática, longe disso, elas precisam aparecer na medida em que expressam sentidos para os trabalhadores e suas ações.

Não desconsidero que identificar esses elementos seja algo irrelevante, pois se o alicerce, o fio condutor for a vida dos trabalhadores e, mais ainda, a pergunta for em torno de: como que tais condições se fazem presentes em suas vidas? Acredito que esse é o arco de minhas preocupações.

Não tenho como pretensão formular o que seria resolver todas essas demandas, mas quando me deparo com as fichas da assistente de saúde, com o lixo acumulado nas ruas, muitas casas deterioradas ou com a fila no posto de saúde de madrugada para marcar consulta, fico pensando o que o “melhoramento de vida” encaminhado nessas últimas décadas significa para essas pessoas, principalmente porque “no mais, [não] está tudo bem”, ainda que a vida precise seguir.



## FONTES:

### **Acervo Jornalístico e Material da internet:**

- Jornal Ilha Grande. Guaíra-PR. (1982-1990). Pesquisa realizada na residência da proprietária do Jornal, local onde se encontra todo o acervo do Jornal. Fevereiro de 2016.
- Portal Guaíra [on-line]. Disponível em: <http://www.portalguaira.com>
- GUAÍRA. Câmara Municipal de Guaíra [on-line]. Disponível em: <<http://www.camaraguaira.pr.gov.br/archives/2537>>
- GUAÍRA - Vila Eletrosul. Imagem capturada de Google Earth. 2016. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-24.0758349,-54.2156394,4373m/data=!3m1!1e3>
- SANTOS, Cleidiane. Hidrelétricas: energia pra que e pra quem? *Carta Capital*. 12 dez. 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/hidretricas-energia-pra-que-e-pra-quem-4303.html> Acesso: 17 jan. 2017.
- CUNHA, Carolina. Ditadura militar: grandes obras e truculência policial são algumas heranças do regime. 30 de abril 2014. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ditadura-militar-grandes-obras-e-truculencia-policial-sao-algumas-herancas-do-regime.htm?cmpid=copiaecola> Acesso: 17 jan. 2017.

### **Entrevistas:**

- MANOEL (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, 25/08/2014.
- CLÁUDIA (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na Unidade Central de Saúde, em 22/09/2014.
- HELENA (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência da entrevistada, em 13/01/2015.
- VALDETE (pseudônimo) Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.
- LUIS (pseudônimo). Entrevista realizada em Guaíra-PR, na residência do entrevistado, em 28/01/2016.

### **Fichas de Acompanhamento Familiar (Prefeitura Municipal de Guaíra)**

- Fichas de acompanhamento familiar de assistentes municipais de saúde, Prefeitura Municipal de Guaíra-PR. Acervo da autora contando com cem fichas.

### **Acervo da Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul**

- LIVROS DE ATAS. 1992 a 2013. Acervo da Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul. Pesquisa realizada na Associação em 2015.
- FOTOGRAFIAS. Acervo da Associação dos Moradores do bairro Vila Eletrosul. Pesquisa realizada na Associação em 2015.

### **Caderno de Anotações da Pastoral da Criança e da Pastoral da Saúde (2016)**

#### **Imagens**

##### **Imagem 3: Localização de Guaíra no estado Paraná**

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gua%C3%ADra\\_\(Paran%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gua%C3%ADra_(Paran%C3%A1)) Acesso em: 15 jan. 2017

##### **Imagem 2: Vista Área do bairro Vila Eletrosul - 1986**

Fonte: ASSOCIAÇÃO dos Moradores Bairro Vila Eletrosul. Vista aérea. 1986.

Organização da autora

##### **Imagem 3 - Visão Panorâmica da localização da Vila Eletrosul -2016**

Fonte: Imagem capturada de Google Earth. 2016. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-24.0758349,-54.2156394,4373m/data=!3m1!1e3> Acesso em: 04 julho 2016. Organização da autora.

**Imagem 4 Residência da entrevistada de Elaine (pseudônimo)**

Fonte: Organização da autora

**Imagem 5 - Residência do bairro que compunha a antiga Vila Operária**

Fonte: Organização da autora

**Imagem 6 - Residência do bairro que compunha a antiga Vila Operária**

Fonte: Organização da autora

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo R.; CALVO, Célia R.; CARDOSO, Heloísa P. Trabalho e Movimentos Sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Organizado por Heloísa Helena P. Cardoso e Maria Clara T. Machado. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 11-38.
- BARCELOS, V. Sete novas cidades de Mato Grosso. **Paisagem e ambiente: Ensaio**. São Paulo, n. 34, p. 61-80, 2014.
- Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/viewFile/97119/96195> Acesso em: jan. 2017.
- CARVALHO, Joselene I. S. L. **Deslocamento de trabalhadores de Guaíra para frigoríficos no Oeste do Paraná: dinâmica histórica da industrialização regional**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2013
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 179p.
- CLARO, Cristian A. A. A luta por pertencimento: as ocupações como constituintes do espaço urbano e o caso de Vila Alta (Guaíra/PR). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2015.
- CORRÊA, Simone de Souza. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Comissão Pastoral da Terra e a luta dos expropriados da ITAIPU em Guaíra/PR (1975-1990). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2013.
- COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**. São Paulo, n.15, p. 165-191, abril, 1997. Conferência proferida no evento Ética e História Oral
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FENELON, Déa R. et al. (Org). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- FIOROTTI, Cíntia. Migrações e mudanças no mundo dos trabalhadores a partir das trajetórias ocupacionais de trabalhadores em Guaíra-PR entre 1970 e 2010. **Tempo da Ciência**, v. 21, p. 33-44, 2014.
- FREITAS, Sheille Soares de. **Por Falar em Culturas... Histórias que Marcam a Cidade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, 392p.
- IPARDES. **Guaíra passado, presente e futuro- Estudo de alternativas sócio-econômicas**. Vol II. Impactos nas obras sobre Guaíra e propostas de ação. Curitiba: IPARDES, 1981, p. 127-128. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/guaira\\_passado\\_presente\\_05\\_81\\_v2.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/guaira_passado_presente_05_81_v2.pdf). Acesso em: 01 de Julho de 2016.
- JOAQUIM, Áurea R. et al. **A influência do Projeto Ilha Grande no Comércio de Guaíra**, 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 1991.
- LIMA, Cíntia Fiorotti. Mudanças no mundo do trabalho e a experiência das trabalhadoras envolvidas na “venda” de produtos por catálogo da Avon e Natura. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina. **Anais...** Londrina: GEPAL/UDEL, 2008. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/cintia\\_fiorotti\\_lima.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/cintia_fiorotti_lima.pdf) Acesso em: 05 de out. 2012.

- MACIEL, Laura Antunes. "Produzindo Notícias e Histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa- 1880/1920". In: FENELON, Déa Ribeiro e outros(orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D'Água, 2004.
- PAULA, Cátia F. S. **Mudanças no mundo dos trabalhadores: os pescadores profissionais de Guaíra/PR (1970-2011)**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2016.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: UFF/Relume-Dumará, v. 1, n. 2, 1996.
- \_\_\_\_\_. O melhor limpa-latas da cidade: a vida e os tempos de Valtêro Peppoloni, trabalhador. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- \_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, 1997.
- PRIMAVERA DO LESTE. **História de Primavera do Leste**. Disponível em: <http://camarapva.com.br/livro.pdf> Acesso em: jan. 2017.
- ROLNIK, R. Exclusão Territorial e Violência: O caso do Estado de São Paulo. **Cadernos de Textos**, Belo Horizonte, v. 2, 30 ago. 2000.
- \_\_\_\_\_. História urbana: história na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marcos A. de F. (Org.). **Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura/Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/ANPUR, 1992, p. 27-29.
- SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Trabalhadores em Movimento: Horizontes Abertos em Marechal Cândido Rondon-PR: Segunda metade do século XX e início do século XXI**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, 240p.
- SANTOS, Janaina Rodrigues dos. **Trabalhadores em Guaíra: discutindo tratamentos e tensões no enfrentamento do serviço público de saúde no século XXI**. 2014. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2014.
- SILVA, Tatiane K. Matos. **Conflitos pela terra na gleba ponte queimada**. Experiências de disputas por terras em narrativas (1960-1972). Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2016.
- SOUZA, Edson Belo Clemente de, SILVA Jose Flávio Marques. A (re)organização do espaço em Guaíra após o fim das Sete Quedas. **Ra'ega**, Curitiba, n. 14, p. 88-90, 2007.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa**. Tomo I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Tomo II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998,